

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Debora Santos Londero

**“VOCÊ É AQUILO QUE VOCÊ COME”:
O VEGANISMO ENQUANTO ESTILO DE VIDA E
ATIVISMO POLÍTICO**

**Santa Maria, RS
2019**

Debora Santos Londero

**“VOCÊ É AQUILO QUE VOCÊ COME”:
O VEGANISMO ENQUANTO ESTILO DE VIDA E ATIVISMO POLÍTICO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Instituições, Cultura e Globalização, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**

Orientador: Prof. Everton Lazzaretti Picolotto

Santa Maria, RS
2019

Londero, Debora Santos
"VOCÊ É AQUILO QUE VOCÊ COME": O VEGANISMO ENQUANTO
ESTILO DE VIDA E ATIVISMO POLÍTICO / Debora Santos
Londero.- 2019.
113 p.; 30 cm

Orientador: Everton Lazzaretti Picolotto
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2019

1. Veganismo 2. Estilo de Vida 3. Engajamento Político
4. Movimento Social 5. Ética Animalista I. Picolotto,
Everton Lazzaretti II. Título.

Debora Santos Londero

**“VOCÊ É AQUILO QUE VOCÊ COME”:
O VEGANISMO ENQUANTO ESTILO DE VIDA E ATIVISMO POLÍTICO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Instituições, Cultura e Globalização, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**

Aprovado em 22 de março de 2019:

Everton Lazzaretti Picolotto, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Rosana Pinheiro Machado, Dra. (UFSM)

Sergio Botton Barcelos, Dr. (FURG)

Santa Maria, RS
2019

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

“VOCÊ É AQUILO QUE VOCÊ COME”: O VEGANISMO ENQUANTO ESTILO DE VIDA E ATIVISMO POLÍTICO

AUTORA: DEBORA SANTOS LONDERO

ORIENTADOR: EVERTON LAZZARETTI PICOLOTTO

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 22 de março de 2019.

Na presente dissertação, busca-se como tema de pesquisa tratar da questão do veganismo enquanto uma proposta de engajamento político alinhado com as questões referentes ao estilo de vida e escolhas de consumo. Dessa forma o problema de pesquisa visa responder a seguinte questão: Diante da cultura de exploração dos animais e baseado na hierarquia de espécies, como o movimento vegano, pensado enquanto um ‘novo’ movimento social, suas práticas alimentares e seu discurso abolicionista configuram para um novo campo de atuação política calcado no engajamento social individual e coletivo de seus atores? O presente trabalho de pesquisa busca construir os pontos de convergência do veganismo tanto como um estilo de vida baseado em práticas de consumo ético, quanto um movimento que se coloca para além de uma dieta alimentar, mas sim como um movimento que baseia suas ações e escolhas pelo cunho ético e político. A metodologia foi a de análise qualitativa dos dados. O Método de coleta de dados foi por meio de dois questionários de respostas abertas, utilizando a tecnologia do Formulários Google. Além do questionário para coleta de respostas, também foram feitas observações *in loco* das edições de Feira Vegana na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Também ao longo dos anos de 2017 e 2018 foram feitas observações regulares, exploratórias e não sistematizadas em vários grupos e páginas nas redes sociais digitais do site de relacionamentos Facebook. Como considerações finais, pode-se perceber no veganismo a partir de duas perspectivas que se cruzam e se entrelaçam, e que possibilitam o compreender de forma mais plena. A primeira é perceber o veganismo enquanto um estilo de vida, e a segunda é o veganismo enquanto um movimento, um ativismo, um engajamento social, elementos que poderão ser percebidos ao longo dos próximos capítulos.

Palavras-chave: Veganismo; Estilo de Vida; Engajamento Político; Movimento Social; Ética Animalista.

ABSTRACT

Master Course Dissertation
Post-Graduation Program in Social Sciences
Universidade Federal de Santa Maria

“YOU ARE WHAT YOU EAT”: THE VEGANISM AS LIFESTYLE AND POLITICAL ACTIVISM

AUTHOR: DEBORA SANTOS LONDERO
ADVISER: EVERTON LAZZARETTI PICOLOTTO
Defense Place and Date: Santa Maria, March 22nd, 2019.

This dissertation seeks to address the issue of veganism as a topic of research while a proposal as theme of research the veganism as a proposal of political engagement, close to matters as lifestyle and consume. In this way, I try to answer this question: Against the culture of the exploration of the animals based on a species hierarchy, how the veganism, as a “new social movement”, think their food relationship. In addition, how their abolitionist discourse contribute to open a new field of political action formed by individual and collective social engagement of his social actors? The present research try to build convergence points of the veganism as a lifestyle based in practices of ethic consume, and as movement which put itself beyond of a food regimen, but as a movement that found actions and choices from ethics. The methodology was the qualitative data analysis. The data collected by survey with open answers, with Google Forms technology, from groups of veganism in social media Facebook. Moreover the survey, was made research *in loco* in editions of vegan markets in the city of Santa Maria, Rio Grande do Sul. Through the years of 2017 and 2018 was made observation regularly, exploratory non-systematized in groups from social media, especially Facebook. As a conclusion, it can be seen in veganism from two perspectives that intersect and intertwine, and that make it possible to understand it more fully. The first is to perceive veganism as a way of life, and the second is veganism as a movement, an activism, a social engagement.

Keywords: Veganism; Lifestyle; Political Engagement; Social Movement; Animal Ethics.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.....	51
Gráfico 2.....	52
Gráfico 3.....	53
Gráfico 4.....	72
Gráfico 5.....	73
Gráfico 6.....	73

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1.....	85
Ilustração 2.....	85
Ilustração 3.....	87
Ilustração 4.....	87
Ilustração 5.....	89
Ilustração 6.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 VEGANISMO ENQUANTO UMA QUESTÃO SOCIOLÓGICA	24
1.1 PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS DA ALIMENTAÇÃO.....	24
1.2 CONSUMO POLÍTICO E REFLEXIVIDADE.....	28
1.3 VEGANISMO: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....	35
1.4 SER VEGANO: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS E ÉTICOS.....	41
2 VEGANISMO: ESTILO DE VIDA E MUDANÇAS NO COTIDIANO	50
2.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	50
2.2 INICIANDO NO VEGANISMO.....	53
2.3 MODIFICAÇÕES NO COTIDIANO.....	59
2.3.1 O Maravilhoso Mundo dos Rótulos	59
2.3.2 (Re)Descobrimdo a Cozinha	62
2.3.3 Impacto nos círculos familiares e de amigos e a iminência de conflitos	64
2.4 VEGANISMO: UM ESTILO DE VIDA ÉTICO.....	67
3 VEGANISMO E ATIVISMO POLÍTICO	71
3.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	71
3.2 VEGANISMO DA MESA PARA O ATIVISMO.....	74
3.2.1 Veganismo enquanto um “novo” movimento social	74
3.2.2 Solidariedade e ativismo formal	77
3.2.3 Como se luta: ações e boicotes	79
3.3 CONTRA QUEM O VEGANISMO LUTA?.....	82
3.3.1 Ativismo vegano e pelos animais? O caso do Cachorrinho morto pelo segurança de uma grande rede de hipermercados francesa em Osasco – SP	83
3.3.2 O caso do embarque dos bois no Porto de Santos	88
3.4 FORMA DE MOBILIZAÇÃO: AS REDES SOCIAIS.....	92
3.5 “AFINAL O QUE QUEREM OS VEGANOS?”.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
BIBLIOGRAFIA	100
ANEXO – ROTEIROS DE QUESTIONÁRIO	106

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, busco como tema de pesquisa tratar da questão do veganismo enquanto uma proposta de engajamento político alinhado com as questões referentes ao estilo de vida e escolhas de consumo. Dessa forma em meu problema de pesquisa busco responder a seguinte questão: Diante da cultura de exploração dos animais e baseado na hierarquia de espécies, como o movimento vegano, pensado enquanto um 'novo' movimento social, suas práticas alimentares e seu discurso abolicionista podem contribuir para um novo campo de atuação política calcado no engajamento social individual e coletivo de seus atores?

Inicio explorando as questões referentes aos estudos sobre alimentação e consumo, que têm se constituído como uma área de trabalho relativamente nova no campo das ciências sociais. De caráter multidisciplinar, pode mobilizar diferentes áreas do conhecimento, desde as ciências humanas, como a antropologia e a sociologia, até as áreas das ciências naturais e da vida, principalmente a biologia e a nutrição. Contemporaneamente, muito tem se falado de estudos sobre a alimentação, e nas pesquisas mais recentes têm se feito uma problematização para além do campo da agricultura e da produção ou do papel do Estado. Novos enfoques têm se afirmando como preocupações centrais, dentre eles os estudos ligados principalmente ao consumo e diferentes tipos de comensalidades (BARBOSA, 2016; MENDEZ E GARCÍA, 2016). A alimentação é um complexo simbólico de sistemas sociais, sexuais, políticos, religiosos, éticos e estéticos entre outros, e para além de um processo orgânico, também é uma questão econômica, social e cultural (CARNEIRO, 2003). Segundo Ortiz (1994) podemos considerar a refeição enquanto uma verdadeira instituição social, em que o costume da partilha da mesma mesa constitui uma unidade à vida doméstica além de uma coesão ao grupo familiar, mas que contemporaneamente este seria um costume que tem passado por modificações, pois hoje cada um coordena seu tempo de acordo com suas próprias atividades. Abdala (2005) considera que o ato de comer vem ganhando novas formas e conteúdos devido às mudanças sociais vigentes, como rearranjos familiares e questões de gênero. Dessa forma, o ato de comer, a refeição, deixa de estar estritamente ligado ao espaço doméstico. Mintz (2001) fala que a comida está relacionada à identidade social, sendo algo que representa uma base que liga o mundo das coisas ao mundo das ideias por meio dos nossos atos.

Seguindo a perspectiva de uma sociologia da alimentação e consumo, este trabalho trata inicialmente com questões relativas ao veganismo a partir de um viés político, em que se percebe o processo do consumo através do engajamento político. Dessa forma, o foco será no movimento vegano tendo como pano de fundo as discussões acerca do mesmo enquanto um estilo de vida e um engajamento político.

Na possibilidade de relacionar tanto ativismo quanto estilo na perspectiva do movimento vegano, o consumerismo político (MICHELETTI, 2003) e o consumo crítico (SASSATELLI, 2006; 2015) nos ajudam a compreender a questão do consumo enquanto uma prática não apenas guiada pelas impulsões momentâneas e pelas necessidades individuais, mas que compreendem o consumo enquanto práticas que estão ligadas a contestação política e responsabilidade social.

Portilho *et al* (2011), fala da necessidade de criação de “uma agenda de pesquisa capaz de captar esses novos processos de politização da alimentação, bem como as práticas de consumo político nesse campo” (PORTILHO ET AL, 2011, p. 107). Dentro desse contexto, busco através dessa necessidade tratar das questões de consumo político junto a um grupo que vem crescendo e ganhando bastante destaque nos últimos anos. A proposta de investigação que busco construir está ligada às relações, pontos de convergência (e quem sabe as divergências também) entre as práticas de consumo de alimentos e produtos por parte das pessoas veganas (ou *vegans*), que se coloca para além de uma dieta alimentar, mas como uma ação de cunho ético tanto quanto político. Dentro dessa perspectiva de ação política, busca-se tratar a relevância o movimento vegano a partir do engajamento político, que é uma das formas de expressão e participação das atividades sociais e políticas (KUNRATH DA SILVA E RUSKOWSKI, 2016).

Fazendo uma prévia análise exploratória da realidade social, é observável que a utilização de animais para a alimentação, entretenimento e pesquisas científicas é algo que é vigente na sociedade. Dentro desse contexto, considerarei três elementos como importantes para compreender a questão dos animais não-humanos em relação aos humanos: primeiramente seriam as questões éticas acerca da utilização dos animais para os interesses humanos: é ético se apropriar da vida e utilizar animais não-humanos a serviço dos interesses dos humanos? Segundo, seria a questão dos direitos dos animais, algo em pauta de movimentos

ambientalistas e de defesa dos animais, no contexto moderno, no surgimento de novas questões acerca do direito e, especificamente, nas questões de legislações para os animais, quais seriam as medidas protetivas adotadas para a garantia de seus direitos, e quais espécies estariam enquadradas na garantia destes? E o terceiro e último seria como os dois questionamentos anteriores contribuem para a construção de um discurso e de uma prática vegana, fazendo uma leitura de movimento social contemporâneo e com um alto grau de engajamento político baseado no privado e no cotidiano.

Este trabalho busca construir os pontos de convergência do veganismo tanto como um estilo de vida baseado em práticas de consumo ético, quanto um movimento que se coloca para além de uma dieta alimentar, mas sim como um movimento que baseia suas ações e escolhas pelo cunho ético e político.

Penso o veganismo dentro da perspectiva dos “novos” movimentos sociais; e observar esses movimentos na contemporaneidade é de grande importância para compreendermos o processo de lutas, tanto históricas quanto recentes, e que pleiteiam a busca por mudanças sociais a partir do início do século XXI. Porém, para pensarmos esses movimentos e ações coletivas, também precisamos compreender como estes se modificam também a partir das transformações tecnológicas e no meio comunicacional a partir do final da década de 1990 (CASTELLS, 2013). A primeira vez que se falou em veganismo foi em 1944, com a fundação do “*The Vegan Society*” na Inglaterra, entretanto, a difusão de uma forma mais sistemática do movimento vegano se deu na virada do século XX para o XXI, com o advento de uma massificação das tecnologias comunicacionais, de informação e dos transportes também.

Com as mudanças sociais, tecnológicas e culturais do final do século XX, as lutas e ações coletivas dos movimentos sociais se deslocaram para um campo cultural da sociedade. Segundo Touraine (2003), o conflito cultural é central na sociedade de hoje, assim como o conflito econômico da sociedade industrial e o conflito político do princípio da modernidade foram em épocas anteriores. Como recorte de movimento social, busco tratar aqui o movimento vegano, como um novo movimento, e que nos últimos anos têm chamado bastante atenção para a questão dos direitos dos animais, se alocando também no fomento às modificações culturais no âmago da sociedade, na forma como as pessoas consomem. Dentro desse contexto, busco através dessa necessidade tratar das questões de consumo político

junto a um grupo que vem crescendo e ganhando bastante destaque nos últimos anos, o que reflete na ascensão do mercado específico vegano, que chega a crescer em 40% ao ano, como ano-base o de 2016¹.

Como objetivo geral deste trabalho busca-se compreender o veganismo, a partir de seu discurso abolicionista, antiespecista e pelos direitos dos animais, enquanto um processo de engajamento político individual, em convergência a um estilo de vida, se dando principalmente através das opções de consumo e discursos que possuem um viés ético e político de seus atores sociais.

Já os objetivos específicos seguem enumerados abaixo:

1. Compreender a dinâmica do veganismo enquanto um estilo de vida que preconiza um viés ético e político nas ações do cotidiano;
2. Observar grupos e página sobre veganismo que se organizam principalmente no espaço da rede social Facebook, e que tem como objetivo estabelecer laços entre pessoas veganas e difundir as ideais do veganismo a possíveis interessados;
3. Observar como ocorre a expressão política vegana fora do ambiente digital, quais os agentes centrais de suas manifestações, onde estas ocorrem, quais os objetivos das mesmas, tentando observar até que ponto o veganismo pode ser lido enquanto um “novo” movimento social;
4. Compreender o que objetiva a ética animalista e o movimento vegano enquanto proposta para a sociedade.

A metodologia utilizada foi a de análise qualitativa dos dados. O Método de coleta de dados foi por meio de dois questionários de respostas abertas, utilizando a tecnologia Formulários Google, no qual se cria um questionário e através de um link gerado pelo sistema, pode-se enviar para quantas e quais pessoas quiser. O questionário, por conter muitas perguntas, foi dividido em duas partes.

¹ Mercado vegano cresce em 40% ao ano no Brasil: <http://emails.estadao.com.br/blogs/comida-de-verdade/mercado-vegano-cresce-40-ao-ano-no-brasil/> acessado em 30 de abril de 2018.

Veganismo cresce e cria oportunidades: <http://economia.estadao.com.br/blogs/sua-oportunidade/veganismo-cresce-e-cria-oportunidades/> acessado em 30 de abril de 2018.

Mercado voltado para o veganismo cresce no Brasil: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/03/mercado-voltado-para-o-veganismo-cresce-no-brasil.html> acessado em 30 de abril de 2018.

Cresce o mercado vegano: <http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI130934-17153,00-CRESCE+O+MERCADO+VEGANOS.html> acessado em 30 de abril de 2018.

A primeira parte tratava sobre aspectos mais cotidianos e privados da vida das pessoas que são veganas. Esse primeiro possuía quatro seções, na primeira seção estava descrito quem era a pesquisadora com a solicitação de participação da pesquisa. Na segunda seção solicitava-se alguns dados pessoais (nome, idade, cidade, grau de escolaridade, profissão e estado civil). A terceira seção era onde estava o roteiro de perguntas, que possuía 10 questões abertas (nas quais a pessoa pode escrever à vontade sua resposta). A última seção se tratava de um agradecimento pela participação com um espaço para críticas e sugestões (caso a pessoa achasse necessário).

O questionário ficou aberto para ser respondido do dia 3 de novembro até o dia 5 de novembro em dois grupos de Facebook sobre veganismo: 1) Vegs e aliados Santa Maria, grupo local da cidade de Santa Maria/ RS e região que busca centralizar pessoas que já são veganas, ou que estejam buscando o processo de transição para o veganismo; e 2) VegAjuda – Veganismo, grupo de caráter nacional que tentar reunir veganos e pessoas em transição do Brasil, possui um caráter de auxiliar pessoas veganas em busca de marcas adequadas ao consumo vegano através de listas que são constantemente atualizadas de produtos que não carreguem qualquer tipo exploração animal em seu conteúdo.

Recebi ao todo 38 respostas, 36 durante o período original de coleta de respostas, e mais 2 respostas, quando o questionário 1 foi reaberto no período em que o questionário 2 estava coletando respostas. O segundo questionário também possui quatro seções e tinha por objetivo coletar respostas que estivessem relacionadas ao ativismo vegano de pessoas veganas. A primeira, segunda e quarta seção eram semelhantes ao primeiro questionário já citadas acima (apenas nos dados pessoais do segundo questionário foram retirados estado civil e nome). A terceira seção possuía um roteiro com 13 questões (11 com respostas abertas e 2 de marcar, em que a pessoa poderia marcar quantas respostas quisesse). O questionário ficou aberto de 18 de novembro até 15 de dezembro e recebeu o total de 18 respostas. Dessa vez, além dos dois grupos anteriores, o questionário também ficou aberto em mais três outros grupos: 1) Veganismo, 2) Veganismo Social – Discussões Interseccionais e 3) Veganismo e Libertação Animal, todos de caráter nacional.

Além do questionário para coleta de respostas, também foram feitas observações *in loco* das edições de Feira Vegana na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, que ocorreram de agosto a outubro de 2018.

Ao longo dos anos de 2017 e 2018 também foram feitas observações regulares, exploratórias e não sistematizadas em vários grupos e páginas nas redes sociais digitais do site de relacionamentos Facebook. Segue abaixo a relação de nomes e uma pequena descrição do mesmo.

Quadro 1 – Grupos de Facebook pesquisados

Nome do Grupo/Página	Propósito e alcance
Vegs e aliados – Santa Maria	Página/grupo que busca reunir veganos, vegetarianos e interessados no assunto e que residam na região de Santa Maria/ RS.
Vegajuda – veganismo	Página/grupo de caráter nacional que busca ser suporte para quem está interessado em conhecer e virar vegano. Responde dúvidas, presta orientação além de ter lista atualizada de produtos adequados ao consumo. Antigamente seu nome era "Troll Ajuda".
Veganismo social – Discussões interseccionais	Grupo que discute veganismo para além da ética animalista, trazendo um enfoque da interseccionalidade das diferentes lutas sociais (feminista, antirracista, LGBT's, entre outras).
Veganismo	Grupo que e apresenta enquanto espaço de diálogo e discussões entre veganos, além de tirar
Veganismo Popular	Grupo que visa demonstrar a possibilidade de ser vegano mesmo com poucos recursos financeiros, numa tentativa de popularização do veganismo enquanto uma prática ética possível.
Vegana pobre	Página que busca mostrar que o veganismo pode ser acessível a todos. Também fala de redução de lixo e impactos de consumo.

Quadro 1 – Grupos de Facebook pesquisados

(continuação)

Nome do Grupo/Página	Propósito e alcance
Free Vegans	Grupo que tem o objetivo de reunir veganos para discutir assuntos dos mais variados tipos e não apenas voltados ao veganismo.
Veganismo ácido	Página que traz postagens um tanto “ácidas” para discutir o veganismo, seus impactos e suas possibilidades, além de tecer críticas às lógicas “carnistas” da sociedade de consumo.

Alguns sítios foram fundamentais para coletar informações além de ajudar na parte de refletir sobre os dados coletados em questionários, bem como na disposição de materiais para a leitura e um entendimento mais profundo do que se trata o veganismo.

Quadro 2 – Sítios pesquisados

Nome do site	Sítio
Portal Vista-se	https://vista-se.com.br
Sociedade Vegetariana Brasileira	https://www.svb.org.br/
The Vegan Society	https://www.vegansociety.com/
Sociedade Vegana	http://sociedadevegana.org/
Animal Rights The Abolitionist Approach	https://www.abolitionistapproach.com/
Agência de Notícias de Direitos dos Animais	https://www.anda.jor.br/

O presente texto está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado “O veganismo enquanto uma questão sociológica” está dividido em quatro sessões. A primeira traz uma revisão teórica acerca da sociologia da alimentação. A segunda trará uma reflexão sobre consumo político e reflexividade. A terceira trará apontamentos para compreender os aspectos históricos sobre as origens do

veganismo. A quarta e última sessão apresentará os principais expoentes teóricos do veganismo e conceitos-chave para compreender a ética animalista.

O segundo capítulo cujo título é “Veganismo: estilo de vida e mudanças no cotidiano” está dividido em quatro sessões. A primeira sessão apresentará os dados referentes ao primeiro questionário utilizado como coleta de dados para a presente pesquisa que abordava o veganismo enquanto um estilo de vida. A segunda sessão trará relatos da iniciação de alguns participantes no veganismo, suas trajetórias e desafios. A terceira sessão abordará as principais modificações que ocorreram no cotidiano de quem abraçou o veganismo enquanto estilo para a sua vida. E a última sessão trará uma reflexão do veganismo enquanto um estilo de vida ético a partir dos conceitos de *habitus* de Bourdieu e reflexividade de Giddens.

O terceiro capítulo tem o título de “Veganismo e ativismo político” e está dividido em cinco sessões. A primeira sessão trará dados referentes ao segundo questionário utilizado como coleta de dados para a presente pesquisa e que abordava o veganismo enquanto um movimento ético e político de engajamento social. A segunda sessão trará o movimento que converte o veganismo para além da mesa e o coloca enquanto um ativismo engajado, fazendo uma leitura enquanto movimento social a partir da conceituação de Melucci. Na terceira sessão trará contra quem o movimento vegano luta, sendo ilustrado com dois casos que tiveram bastante repercussão nas mídias e meios de comunicação no ano de 2018. A quarta sessão tratará da importância às redes sociais digitais como importantes meios de comunicação e informação para o movimento vegano difundir suas ideias. A quinta e última sessão, por fim, trará uma reflexão dos propósitos maiores que o veganismo preconiza. Utilizando o conceito de “ruptura dos limites de compatibilidade” de Melucci, procura-se refletir, como bem o subtítulo pergunta, “*afinal, o que querem os veganos?*”.

1 VEGANISMO: ESTILO DE VIDA E MUDANÇAS NO COTIDIANO

O presente capítulo trará o veganismo enquanto uma questão da pesquisa sociológica, além de apresentar o movimento vegano enquanto uma expressão da questão alimentar na contemporaneidade. O primeiro capítulo está dividido em quatro seções. Na primeira seção busca-se tratar da questão da alimentação enquanto um fato social total dentro da nossa sociedade, também será apresentada a fundamentação teórica da comensalidade e, por fim, farei uma discussão teórica sobre consumo na contemporaneidade. A segunda seção se trata das perspectivas do consumo político e a reflexividade enquanto novas formas de se fazer política na sociedade atual. A terceira seção será feita uma contextualização histórica do surgimento do veganismo enquanto movimento alinhado aos movimentos de direitos dos animais no mundo e no Brasil, além de apresentar principais grupos que fundamentam a discussão acerca de direitos dos animais e veganismo no Brasil. Já na quarta parte, trato principalmente das questões teóricas e éticas que norteiam os discursos dos intelectuais que abordam a ética animalista e contribuem para a construção dos valores defendidos dentro do veganismo.

1.1 PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS DA ALIMENTAÇÃO

A alimentação é um processo complexo, perpassando aspectos sociais, biológicos, econômicos, culturais e até mesmo religiosos dos seres humanos, e pode ser lido, a partir de Marcel Mauss, como um exemplo de *fato social total*. Mauss, em seu “Ensaio sobre a dádiva”, concebe o *fato social total* a um desdobramento do *fato social* como seu tio, Émile Durkheim apresenta em “As regras do método sociológico”. Para ele:

Existe aí [nas sociedades arcaicas] um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até as da proto-história. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam. (Mauss, 2003, p. 187).

Assim, alimentar-se está para além de apenas saciar uma necessidade fisiológica do corpo humano para que este continue a desempenhar suas funções. O que se come, como se come e quando se come estão também ligados a determinados contextos económicos (por exemplo, a escolha de produtos mais baratos para classes de poder aquisitivo menor ou em períodos de crise económica); sociais (consumir determinados produtos que possuem algum apreço social, os chamados produtos “de marca”); culturais (consumir alimentos característicos de determinadas regiões ou grupos étnicos, por exemplo, o *sushi* dos japoneses); religiosos (abster-se de determinados tipos de alimentos por períodos – o período do *hamadã* dos muçulmanos; não consumo de carne vermelha na sexta-feira santa dos cristãos).

Entre o que a natureza oferece como alimento e o que realmente nos alimentamos, existe um grande abismo. Dessa forma, Jean-Pierre Poulain, antropólogo e sociólogo francês nos traz o conceito de *espaço social alimentar*², que, para ele, corresponderia:

(...) à zona de liberdade dada aos “comedores” humanos por uma dupla série de condicionantes materiais. De um lado, pelas condicionantes biológicas, relativas ao seu estatuto de onívoro, que se impõem a ele de maneira relativamente flexível, e, de outro lado, pelas condicionantes ecológicas do biótopo no qual está instalado, que se transformam em condicionantes económicas nas sociedades industrializadas e que tendem a se reduzir conforme se controla tecnologicamente a natureza (POULAIN, 2003, p. 251)

Essa definição de *espaço social alimentar* utilizada pelo autor se diferencia da clássica definição de espaço social de Jean-Pierre Passeron e largamente utilizada por Pierre Bourdieu que compreende o mesmo enquanto um “produto de uma relação dialética entre uma situação e um *habitus*, sendo que essa relação se faz na medida que o *habitus*, as estruturas incorporadas pelos agentes sociais, é produzido dentro do campo” (ALMEIDA, 2005, 142-143).

Poulain (2003) constrói uma leitura do *espaço social alimentar* dentro da perspectiva maussiniana de *fato social total*, indagando, por fim, que esse espaço “coloca em movimento a totalidade da sociedade e suas instituições” (Mauss, 2003 apud *Ibiden*, p. 251)). Nem tudo o que é ofertado pela natureza como alimento é consumido pelos seres humanos, e muitas dessas escolhas alimentares estão

² O autor pega emprestado o conceito de *espaço social* de Georges Condominas (CONDOMINAS, 1980), e o amplia para as questões alimentares. (POULAIN, 2003, p. 251)

baseadas por diversos motivos. Os alimentos possuem uma dimensão simbólica tão importante quanto a dimensão material. O antropólogo norte-americano Marvis Harris (1978) ilustra bem em seu “Vacas, porcos, guerras e bruxas”, apresentando alguns tabus alimentares, como o indiano em que a vaca constitui-se enquanto um animal sagrado ou o tabu dos judeus que possuem verdadeira aversão em relação a carne suína. Flandrin e Montanari (1998) exemplificam bem a questão da dimensão simbólica, baseado no sagrado e no profano judaico a partir das escrituras bíblicas. Os autores desenvolvem seu texto considerando todas as passagens bíblicas com as regras alimentares do povo israelita, regimento esse apresentado por Moises seguindo as ordens do próprio Deus Javé.

Marshall Sahlins (1979) possui um capítulo em seu “Cultura e razão prática” que descreve a contemporaneidade dos tabus alimentares que se normatizam e normalizam sob a ótica de quem a está vivenciando no cotidiano. Em “La Pensée Bourgeoise”, Sahlins falará sobre o tabu alimentar dos animais domésticos nos Estados Unidos. Ele apresenta o cachorro, o cavalo, o porco e o boi, sendo que cada um destes animais está inserido na sociedade norte-americana de uma forma. Enquanto os dois primeiros são considerados pertencentes à família, os dois últimos são bons para o abate e para o consumo.

Assim, como Poulain (2003) afirma, se considerarmos as diversas substâncias naturais que podem potencialmente nos servir como alimento e que estão a disposição dos seres humanos, utilizamos um número muito pequeno delas. Esse seria o “espaço do comestível”:

Esta seleção pode, talvez, ser objeto de análise em termo de performances adaptativas (Harris, 1985), mas não se pode reduzir somente a isto. Ela se articula com as representações simbólicas que revelam a arbitrariedade das culturas (Douglas, 1979; Kilani, 1992) e, sobretudo, participam da diferenciação cultural dos grupos sociais quando, em biótopos equivalentes, as escolhas são diferentes de uma cultura para outra (Garine, 1979; 1991, Fischler, 1979; 1990). O espaço do comestível é, portanto, a escolha que é operada pelo grupo humano no interior do conjunto de produtos vegetais e animais colocados à sua disposição pelo meio natural, ou que poderá ser implantada pela decisão do grupo (Condominas, 1980). (POULAIN, 2003, p. 252)

A nossa alimentação é baseada numa categoria chamada de “sistema alimentar”, que está baseado desde a produção até a preparação culinária. Oliveira e Thébaud-Mony (1997), citando Chonchol (1987) afirmam que “a vantagem da

análise, através do conceito de ‘sistemas alimentares’, é que ela reúne as condições dos diferentes produtores e consumidores, passando por toda a cadeia de intermediários ligados à indústria e ao comércio” (OLIVEIRA E THÉBAUD-MONY, 1997, p. 203). Citando Malassis (1973), esse autor define que o “modelo de consumo agroindustrial” é o tipo de alimentação dominante atual em nossa sociedade. É importante destacar que os estudos a partir desse modelo de “consumo alimentar a partir de seus determinantes, considerando os aspectos de ordem econômica, social, nutricional e cultural, permite compreender as evoluções no sentido do modelo dominante e, ao mesmo tempo, suas variações e adaptações” (Ibiden p. 203). Malassis (1988; 1994)”, considera as relações de produção e consumo com a economia global, e que as mesmas podem fornecer um esquema para a construção de uma história da agricultura e a possibilidade de interpretação histórica dos fenômenos alimentares. Dessa forma, ele pensa na noção de “sistemas agroalimentares” como sendo capaz de englobar “um maior número de variáveis explicativas para a compreensão da realidade alimentar, numa perspectiva histórica e geográfica” (Ibiden, p. 204)

Poulain (2003), citando Lewin (1943), afirma, sobre o sistema alimentar, que este “colocou em evidência o fato de uma decisão alimentar ser o resultado de um conjunto de interações sociais e de ser conveniente, para a compreensão da primeira, entender a organização que sustenta as segundas (POULAIN, 2003, p. 252). Sobre isso, Poulain (2003) dá continuidade retratando que o ato de comer está também relacionado a ideia de “fronteiras de identidades entre os grupos humanos”:

No interior de uma mesma sociedade, a alimentação desenha os contornos dos grupos sociais. Um certo alimento pode ser atribuído a um grupo social e rejeitado por outro (Grignon & Grignon, 1980; Lambert, 1987; Herpin, 1988; Poulain, 1998). Assim, o espaço social alimentar assinala a conexão bioantropológica de um grupo humano ao seu meio. Um modelo alimentar é um conjunto de conhecimentos que agrega múltiplas experiências realizadas sob a forma de acertos e de erros pela comunidade humana. Esse modelo se apresenta sob a forma de uma formidável série de categorias encaixadas, imbricadas, as quais são cotidianamente utilizadas pelos membros de uma sociedade, sem que os mesmos tenham verdadeiramente consciência, pois tal encadeamento ocorre de maneira implícita (Fischler, 1990; 1996a; 1996b; Lalhóu, 1998). (POULAIN, 2003, p. 203)

Com essa perspectiva acerca da sociologia da alimentação, finalizo esta seção e parto para uma análise da mesma a partir das questões referentes ao consumo dentro de uma perspectiva política.

1.2 CONSUMO POLÍTICO E REFLEXIVIDADE

As reflexões acerca da alimentação, atualmente, não estão relacionadas apenas a sabores e características geográficas apenas. E também deixou de estar relacionada apenas ao espaço do privado, do doméstico. Barbosa (2009) tem destacado que hoje em dia há uma transição do ato de comer enquanto uma atividade corriqueira, prazerosa, privada e familiar para uma prática muito mais consciente, regulada e política. A comida deixaria então de ter um significado baseado apenas em seu aspecto nutricional podendo para uma dimensão em que o seu consumo (ou o não-consumo) seria significado enquanto um posicionamento político. Além disso, Barbosa (2016) afirma quanto a capacidade centralizadora alimentação, podendo ser destacada como uma protagonista da conjuntura contemporânea, devido a algumas motivações, como, por exemplo, uma maior difusão dos conhecimentos nutricionais, o discurso ambientalista, o movimento de defesa dos animais, entre outros. O ato de comer pode assumir, em alguns contextos, uma dimensão macropolítica, e dessa forma, entrando em contraste com épocas passadas em que comer estava relacionado a esfera do doméstico. Barbosa (2016) também afirma que a alimentação contemporânea diz respeito também a um processo de “estetização” da ética e “eticização” da estética, que mesmo sendo dimensões distintas, não podemos privilegiar uma em detrimento da outra para as análises do fenômeno alimentar.

Mais do que saciar as necessidades nutricionais do corpo humano, o ato de comer está relacionado, mais do que em qualquer época, com um estilo de vida e com processos de construção identitárias (BARBOSA, 2016, p. 98). Nesse sentido, podemos pensar o movimento vegano, que a partir suas opções éticas, constroem um estilo de vida específico, além de uma identidade enquanto grupo.

Para além disso, há de se destacar um processo de politização nas escolhas alimentares, como advoga Portilho et al (2010), Casteñeda (2012), Trigueiro (2013),

Micheletti (2013) e Sassatelli (2015). Para Portilho et al (2010) há uma relação entre está politização e o consumo como consequência.

(...) este processo de politização também se dá a partir da percepção dos riscos e da possibilidade de uso político das escolhas de consumo. Neste sentido, a comida permanece um meio de reciprocidade que, ao constituir relações significantes em diferentes níveis e de diferentes tipos, se transforma em um novo objeto político contemporâneo, já que muitas relações constituídas por e através da sua mediação são também relações de poder, devendo ser analisadas como tal. (PORTILHO et al, 2010, p. 101)

Segundo Portilho (2011) *et al*:

(...) as ações e escolhas mais triviais e cotidianas são percebidas como podendo influenciar rumos globais, ao mesmo tempo que se tornam globalmente determinadas. Desta forma, a vida privada torna-se o lócus de um novo tipo de ação política em que o aspecto politizador se constitui no fato de que o microcosmo das condutas pessoais se inter-relaciona com o macrocosmo dos problemas globais. (PORTILHO *et al*, 2011, p. 101)

Para Castañeda (2012), a alimentação estaria dentro do campo político, configurando-se enquanto um campo de disputa política.

O campo da alimentação se torna político na medida em que muitas relações de poder se constituem nele, bem como por meio dele. Configura-se, assim, um campo de disputas específicas que conectam o corpo individual a comunidades abstratas e inovações técnico-científicas de conceitos morais, evidenciando dilemas acerca dos riscos e do controle que caracterizam a produção de alimentos nas sociedades contemporâneas. (CASTAÑEDA, 2012, p. 150)

Sassatelli (2006) concebe a ideia de “consumo crítico”. A autora nos fala que em relação às escolhas alimentares há uma “consideração sobre a moral política da cultura e das práticas de consumo contemporâneos” (SASSATELLI, 2015, p. 11). Ela considera que a alimentação possui uma importante posição na contemporaneidade, sendo um campo dinâmico e que está relacionado a questões de identidade e pertencimento social das pessoas. Além disso, um campo em que estão embutidas questões das práticas políticas e de moralidade, no qual “as pessoas começam a imaginar um mundo diferente” (SASSATELLI, 2015, p. 12). O consumo dentro do veganismo está bastante aliado a essas questões políticas e morais dentro das escolhas individuais que permeiam as pessoas que optam por este estilo, mas que compõem, ao mesmo tempo, um movimento cultural mais amplo. As escolhas de consumo ficam cada vez mais relevantes enquanto algo

público, e a pessoa vegana se mostra cada vez mais ativa em suas ações perante suas escolhas, não se nega o consumo, mas sim se reavalia o mesmo. Dessa forma “em termos gerais, podemos dizer que o consumidor está cada vez mais “ativo” e cada vez mais “público”. Como consequência, a atitude dominante não é a de renúncia ao consumo, mas de reavaliação daquilo que deve ser consumido” (SASSATELLI, 2015, p. 29).

Micheletti (2003) contempla a ideia de “consumerismo político” enquanto uma forma de consumo estratégica de intervenção no mercado que visa modificações dos próprios mercados em vista destas ações. Assim o consumerismo político “representa as ações pelas quais as pessoas têm de realizar escolhas entre produtores e produtos com o objetivo de modificar condutas ou práticas de mercado(s), portanto, com o objetivo de interferir politicamente nos mercados” (MICHELETTI, 2003 *apud* COLOMÉ, 2018, p. 12). Ou seja, o mercado acaba por se tornar um espaço de disputas, visando modificações nas formas como produtos são produzidos, buscando adequação a diferentes nichos de consumidores.

Também podemos relacionar com o conceito de “gastropolítica” do antropólogo indiano Arjun Appadurai (1981) que nos permite pensar especificamente as operações relacionadas à cozinha e ao ato de cozinhar como produtoras de fenômenos de resistência, negociação e construção de identidades, ao expressar movimento de distinção como um meio para a produção de um contradiscurso (APPADURAI, 1981 *apud* AGUIRRE E GONZÁLEZ, 2012). A categoria de “gastropolítica” “puede sernos útil para comprender los conflictos de intereses, las resistencias locales, las negociaciones y las tensiones simbólicas y económicas que se expresan en los procesos identitarios que fijan en lo culinario un operador y un lenguaje de las diferencias”³ (AGUIRRE E GONZÁLEZ, 2012, p. 144).

Appadurai compreende a “gastropolítica” como um processo em que o alimento é, ao mesmo tempo, um meio e uma mensagem de um conflito dentro de um sistema semiótico. Para ele “(...) when food is manipulated to carry messages between actors who, though they may share the fundamental meanings of the

3 “(...) pode ser útil para entender os conflitos de interesses, a resistência local, as negociações e as tensões simbólicas e econômicas que se expressam nos processos identitários que consertam no culinário um operador e uma linguagem de diferenças” (Tradução da autora)

system (...), are engaged in a struggle over the particular syntagmatic chain of food events in which they are involved”⁴ (APPADURAI, 1981, p. 497).

Trigueiro (2013) encaixa o veganismo como uma política de vida que se constitui enquanto um “tipo de atuação política abre espaço para os processos de subjetivação, não necessariamente atrelados às identidades coletivas tradicionais (partidos, sindicatos, etc.), mas voltados para as formas atuais de individuação” (TRIGUEIRO, 2013, p. 250). As leituras sobre consumo político são orientadas principalmente pelas concepções teóricas do sociólogo britânico Anthony Giddens.

Para Giddens (2002), a chamada política-vida tem surgimento em um contexto específico da chamada modernidade tardia, em que as questões ambientais, as demandas dos movimentos sociais e as questões éticas são colocadas como dilemas fundamentais. Todas as questões fundamentais estão diretamente vinculadas com as decisões da vida individual. Vivemos numa era em que as decisões individuais possuem um peso enorme, tão grande quanto o das esferas institucionais. Porém, essas questões só se tornam possíveis devido à capacidade reflexiva do eu. Para Giddens (1991) essa reflexividade “(...) consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 45). Dessa forma, esse viés de politização dos processos alimentares no que se trata do consumo político pode ser ligado ao conceito de “reflexividade”, apresentada pelo próprio Giddens (2003). Dentro desta perspectiva, autor também traz a questão dos estilos de vida na contemporaneidade enquanto práticas e rotinas incorporadas ao cotidiano de cada pessoa. Para um maior aprofundamento das relações com o veganismo, este assunto será abordado novamente também no próximo capítulo.

Numa outra perspectiva apresentada pelo sociólogo alemão Ulrich Beck (2010), a reflexividade possui uma considerável importância, pois esta acaba por se ocupar dos problemas e consequências do processo de modernização perante as crises da chamada “sociedade de risco”. Uma dessas consequências que pode ser lida é a da crise ambiental, à qual o consumo político está estritamente ligado. Dessa forma, o consumo político, na perspectiva de um veganismo/vegetarianismo,

4 “Quando os alimentos são manipulados para transportar mensagens entre atores que, embora possam compartilhar os significados fundamentais do sistema (...), estão engajados em uma luta sobre a cadeia sintagmática particular de eventos alimentares em que estão envolvidos” (Tradução da autora)

pode ser compreendido como consequência das transformações políticas, sociais e tecnológicas da contemporaneidade, e pode estar ligada, porém não necessariamente, também ao processo de engajamento político dos diferentes atores sociais. Essas práticas parecem ampliar o campo político em direção à esfera privada e à vida cotidiana, em uma sociedade reflexiva, configurando as chamadas subpolíticas (BECK, 1999). Segundo ele:

The concept of 'subpolitics' refers to politics outside and beyond the representative institutions of the political system of nation-states. It focuses attention on signs of an (ultimately global) self-organization of politics, which tends to set all areas of society in motion. Subpolitics means 'direct' politics – that is, *ad hoc* individual participation in political decisions, bypassing the institutions of representative opinion-formation (political parties, parliaments) and often even lacking the protection of the law. In other words, subpolitics means the shaping of society from below.⁵ (BECK, 1999, p. 39)

Dessa forma o espaço da subpolítica distingue-se do sistema político “oficial” por contemplar o envolvimento de atores que, até então, são *outsiders* desta última esfera e que passariam a partir de agora a participar do debate público sobre diversos tipos de assunto. Esses atores não participam apenas como agentes coletivos e sociais, mas também enquanto indivíduos – no sentido da individualização. Dessa forma a subpolítica seria uma forma de fazer uma política “radical”, uma ação política não-formal, vinda da base, e que levaria a possibilidade da reconstrução do sistema político.

Pensar a prática da politização do cotidiano e do privado e da política de um consumo consciente vegano pode se configurar primeiramente como um elemento da subpolítica, que segundo Beck (1997), está diretamente ligado ao espaço não formal da ação política, fora das instituições formais, e que mostra um movimento de individualização da sociedade contemporânea no debate dos mais diversos temas dentro da esfera pública, mas fora dos tradicionais meios de se fazer política.

É na subpolítica que: vislumbra-se espaço para uma ação política (não formal) efetiva; pode-se fazer surgir novas propostas de mudanças institucionais e individuais, sendo estas, fruto de uma nova postura política;

5 “O conceito de subpolítica refere-se à política fora e além das instituições representativas do sistema

político dos Estados-Nação. Ele chama a atenção para sinais de uma auto-organização da política (em última instância global), que tende a colocar todas as áreas da sociedade em movimento. Subpolítica significa política ‘direta’ ou seja, participações individuais *ad hoc* em decisões políticas, contornando as instituições de formação de opinião representativas (partidos políticos, parlamento) e frequentemente até sem a proteção da lei. Em outras palavras, subpolítica significa a modelagem da sociedade a partir de baixo” (Tradução da autora.)

constitui-se, concomitantemente, espaço (por ser um campo público não-formal nos quais instituições, grupos e cidadãos podem fazer uma política “diferente”) e ação (por ser também a forma como esta política “diferente” é praticada neste mesmo espaço) no qual as questões globais podem ser articuladas com dilemas locais visando rever princípios e práticas do Estado, do mercado e da própria sociedade civil. A subpolítica seria então espaço-ação propiciador da autoanálise e autoconfrontação inerentes à reflexividade (em seu segundo estágio) ⁶. (SÁ, 2010)

Dessa forma, é possível construir uma perspectiva de subpolítica dentro das ações políticas do movimento vegano sob a ótica dos “novos” movimentos sociais e do processo de engajamento político. O engajamento político é uma das formas de expressão e participação das atividades sociais e políticas (SAWICKI E SIMEANT, 2011; KUNRHATH DA SILVA E RUSKOWSKI, 2016). Segundo Sawicki e Simeant (2011) o engajamento pode ser entendido como “toda forma de participação letiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa.” (SAWICKI E SIMEANT, 2011, p. 202). Kunrath e Ruskowski (2016) compreendem o engajamento político a partir da perspectiva do realismo causal, partindo do pressuposto de que:

[...] os processos sociais são produzidos por meio da combinação de ações/atividades realizadas por entidades dotadas de poderes causais, os quais se fundam nas propriedades específicas daquelas entidades e suas relações. Tais entidades e as ações/atividades que elas realizam conformam aquilo que a literatura realista conceitua como *mecanismos causais*. (KUNHATH DA SILVA E RUSKOWSKI, 2016, p.191)

Nesse aspecto, os mecanismos são compostos pelas entidades e por atividades, sendo que as entidades são as dedicadas as atividades, e estas atividades são as produtoras das mudanças sociais. Os autores buscam apresentar um modelo analítico para que se possa compreender os processos de engajamento. O engajamento está ligado a determinados comportamentos continuados, relacionando uma identificação individual com determinadas causas e objetivos de uma organização.

Enquanto participação ou atuação em uma ação coletiva que se sustenta ao longo do tempo e está orientada à defesa de uma causa (Sawicki e Siméant, 2011), o engajamento militante envolve aquilo que Becker (2017 [1960], p. 33) denomina de “comportamento consistente” (também conceituado de *commitment*), e tende a se expressar empiricamente na participação continuada em alguma organização social e/ou política. (KUNHATH DA SILVA E RUSKOWSKI, 2016, p. 194)

⁶http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_content&view=article&id=386&catid=74&Itemid=114 - Acessado em 10 de dezembro de 2017.

E interessante também perceber o engajamento através do percurso biográfico de cada pessoa envolvida na militância. Seidl (2009) fala sobre a questão das predisposições biográficas que possibilitam o desenrolar de determinados trajetos sociais mais amplos. Dessa forma existem “predisposições à militância, da passagem à ação, das formas diferenciadas e variáveis ao longo do tempo adquiridas pelo engajamento, da multiplicidade dos engajamentos ao longo do ciclo de vida e da retração ou ampliação dos engajamentos” (SEIDL, 2009, p. 23). Seidl (2008) indica que existiria uma lógica na constituição de gostos e expectativas, além das disposições favoráveis a participação da militância engajada. Em seu trabalho de pesquisa, Seidl (2009) trará que existem indicações que podem ser observadas a fim de se construir um percurso individual até um engajamento militante. Segundo ele:

Entre as principais indicações, observa-se que do itinerário individual até o engajamento associativo dá-se a conjugação de elementos de socialização familiar e escolar na formação dos anos de juventude que combinam fatores ideológicos e uma propensão ao ativismo (Ibiden, p. 23)

Dessa forma, busco defender a ideia de que o consumo político, na perspectiva do veganismo, pode ser compreendido como consequência das transformações políticas, sociais e tecnológicas da contemporaneidade, podendo estar ligado, também, ao processo de engajamento político dos diferentes atores sociais. O veganismo é um movimento bastante diversificado, que possui em seu interior uma variedade de pessoas com diferentes origens sociais e com perspectivas políticas por vezes distintas. Longe de ser uma massa homogênea, o movimento carrega em seu íterim, motivações e discussões intermitentes, mas que, no entanto, acabam por construir uma pluralidade no discurso e uma unidade na prática política cotidiana vegana.

O não consumo de bens e produtos de origem animal não é uma novidade, entretanto o veganismo ganha grande destaque na virada dos anos 2000 com um maior impulso das redes de informação e uma maior divulgação da ética animalista, concebendo ao movimento vegano um status de ativismo num momento político em que as opções e ações individuais do sujeito passam por um processo de politização.

Relacionando o veganismo, que pode ser lido como uma política de autorrestrrição alimentar, faço primeiramente uma leitura do não-consumo de produtos de origem animal ou que contenham exploração animal a partir do viés do consumo político, que são as ações de cunho individual que visam uma prática

política em um processo contemporâneo de politização do privado e do cotidiano. O viés do consumo político está muito presente nos debates atuais, principalmente nas discussões acerca dos produtos orgânicos e produção de alimentos transgênicos. A partir dessa perspectiva do consumo político, pode também ser construída uma crítica em cima dos modelos de organização e exploração dos animais na produção dos alimentos dentro da indústria a partir de uma ética na alimentação defendida pelo Veganismo. Segundo Felipe (2008) uma ética na alimentação tende a ser “como um projeto humano de buscar um princípio moral não relativo, aplicável à ação de comer, que possa ser aceito como válido por indivíduos formados moralmente em diferentes padrões culturais” (FELIPE, 2008, p. 1).

1.3 VEGANISMO: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O Veganismo é considerado um estilo de vida que exclui de seu consumo cotidiano, o máximo possível de produtos ou elementos que contribuam para a exploração e sofrimento animal. Dessa forma, os veganos excluem de sua alimentação produtos de origem animal, seus derivados (mel, leite, ovos, por exemplo), além de não consumirem produtos que tenham em sua composição algum derivado de animais ou que façam testes de laboratório em animais também. Assim, o veganismo, enquanto uma “forma de viver”, busca excluir, na medida do possível e praticável, todas as formas de exploração e crueldade de animais na desde a alimentação, até mesmo em roupas, produtos de higiene, limpeza e beleza, além de entretenimento que faça uso de exposição de animais (FERRIGNO, 2012; VILELA, 2013; 2017).

É importante destacar que veganismo não é o mesmo que vegetarianismo. Enquanto o primeiro se afirma como um estilo de vida, um movimento em defesa dos animais a partir do abolicionismo animal, com uma tendência a um consumo ético e racional, o vegetarianismo é considerado apenas uma dieta, a qual os próprios veganos fazem jus dentro dos termos “estritos”⁷. Dessa forma, o veganismo

⁷ O vegetarianismo, enquanto dieta, abarca várias denominações. Os ovolactovegetarianos consomem apenas derivados de animais, em especial o ovo e o leite. Dentro disso, existe a divisão dos ovo-vegetarianos (que consomem apenas ovos) e os lactovegetarianos (que consomem apenas leite). Os veganos se enquadram enquanto “vegetarianos estritos”, denominação esta considera uma dieta em que elimina tanto ovo como leite do consumo. Existe uma discussão se seria correto chamar ovolactos de vegetarianos; dessa forma alguns grupos tem se utilizado do termo “protovegetarianismo” (*proto* = radical grego que significa *primeiro/ primordial*) que seria uma adoção gradual do vegetarianismo (não significando, porém, que esse percurso gradativo seja finalizado com a adoção do vegetarianismo estrito).

pode ser lido também como um vegetarianismo de posições éticas (PERROTA, 2017).

Para traçar uma linha histórica e reconstruir o passado e as origens do veganismo é necessário pensar, primeiramente, no processo de compaixão em relação às “criaturas brutas” no final do século XVIII, e posteriormente o surgimento dos primeiros movimentos vegetarianos articulados na Europa (THOMAS, 1988). Segundo Thomas, por volta de 1700, os argumentos de defesa dos direitos dos animais já se articulavam e se apresentavam como conhecemos hoje; além disso, os argumentos em defesa do vegetarianismo iam ao encontro dos primeiros, tais como:

(...) opiniões que defendiam que o abate de animais tinha um efeito “brutalizador” sobre o caráter humano e tornava os homens ferozes e cruéis, ao infligir sofrimento às criaturas “irmãs”; à analogia entre violência para com os animais e guerras entre os homens; ou à percepção de que o consumo de carne fazia mal à saúde e que fisiologicamente não seria natural (...) (FERRIGNO, 2012, p. 21)

Assim, o alvorecer do século XIX remonta as primeiras associações e a criação de inúmeras instituições de defesa dos direitos dos animais. Dois exemplos são destacados por Ferrigno (2012), a SPCA (*Society for the Prevention of Cruelty to Animals*) fundada em 1824, que ainda hoje é uma importante referência (e desde 1866 possui sede nos EUA), e a *Society for the Protection of Animals Liable to Vivisection*, pela feminista irlandesa Frances Power Cobbe, fundada em 1866 (e hoje conhecida como *National AntiVivisseccion Society*)⁸.

No ano de 1843 é fundada na Inglaterra a *British and Foreign Society for the Promotion of Humanity and Abstinence from Animal Food*, que foi vista como uma iniciativa antecessora da Sociedade Vegetariana da Grã-Bretanha (Vegetarian Society), que surge em 1847. O termo “*vegetarian*”, que nomeia a entidade, foi cunhado por Joseph Brotherton, no mesmo ano, em substituição ao termo “pitagórico”, o termo anteriormente utilizado para denominar pessoas adeptas a uma dieta sem carne; o termo era utilizado em alusão a Pitágoras (entre 570-490 a.C.)

Fonte: <http://sociedadevegana.org/textos-fundamentais/protovegetarianismo/> acessado em 28 de dezembro de 2017.

⁸ “O termo vivisseção representa, em síntese, a dissecação anatômica ou qualquer operação congênere feita em animal vivo para estudo de algum fenômeno fisiológico. Trata-se, portanto, de um procedimento com finalidade científica utilizado com frequência em cursos voltados para área das ciências biológicas, tais como medicina, biologia, farmácia, odontologia, e outras.” (LACERDA; VARELA, 2013, p. 1)

filósofo grego jônico que defendia a dieta em termos éticos (FERRIGNO, 2012, p. 29).

A *Internacional Vegetarian Union* (IVU) foi fundada em 1908, e organizou o primeiro Congresso Vegetariano Mundial, na Alemanha. Sua proposta fomentou a fundação da Sociedade Vegetariana Francesa.

Podemos datar que em 1944 foi fundada na Inglaterra a primeira sociedade vegana que se tem conhecimento. A “*The Vegan Society*” foi fundada por Donald Watson (que era ovolactovegetariano⁹ desde os 14 anos de idade, e quatro anos antes da fundação da sociedade, se tornaria vegano) em conjunto com sua esposa e mais quatro amigos que compartilhavam dos mesmos ideais e da mesma dieta vegetariana não láctea¹⁰. Esse grupo decidiu que precisava de um novo termo que pudesse descrevê-los. Dessa forma, Watson criou a palavra “VEGAN” (ou “vegano” em tradução no português) que utiliza as três primeiras letras e as duas últimas letras de “VEGETARIAN” (ou “vegetariano” em português) que segundo o próprio seria “*the beginning and end of vegetarian*”. No primeiro mês da Sociedade Vegana, foi lançado a primeira publicação sobre o veganismo da história, intitulada de “*The Vegan News — Nº 1 — Quartely Magazine of The Non-Dairy Vegetarians*”, uma revista trimestral de vegetarianos que não faziam uso de laticínios em sua dieta. A publicação também trazia críticas não apenas à indústria da carne como também à indústria de ovos.¹¹

Em 1949, Leslie J. Cross apontou que a palavra “vegan” não possuía um significado, ao mesmo tempo que sugeriu como “o princípio da emancipação dos animais da exploração pelo ser humano”. Um pouco mais tarde esclarecendo como “buscar o fim do uso de animais pelo ser humano para alimentação, *commodities*, trabalho, caça, vivisseccção e por todos os outros usos que envolvem a exploração da vida animal pelo ser humano”.¹²

9 Dietas Ovolactovegetarianas são dietas em que se é retirada a carne, mas os derivados ovos e leites continuam a serem consumidos.

10 Dieta Vegetariana em que apenas o consumo de leite é abolido.

11 <http://www.superbom.com.br/blog/sociedade-vegana-o-que-esta-por-tras-desse-grupo-e-como-ele-funciona/> Acessado em 5 de novembro de 2017.

12 <https://www.vegansociety.com/about-us/history>. Acessado em 4 de novembro de 2017. Tradução da autora.

Em 1979 a “The Vegan Society” tornou-se uma instituição de caridade, atualizando e registrando em seu *Memorandum and Articles of Association* a definição de veganismo¹³ como:

A philosophy and way of living which seeks to exclude—as far as is possible and practicable—all forms of exploitation of, and cruelty to, animals for food, clothing or any other purpose; and by extension, promotes the development and use of animal-free alternatives for the benefit of humans, animals and the environment. In dietary terms it denotes the practice of dispensing with all products derived wholly or partly from animals.¹⁴

O veganismo é um movimento bastante diversificado, que possui em seu interior uma variedade de pessoas com diferentes origens sociais e com perspectivas políticas por vezes distintas. Longe de ser uma massa homogênea, o movimento carrega em seu íterim, motivações e discussões intermitentes, mas que, no entanto, acabam por construir uma pluralidade no discurso e uma unidade na prática política cotidiana vegana.

O movimento vegano no Brasil está principalmente organizado em Organizações não-governamentais (ONG's) na forma de redes sociais no meio digital. É possível encontrar inúmeros grupos de discussão e sites na internet que priorizam a discussão e trazem informações acerca do veganismo. É difícil apontar uma data específica de quando o veganismo começou no Brasil. Temos a primeira iniciativa de uma Sociedade Vegetariana no país em 1921. Posteriormente essa sociedade se extingue e uma nova iniciativa apenas surgirá no ano de 2003, com a fundação da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB)¹⁵. Possivelmente de forma mais individualizada, as ideias sobre o veganismo foram adentrando em território nacional de forma mais discreta até tomar proporções maiores e se iniciarem ações de associações e sociedades voltadas à temática. Abaixo, podemos observar uma relação dos principais sites e espaços de divulgação do veganismo e da ética animalista no Brasil.

¹³ <https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>. Acessado em 4 de novembro de 2017

¹⁴ “Uma filosofia e modo de vida que procura excluir - na medida do possível e praticável - todas as formas de exploração e crueldade de animais para alimentação, roupas ou qualquer outro propósito; e, por extensão, promove o desenvolvimento e o uso de alternativas sem animais em benefício dos seres humanos, dos animais e do meio ambiente. Em termos alimentares, denota a prática de dispensar todos os produtos derivados total ou parcialmente de animais.” Tradução da autora.

¹⁵ <https://www.svb.org.br/svb/quem-somos/sobre> acessado em 5 de novembro de 2017.

Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB): Uma das principais e mais antigas organizações brasileiras acerca do vegetarianismo e veganismo.

Fundada em 2003, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) é uma organização sem fins lucrativos que promove a alimentação vegetariana como uma escolha ética, saudável, sustentável e socialmente justa. Por meio de campanhas, programas, convênios, eventos, pesquisa e ativismo, a SVB realiza conscientização sobre os benefícios do vegetarianismo e trabalha para aumentar o acesso da população a produtos e serviços vegetarianos¹⁶.

A SVB possui uma organização bastante séria e consistente, com estatutos e regimentos que orientam seus associados. O modelo de associação à sociedade é por meio de formulários online e pagamento de contribuição de sócio estabelecida pela organização. A SVB possui sua unidade principal de caráter nacional, estabelecida em São Paulo, e também conta com grupos descentralizados organizados em diferentes cidades pelo Brasil. Desde o final de 2018 a SVB possui um núcleo na cidade de Santa Maria/RS. Com objetivos bem delineados em relação ao veganismo, a Sociedade Vegetariana Brasileira busca “(a) A promoção do vegetarianismo estrito em todos os seus aspectos, incluindo o ético, o ecológico e o de saúde. (b) A cooperação com organizações de âmbito local, regional, nacional e internacional com objetivos semelhantes”¹⁷. No site, é possível encontrar uma grande quantidade de material sobre nutrição e alimentação, promoção de eventos e notícias. Uma das principais ações da SVB é a “Segunda sem carne”, divulgação de caráter mundial do vegetarianismo que visa incentivar uma alimentação ética para pessoas que ainda não aderiram a causa. Outra importante ação divulgada no site é o “selo Vegano”. Criado em 2013, o “certificado Produto Vegano SVB”¹⁸ é certificação vegana presente em produtos cujo consumo é adequado para o público vegano.

VEDDAS - Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade:

Fundada em 2006, busca a promoção dos direitos dos animais a partir da divulgação do veganismo enquanto um estilo de vida livre de exploração animal. Possui um espaço para cadastro de voluntários por todo o Brasil. Também é bastante presente

¹⁶ Texto de apresentação da presente no site da SVB, <https://www.svb.org.br/svb/quem-somos> acessado em 9 de fevereiro de 2019.

¹⁷ <https://www.svb.org.br/svb/objetivos> acessado em 9 de fevereiro de 2019.

¹⁸ <https://www.selovegano.com.br/> acessado em 9 de fevereiro de 2019.

em ações de protesto com performances artísticas e ativistas contra todas as formas de violência contra os animais¹⁹.

Sociedade vegana: Fundada em 2010 por teóricos e intelectuais brasileiros estudiosos da temática dos direitos dos animais, busca a promoção do estilo de vida vegano e da abolição de todas as formas de sofrimento e exploração animal. Em seu site é possível encontrar uma grande quantidade de material e textos teóricos que possibilitam orientar acerca da ética animalista²⁰.

Portal Vista-se²¹: Fundado em 2007, é considerado o maior e mais antigo portal de notícias sobre veganismo no Brasil e na América Latina. Constantemente atualizado com notícias, possui também espaço de receitas, divulgação de eventos, além da divulgação de ações e protestos em defesa dos direitos dos animais. Está vinculado ao canal de Youtube de Fabio Chaves²², famoso cozinheiro e influenciador digital vegano e também ao portal “Seja Vegano”²³.

ANDA – Agência de Notícias de Direitos Animais: Fundado em 2008, a agência ANDA é a primeira agência de notícias do mundo que tem por objetivo o combater a violência social e destruição do meio ambiente a partir da defesa dos direitos dos animais²⁴.

Segundo pesquisa encomendada pela SVB ao Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE) no ano de 2018, 14% da população brasileira se declara vegetariana²⁵. Considerando a estimativa oficial do IBGE sobre o total da população brasileira, são cerca de 29,2 milhões de vegetarianos em território nacional. Já nas regiões metropolitanas de São Paulo, Curitiba, Recife e Rio de Janeiro, esse percentual sobe para 16%. Infelizmente não há pesquisa específica sobre o número de veganos, entretanto a SVB estima, a partir de uma comparação com os dados de pesquisas sobre percentual de veganos no Reino Unido e nos Estados Unidos²⁶, que

19 <https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/> acessado em 9 de fevereiro de 2019. O site vinculado ao VEDDAS está inativo e desatualizado desde 2014.

20 <http://sociedadevegana.org/> acessado em 9 de fevereiro de 2019.

21 <https://www.vista-se.com.br/> acessado em 9 de fevereiro de 2019.

22 https://www.youtube.com/channel/UCZ6JHFBaDUJ9wfo41HSII_w acessado em 9 de fevereiro de 2019.

23 <https://www.sejavegano.com.br/> acessado em 9 de fevereiro de 2019.

24 <https://www.facebook.com/ANDAnews/> acessado em 9 de fevereiro de 2019. No momento da pesquisa, o site oficial se encontrava inativo temporariamente por problemas nos servidores.

25 <https://www.svb.org.br/vegetarianismo1/mercado-vegetariano> acessado em 9 de fevereiro de 2019.

26 Em pesquisas conduzidas recentemente nestes dois países, nos Estados Unidos 50% dos vegetarianos (16 milhões de pessoas) se declararam veganos (Fonte: Instituto Harris Interactive); já no Reino Unido, cerca de 33% dos vegetarianos (1,68 milhões de pessoas) se declararam veganos (Ipsos MORI Institute).

possivelmente 33% dos vegetarianos no Brasil sejam veganos, ou seja, num universo de 30 milhões de vegetarianos, mais ou menos 7 milhões de pessoas seriam veganas.

1.4 SER VEGANO: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS E ÉTICOS

Para compreender o universo vegano, é um importante termos em mente algumas palavras-chave, que constroem a ética animalista que orienta este grupo: direitos dos animais, especismo e abolicionismo. Ao mesmo tempo, algumas figuras intelectuais são importantes para construir um aporte teórico do veganismo e dos direitos dos animais; são eles, Peter Singer, Tom Regan e Gary L. Francione. Segundo Trigueiro (2013), o grande debate que orienta moralidade e a ética de ser vegano está associado a questão colocada pelos movimentos de direitos dos animais “o que faz os humanos diferentes dos animais?” (JAMIESON, 2010 *apud* TRIGUEIRO, 2013). Dois lados se posicionam de formas distintas. Numa ponta se encontra os defensores do critério de que os animais possuem senciência, ou seja, a capacidade de sentir dor e prazer. O principal defensor dessa vertente é Peter Singer ao afirmar que por conta dessa capacidade, os animais teriam o mesmo direito a vida e poderiam estar em igualdade moral junto com os seres humanos.

Singer (1946 –) é um filósofo e professor australiano que atua na área de ética prática, tratando questões de Ética de uma perspectiva utilitarista a partir da abordagem de Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Para estes filósofos do utilitarismo inglês, a moral deveria ser procurada a partir do princípio da utilidade. Em sua obra mais importante, “Libertação Animal” (1975), Singer entona um texto militante em uma época de efervescência política, em meio aos movimentos feministas, ambientalistas, pacifistas, hippies que formavam um movimento de contracultura e reivindicavam direitos sociais e mudanças sociais (FERRIGNO, 2012; VILELA, 2013). Essa obra tem uma imensa relevância no meio vegano/vegetariano, ultrapassando o limite dos escritos, e dando nome a um movimento global dos mesmos. Sobre o contexto da obra, Peter Singer denuncia todos os abusos que a “indústria da carne” comete contra os animais. Defendendo os preceitos utilitaristas, ele coloca que “a capacidade de sofrer e de sentir prazer, entretanto, não apenas é necessária, mas também suficiente para que possamos

A SVB fez sua projeção a partir da porcentagem mais conservadora oriunda do Reino Unido.

assegurar que um ser possui interesses – no mínimo, o interesse de não sofrer (SINGER, 2010, p. 13)

Em seu texto está explicitado a perspectiva filosófica utilitarista de Jeremy Bentham, conforme a passagem abaixo. Afinal de contas, o que diferencia o humano dos demais animais não humanos?

Pode vir o dia em que o resto da criação animal adquira aqueles direitos que nunca lhes deveriam ter tirados, se não fosse por tirania. (...) Pode chegar o dia em que se reconhecerá que o número de pernas, a pele peluda, ou a extremidade do os *sacrum* constituem razões igualmente insuficientes para abandonar um ser sensível à mesma sorte. Que outro fator poderia demarcar a linha divisória que distingue os homens dos outros animais? Seria a faculdade de raciocinar, ou talvez a de falar? Todavia, um cavalo ou um cão adulto é incomparavelmente mais racional e mais social e educado que um bebê de um dia, ou de uma semana, ou mesmo de um mês. Entretanto, suponhamos que o caso fosse outro: mesmo nesta hipótese, que se demonstraria com isso? O problema não consiste em saber se os animais podem raciocinar; tampouco interessa se falam ou não; o verdadeiro problema é este: podem eles sofrer? (BENTHAM, 1979, p. 63).

O filósofo australiano corrobora com a ideia de que não são as questões de raciocínio ou fala que mais influenciam, mas sim, a sensibilidade, que seria a capacidade de sentir dor, prazer e felicidade. Nesse ponto, tanto humanos quanto animais não humanos são semelhantes. Dessa maneira “se um ser sofre, seja ele animal não humano ou humano, não há justificção moral para que se ignore este sofrimento” (SINGER, 2008, p. 134). Desta forma, com a sensibilidade, é possível estabelecer uma igualdade fundamental entre seres humanos e animais das demais espécies. “Essa igualdade básica que transcende a espécie humana pode ser pensada como o princípio básico de equivalência entre os seres inscritos na comunidade moral” (COLOMÉ, 2018, p. 229).

Singer busca o chamado princípio da igualdade, em seu argumento, ele afirma que os animais, tanto quanto nós, seres humanos, são merecedores de “igual consideração de interesses”. Este argumento não está relacionado a tratar todos os animais da mesma forma, ou da mesma forma que humanos, mas com “igual consideração”. Nas palavras de Singer:

A extensão do princípio básico da igualdade de um grupo para outro não significa que devemos conceder-lhes os mesmos direitos. O que devemos ou não fazer depende da natureza dos membros desses grupos. O princípio básico da igualdade não requer tratamento igual, mas sim igual consideração. Igual consideração por seres diferentes pode levar a tratamentos e direitos distintos. (SINGER, 2013, p.5)

Além disso, ele apresenta um importante conceito, fazendo com que seu público reflita sobre o mesmo, que seria a luta contra o *especismo*. Para Singer, o especismo seria “o preconceito ou atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra os de outras” (Idem, p. 11), é tido como um jogo de interesses em que os interesses de sua espécie, no caso a espécie humana, acabam por se sobrepôr aos interesses maiores de outras espécies. Ele coloca que não há hierarquia entre as diferentes espécies, ou seja, humanos não estão em um patamar superior aos dos outros animais, e dessa forma é moralmente errado matar, explorar ou se utilizar dos animais como forma de entretenimento. O especismo enquanto uma ideologia “tem sua origem na noção de que os animais não humanos são inferiores aos humanos porque são passíveis de uso, exploração, caça e morte de forma racional, quer dizer, pacientes morais de atos premeditados que visam certos resultados (...)” (FELIPE, 2014, p. 61). Este discurso *antiespecista* defendido pelos veganos também é associado também a outras diversas formas de exploração, como por exemplo o racismo e o machismo. Segundo Sônia Felipe (2014):

(...) fazendo par com o racismo e o machismo, [o especismo] é a forma de preconceito mais enraizada e generalizada na mente humana. Ela afeta igualmente homens e mulheres, em hábitos tidos como sagradas tradições: alimentação, moda, medicamentos e lazer, justamente porque dessa forma patriarcal de nutrir-se ninguém ousa falar. (Ibidem, p. 59)

É importante destacar que a expressão “especismo” foi cunhada pelo psicólogo e cientista Richard D. Ryder em 1970. Para ele, o especismo seria “a discriminação generalizada praticada pelo homem contra outras espécies” expressando desta forma “um desprezo egoísta pelos interesses de outros e por seu sofrimento” (RYDER, 1983, p. 5 *apud* TRINDADE, 2014, p. 43). Segundo Trindade (2014), é importante observar que existe uma divergência entre o conceito original de Ryder, alegando que o especismo é comportamento exclusivo dos seres humanos, e o que Singer formulou mais tarde, que trata de pensar o especismo em “novos níveis etológicos”.

(...) Singer extrapola a sua definição original ao suprimir a ideia de que o comportamento especista ocorre apenas entre seres humanos e membros de outras espécies. Ryder sugere que se poderia entender que o especismo, da forma como Singer o interpreta, não é uma prática

puramente humana, mas que também ocorre entre outras espécies. Enquanto que, para Ryder, o especismo é praticado entre humanos e não-humanos, Singer, através de sua nova concepção, abre espaço para pensar o especismo em novos níveis etológicos. (TRINDADE, 2014, p. 45)

Baseando-se na Declaração Universal dos Direitos dos Animais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), promulgada 27 em janeiro de 1978, na cidade de Bruxelas, surge na Universidade de Oxford um grupo de intelectuais, dentre eles Peter Singer e Richard D. Ryder, que discutiam e reivindicavam melhorias do bem-estar dos animais, buscando construir teorias acerca dos direitos dos animais. Inspirados no Artigo 9^o²⁷ da Declaração, esse grupo deu origem a vertente “Bem-estarista” no veganismo, corrente esta que preconiza “a necessidade de promover bem-estar aos animais, e para tanto evitar o sofrimento e violência que é cometido contra os mesmos pelos seres humanos, devido ao especismo e a superioridade humana para dominar as demais espécies” (NASCIMENTO E SILVA, 2012, p. 79)

Em contrapartida às ideias de Singer, se encontra Tom Regan (1938 – 2017), professor de filosofia norte-americano, outro grande nome na defesa dos direitos dos animais. Sua obra mais famosa se chama “Jaulas Vazias: encarando o desafio dos direitos dos animais”, e também é o único trabalho traduzido no Brasil. Diferentemente do filósofo australiano, Regan se posiciona de uma forma antiutilitarista, não colocando os atos humanos em si como meios, mas como fins, ou seja, como obrigações.

Avançando numa defesa mais radical dos direitos dos animais, Regan retoma as perspectivas do filósofo iluminista Immanuel Kant, construindo assim a ideia de que todos os animais possuem valor inerente, ou seja, possuem o mesmo valor “independentemente de suas experiências e seu valor para os outros” (JAMIESON, 2010 *apud* TRIGUEIRO, 2013, p. 185). Dessa forma, entre a vida dos animais humanos e não humanos não é possível haver uma hierarquia ou gradação, pois os diferentes seres possuem o mesmo valor. Isso faz com que os animais não humanos sejam considerados sujeitos de uma vida. A existência de cada animal não humano possui finalidade por si só, não estando sujeita a servir aos interesses humanos. Para Regan, ser sujeito de uma vida está relacionado à senciência e à

27 Art. 9º - Quando o animal é criado para alimentação, ele deve ser alimentado, alojado, transportado e morto sem que disso resulte para ele nem ansiedade nem dor. (Declaração Universal dos Direitos dos Animais/ UNESCO – 1978)

consciência. Consciência de que há uma vida própria a ser vivida. Animais não humanos possuem uma biografia, uma história, um passado. São seres únicos. Dessa forma, são sujeitos de uma trajetória subjetiva (FERRIGNO, 2012).

Regan propõe que todos os direitos básicos dos humanos sejam estendidos aos animais não humanos também, já que para ele, ambos são sujeitos de uma vida. Segundo Trajano (2008), tanto animais humanos quanto os não humanos possuem direitos morais que devem ser considerados:

Os direitos morais podem ser vistos em todas as cartas e declarações de direitos do homem, visando proteger os cidadãos da posse de seus direitos. A teoria do direito animal apenas reafirma a extensão desses direitos mais básicos aos outros seres como forma de se estabelecer um estatuto moral para os animais. Entender que os animais são portadores de direitos morais é tentar repensar o direito através de uma nova hermenêutica que reafirme um ideal de mudança ao ensinamento de que o direito é apenas um sistema de regras criadas e impostas por instituições governamentais para reger somente a vida de alguns seres humanos. (TRAJANO, 2008, p. 2894)

Regan coloca animais não humanos como seres de direito, e defende a abolição da utilização (e exploração) dos animais por parte dos humanos. Para ele, o respeito pelos animais não humanos é a chave principal e essencial para compreender a essa ética.

Direitos animais é uma ideia simples porque, no nível mais básico, significa apenas que os animais têm o direito de serem tratados com respeito. E é uma ideia profunda porque suas implicações têm amplas consequências. Quão amplas? Eis alguns exemplos de como o mundo vai ter de mudar, uma vez que aprendamos a tratar os animais com respeito. Vamos ter de parar de criá-los por causa de sua carne. Vamos ter de parar de matá-los por causa de sua pele. Vamos ter de parar de treiná-los para que nos divirtam. Vamos ter de parar de usá-los em pesquisas científicas. (REGAN, 2006, p. 12)

O abolicionismo animal é o principal discurso defendido por Regan, e também é levado como uma bandeira emblemática dentro do movimento vegano e dos movimentos mais radicais em defesa dos direitos dos animais. O abolicionismo é a ideia de que todos os usos e consumos feitos por humanos referentes aos animais não humanos deve ser implacavelmente abolido. Ele vai de total encontro aos defensores “bem estaristas” dos direitos dos animais, (o *animal welfare*) que buscam dar condições mais “humanitárias” e minimizar o sofrimento dos animais não humanos, como por exemplo, nos chamados “abates humanitários”, que são um

conjunto de técnicas que buscam minimizar a dor, o sofrimento e o estresse dos animais durante o abate em frigoríficos para obtenção de carne.

Quando se trata de como os humanos exploram os animais, o reconhecimento de seus direitos requer abolição, não reforma. Ser bondoso com os animais não é suficiente. Evitar a crueldade não é suficiente. Independentemente de os explorarmos para nossa alimentação, abrigo, diversão ou aprendizado, a verdade dos direitos animais requer jaulas vazias, e não jaulas mais espaçosas. (Ibiden, p. 12)

É possível traçar um paralelo entre Singer e Regan. Ambos autores partem da sciência para justificar a ética animalista. Entretanto, enquanto Singer constrói uma abordagem no campo da ética utilitarista, Regan apresenta a sua abordagem sobre questão animal pelo viés do campo dos direitos.

Junto a Peter Singer e Tom Regan, outro importante e respeitado autor é Gary J. Francione (1954 –). Francione é um jurista norte-americano, professor emérito da Universidade de Rutgers, foi a primeira instituição de ensino superior a contar com um curso de direito dos animais em sua grade curricular. Seu trabalho tem tido bastante divulgação e aceitação pelos ativistas dos direitos dos animais no contexto brasileiro, na virada dos anos 2000, principalmente por conta da tradução e divulgação de artigos e trechos de suas obras, além de possuir um blog, o *Animal Rights: The Abolitionist Approach*²⁸, importante meio de divulgação de seus textos. Ele é considerado um dos intelectuais com as ideias mais radicais e ao mesmo tempo, coerentes acerca do abolicionismo animal. Segundo Francione e Charlton (2009), a abordagem abolicionismo dos direitos dos animais pode ser resumido em seis princípios básicos²⁹:

(1) *Abolitionists maintain that all sentient beings, human or nonhuman, have one right—the basic right not to be treated as the property of others.*

(2) *Abolitionists maintain that our recognition of this one basic right means that we must abolish, and not merely regulate, institutionalized animal exploitation, and that abolitionists should not support welfare reform campaigns or single-issue campaigns.*

(3) *Abolitionists maintain that veganism is a moral baseline and that creative, nonviolent vegan education must be the cornerstone of rational animal rights advocacy.*

(4) *The Abolitionist Approach links the moral status of nonhumans with sentience alone and not with any other cognitive characteristic; all sentient beings are equal for the purpose of not being used exclusively as a resource.*

28 <http://www.abolitionistapproach.com/> Acessado em 22 de novembro de 2017.

29 FRANCIONE, Gary L. CHARLTON, Anna. “The Six Principles of the Abolitionist Approach to Animal Rights”. <http://www.abolitionistapproach.com/about/the-six-principles-of-the-abolitionist-approach-to-animal-rights/> . Acessado em 22 de novembro de 2017.

(5) *Abolitionists reject all forms of human discrimination, including racism, sexism, heterosexism, ageism, ableism, and classism—just as they reject speciesism.*

(6) *Abolitionists recognize the principle of nonviolence as a core principle of the animal rights movement.*³⁰

Sua perspectiva vai de total encontro com o conjunto de ideias acerca do “bem-estar animal”, citado anteriormente. Os “bem-estaristas” defendem a criação e prática de um conjunto de regulamentações que buscam oferecer melhores condições de vida aos animais. Francione afirma que não há nenhuma justificativa moral para a utilização de animais não humanos para os propósitos humanos. Além disso, enquanto os animais forem considerados uma propriedade dos humanos, não há possibilidade de existir nenhum padrão de *animal welfare* que ofereça uma proteção adequada aos interesses dos animais³¹.

Tanto Singer quanto Regan, se colocam como críticos à concepção de “bem-estar animal”, entretanto ambos admitem que regulamentações dessa natureza podem representar avanços nos direitos dos animais. Diferente dos dois, Francione considera esse tipo de proposta um retrocesso tanto em termos legais quanto em termos morais. Para ele, a defesa do bem-estar e a não abolição são ilegítimas, não contribuiriam para atacar a “raiz do problema” (animais como propriedades) e, além disso, contribuiriam para a perpetuação da exploração de animais não humanos por parte dos humanos (FERRIGNO, 2012; VILELA, 2013).

Francione introduz ao debate sobre alimentação e direitos dos animais um importante conceito que expande as questões do especismo: a esquizofrenia moral. Para ele, existe uma certa moralidade relativa por parte dos humanos em relação aos animais. Algumas pessoas se consideram defensoras dos animais, e defendem que os mesmos não devem sofrer ou serem maltratados, entretanto continuam a se

30“(1) Os abolicionistas afirmam que todos os seres sencientes, humanos ou não-humanos, têm um direito - o direito básico de não ser tratado como propriedade dos outros. (2) Os abolicionistas afirmam que nosso reconhecimento deste direito básico significa que devemos abolir, e não apenas regular, a exploração animal institucionalizada e que os abolicionistas não devem apoiar campanhas de reforma assistencial ou campanhas de uma só questão. (3) Os abolicionistas afirmam que o veganismo é uma linha de base moral e que a educação vegana criativa e não-violenta deve ser a pedra angular da defesa racional dos direitos dos animais. (4) A perspectiva abolicionista aborda o status moral dos não-humanos a partir da senciência somente e não com nenhuma outra característica cognitiva; Todos os seres sencientes são iguais para não serem utilizados exclusivamente como recurso. (5) Os abolicionistas rejeitam todas as formas de discriminação humana, incluindo o racismo, o sexismo, a discriminação por orientação sexual, a discriminação por idade, o capacitismo e o classismo - assim como eles rejeitam o especismo. (6) Os abolicionistas reconhecem o princípio da não-violência como um princípio fundamental do movimento dos direitos dos animais.” Tradução da autora.

31 <http://www.abolitionistapproach.com/about/mission-statement/> Acessado em 22 de novembro de 2017.

alimentar de carne e/ou derivados de animais, compram produtos testados em animais ou participam de eventos em que eles são utilizados como espetáculo. Os animais não humanos são categorizados em diferentes status, alguns são elevados a animais de estimação, os chamados *pets em* que podemos incluir cães e gatos, por exemplo. Esses animais fazem “parte da família”, são tratados como pessoas, criando-se um apreço sentimental. Já outros animais não possuem a mesma “sorte”, o status destes são rebaixados, sendo considerados bons para a alimentação humana, como é o caso dos porcos e das vacas. Francione questiona qual a diferença entre um leitão e um gato, já que ambos são sencientes.

Quando eu falo sobre esquizofrenia moral, estou procurando descrever o modo ilusório, enganado, confuso de pensarmos sobre os animais em termos sociais e morais. Essa confusão pode, é claro, incluir maneiras conflitantes ou incoerentes de olhar para os animais (alguns são membros da família; outros são jantar), mas isso não significa que eu esteja descrevendo uma múltipla ou dupla personalidade clássica. Nossa esquizofrenia moral, que envolve enganarmos a nós próprios quanto à senciência animal e às semelhanças entre os humanos e os outros animais, e uma enorme confusão quanto ao status moral dos não-humanos, é um fenômeno bastante complicado e tem muitos aspectos.³² (FRANCIONE, 2009)

A escritora e ativista vegana norte-americana Melanie Joy chama esse tipo de ação de “acrobacias psicológicas”³³ e, segundo ela, as mesmas são adotadas pela maioria das pessoas (MAGALHÃES, 2015). A filósofa brasileira Sônia T. Felipe utiliza o termo especismo eletivo³⁴ para endossar o conceito de esquizofrenia moral de Francione. Para ela:

Especismo eletivo é isto: eleger uma ou duas espécies animais como prediletas para estima e compaixão. Apegar-se a esses animais e pensar que a predileção por uma espécie de animal, uma raça de animal ou por um pedigree é tudo o que “devemos” moralmente aos animais em geral. É pensar que amar esse animal em particular já compensa a dor e o tormento

³²<http://www.anima.org.ar/anterior/libertacao/abordagens/uma-observacao-sobre-a-esquizofrenia-moral.html> Acessado em 26 de novembro de 2017.

³³Melanie Joy é autora do *best-seller* “Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas”.

³⁴ O especismo eletivo pode ser bem visualizado no texto de Sahlins (1979) “La Pensée Bourgeoise”, já citado anteriormente. Retomando a perspectiva de divisão e hierarquização das espécies, cachorros e cavalos não são considerados animais para a alimentação, e sim, para o convívio humano, normalmente sendo chamados por nomes próprios. Os primeiros tendem a ocupar o local de “amigo” do ser humano, enquanto os segundos estariam mais para “servos” ou “empregados”. Já bois e porcos são animais anônimos, cuja função está ligada a alimentação, e a hierarquia se relaciona com o corte: pratos que utilizam os cortes bovinos tendem a ter maior prestígio durante as refeições; já cortes os suínos são colocados num patamar abaixo, como de segunda categoria.

causados aos que não se enquadram na espécie eleita nem atendem aos requisitos da raça predileta.³⁵ (FELIPE, 2013)

Desta forma, pode-se construir um amplo panorama sobre a discussão da ética animalista a partir dos conceitos chave apresentados acima juntamente com as principais abordagens dos mais famosos intelectuais que tratam deste assunto.

³⁵<http://www.veggietal.com.br/especismo-eletivo> Acessado em 26 de novembro de 2017.

2 VEGANISMO: ESTILO DE VIDA E MUDANÇAS NO COTIDIANO

Neste capítulo, trabalharei com os dados coletados a partir do questionário feito na primeira pesquisa online. Ele será dividido em quatro partes. Na primeira parte serão apresentadas algumas informações referentes ao primeiro questionário que tratava do veganismo na perspectiva de um estilo de vida. Na segunda parte será tratada a iniciação ao veganismo a partir da descoberta do mesmo e das principais motivações que levaram essas pessoas a adotarem este estilo para suas vidas. A terceira parte falará das modificações no cotidiano de quem virou adepto ao estilo de vida vegano a partir de três vieses: a descoberta dos rótulos, a (re)descoberta da cozinha e os impactos nos círculos familiares e de amigos de quem optou pelo estilo vegano. Na quarta parte será tratado do veganismo para além de uma dieta ou opção de consumo, mas enquanto um estilo de vida de orientação e fundamentação ética.

2.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Um questionário contendo treze questões (sem contar as questões de identificação) foi criado pela plataforma “Google questionário” e disponibilizado em dois grupos cujo alvo são pessoas que veganas ou em transição para o veganismo. O primeiro grupo se chama “Vegs e aliados Santa Maria”, grupo com 2.251³⁶ perfis participantes, e que busca centralizar pessoas veganas, vegetarianas, em transição ou simplesmente interessadas nessa temática, de Santa Maria/ RS e região, fazendo do grupo um espaço de convívio e troca de informações acerca do vegetarianismo/veganismo. O segundo grupo se chama “Vegajuda – veganismo”, que possui 53.069 perfis participantes³⁷ e tem por objetivo orientar veganos e pessoas interessadas no veganismo a partir de suas postagens, servindo como um suporte ao oferecer informações e debater dúvidas acerca do veganismo.

A decisão por proceder com um questionário de respostas abertas online foi por conta da possibilidade de abranger um maior número de pessoas e não apenas o público local a qual a pesquisadora reside, podendo contribuir com uma maior diversidade ao material coletado. O questionário ficou aberto durante apenas três dias e conseguiu ao todo 39 respostas, algo bastante surpreendente e positivo,

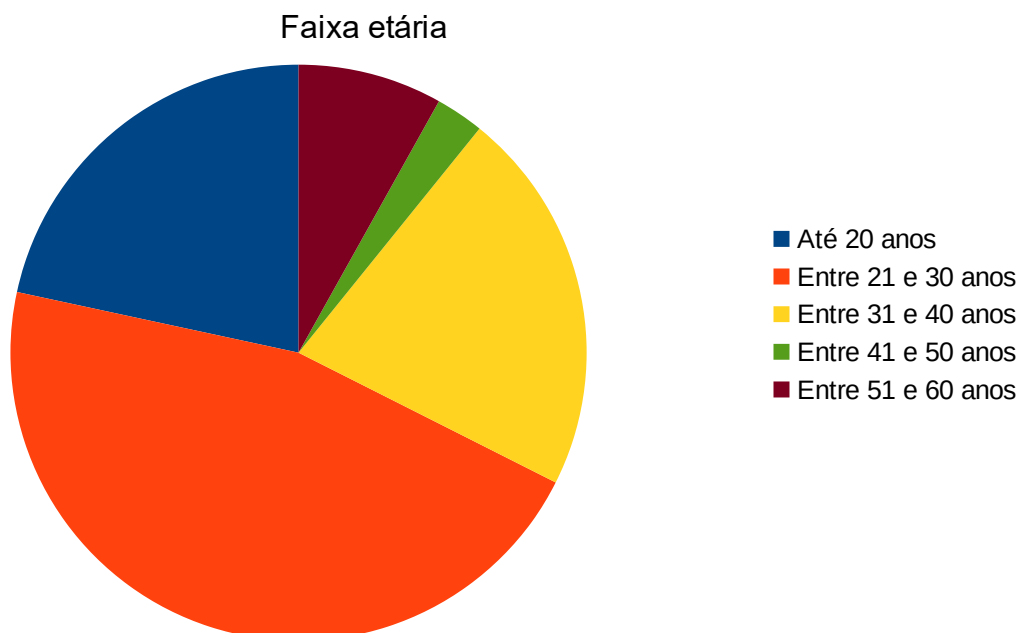
36 Informação obtida em 26 de novembro de 2018 e sujeita a alterações.

37 Informação obtida em 26 de novembro de 2018 e sujeita a alterações.

mesmo para um questionário razoavelmente longo e com praticamente todas as questões de espaço aberto para respostas.

Na primeira sessão do questionário havia uma breve apresentação dos objetivos e justificativas da pesquisa por parte da pesquisadora, com uma questão que solicitava a marcação do aceite em participar da pesquisa. A primeira questão questionava se a pessoa era vegana, estava em transição ou não era vegana. Das 41 respostas recebidas, 22 pessoas disseram que eram veganas, 17 responderam que estavam em transição. Duas responderam que não eram veganas, tendo assim suas participações finalizadas e enviadas ao fim do questionário, sobrando, dessa forma, 39 respostas possíveis. As idades dos participantes foram bastante variadas, conforme pode ser visualizado no Gráfico 1, sendo o mais novo com 14 anos e o mais velho com 59 anos: oito participantes tinham até 20 anos de idade; dezessete participantes tem idade entre 21 até 30 anos; dez participantes tem idade entre 31 até 40 anos; um participante tinha idade entre 41 e 50 anos; e por fim, três participantes tinham idade de 51 anos até 60.

Gráfico 1:

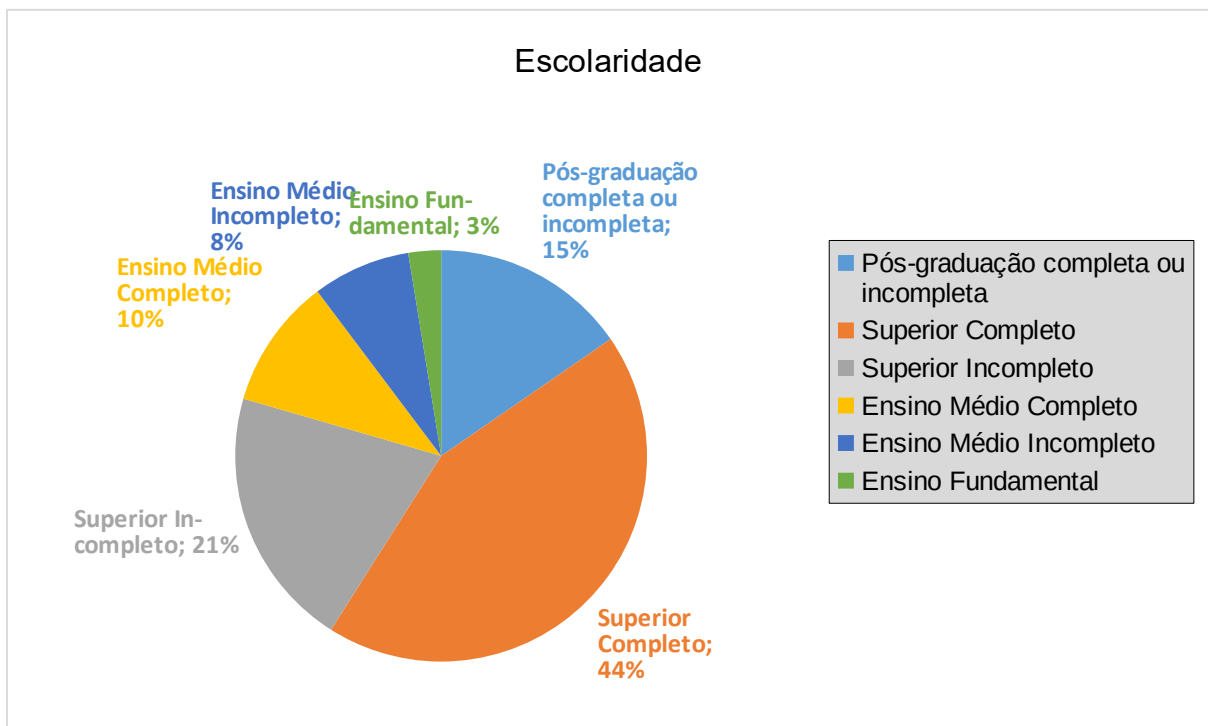


Fonte: Autora

O grau de escolaridade dos participantes (como pode ser observado no gráfico 2) era principalmente ensino superior completo, com 17 respostas, ou

cursando/incompleto, com 8 respostas. Pós-graduação completa ou cursando teve ao todo 6 respostas. Já com ensino médio completo houveram 4 respostas para completo e 3 respostas para cursando, apenas uma pessoa respondeu estar no ensino fundamental. Basicamente, observando a escolaridade, podemos ver que o veganismo está relacionado principalmente às camadas médias da população, que possuem ensino superior ou estão cursando o mesmo, e observando a faixa etária, está relacionado principalmente a pessoas jovens e jovens adultos.

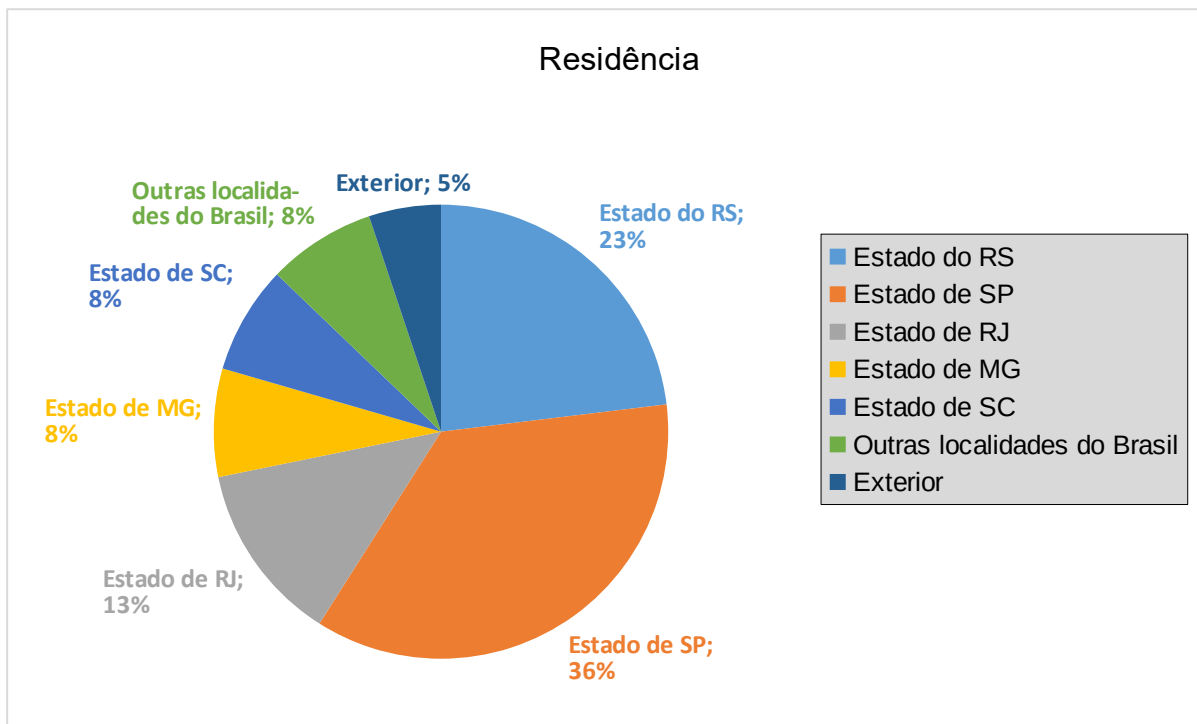
Gráfico 2:



Fonte: Autora

Mesmo com parte significativa de respostas pessoas que residem em Santa Maria/RS, o questionário também teve respostas de várias outras localidades do Brasil, e até mesmo duas respostas do exterior. Conforme o gráfico 3, a maioria das respostas ao questionário foram enviadas de diferentes cidades do estado de São Paulo, tanto do interior como da capital e região metropolitana.

Gráfico 3:



Fonte: Autora

Sobre há quanto tempo a pessoa era adepta ao veganismo, as respostas foram bastante diversas. Desde um mês até 11 anos, passando pelas diferentes fases, desde o ovolactovegetarianismo (que também pode ser lido enquanto um protovegetarianismo), vegetarianismo estrito, transição para o veganismo até o veganismo pleno, destacando que para cada pessoa há uma trajetória diferente, e nem todas as pessoas passam por estas “fases”, já que algumas pessoas podem se tornar veganas em questão de meses e outras passar por longos processos de adaptação que demoram alguns anos no mínimo.

Como havia dito anteriormente, este primeiro questionário abordava questões de cunho pessoal e do veganismo enquanto um estilo de vida, então as questões elaboradas tratavam de perspectivas relacionadas ao cotidiano dessas pessoas, das adaptações ao veganismo que foram feitas, bem como as (possíveis) mudanças e impactos que esse fato veio a ter em suas respectivas vidas.

2.2 INICIANDO NO VEGANISMO

Quando pensamos nas pessoas que viraram veganas, um dos primeiros questionamentos que nos vem a mente é: quais motivos levaram essas pessoas a

buscarem essa mudança? Motivos não faltam para o veganismo, mas cada pessoa possui em sua trajetória, motivação distinta, que acaba por se tornando única no meio das múltiplas possibilidades. Na gênese das razões para se tornar vegano, Ferrigno (2012) elencou cinco categorias como possibilidades, sendo elas: saúde, questão ambiental, ética, política e religião/espiritualidade. Nessa perspectiva, busca-se verificar, com base nos dados que foram coletados, a possibilidade destas cinco categorias estarem presentes nas respostas dos questionários. Uma das perguntas feitas no questionário era “Por que você se tornou vegano?”, além de solicitar, como complemento, que a pessoa citasse alguma situação ou motivação e comentasse um pouco do processo. A grande maioria das respostas que foram recebidas traziam o viés ético de forma muito bem citada e clara como a principal motivação de adesão ao veganismo. Junto a isso também foi colocado em destaque as relações de “respeito”, “amor” e “compaixão pelos animais” e contra os “maus tratos aos animais”. A relação de algumas pessoas com seus animais de estimação pode também ser um ponto de motivação que trouxe um processo de reflexão acerca da situação das condições impostas pelos humanos para com os outros animais. Alguns relatos trazem que após a adoção de um animal de estimação a relação com os outros seres vivos passou por uma reflexão.

Me tornei inicialmente vegetariana, aos 19 quando adotei meu primeiro gato, nunca tive proximidade com animais até então, ao adotá-lo comecei a enxergar os animais de outro jeito, não fazia mais sentido pra mim continuar comendo eles. (Questionário nº 19)

Comecei o caminho inspirado por uma amiga ovo-lacto e depois que me apeguei demais a meu cachorro senti ser fundamental lutar contra qualquer exploração aos animais. (Questionário nº 13)

A força motriz principal do veganismo está diretamente colocado com o respeito aos animais, seres sencientes, que merecem respeito e direito a liberdade e a vida tanto quanto os humanos. Nesse sentido, aqui reside o grande dilema ético do veganismo. Animais tem sido dominados e utilizados pelos humanos durante milênios de diferentes formas dentro do processo de domesticação. Nesse processo de seleção artificial feito pelos humanos, alguns animais receberam o status de companhia, como gatos e cachorros, já outros animais receberam o status prestadores de serviços, como cavalos, ou que ofereciam algum produto, como abelhas (mel), galinhas (ovos), ovelhas (lã e leite) vaca (leite), e por último, os

animais que foram considerados bons para o abate e consumo, como os bovinos e suínos. Como ilustrado no capítulo anterior, várias discussões de cunho ético e filosófico foram tecidas sobre a exploração de animais tanto na alimentação, quanto em outros setores da vida em sociedade. Desde a crítica mais antiga, vinda do filósofo grego Pitágoras (que já no século V a.C. já defendia uma dieta livre de carnes), passando por casos isolados, dos chamados “pitagóricos”, até a cunhagem do termo “vegetarian” por Joseph Brotherton em 1847, que coincide com a fundação da Sociedade Vegetariana da Grã-Bretanha no mesmo ano.

O fato é que, nos questionários, as respostas sobre como cada pessoa se tornou vegana são múltiplas, e variam da trajetória de vida de pessoa para pessoa. Entretanto os relatos sempre convergem para o mesmo eixo norteador: o respeito para com os animais.

Minhas principais motivações foram a crueldade e os problemas ambientais que a produção de carne e produtos de origem animal causam. Descobri minha intolerância à lactose faz aproximadamente 1 ano e a carne sempre fez mal ao meu organismo, sempre me senti muito pesada e com cólicas depois de refeições muito pesadas. Fui ‘restringindo’ minha alimentação aos poucos, sempre prestando atenção aos sinais do meu corpo. (Questionário nº 36)

Por ser contra a exploração animal (ainda mais por ser veterinária e ter convivido de perto com essa cadeia produtiva extremamente cruel), preservação do meio ambiente e, também, por acreditar ser um estilo tanto alimentar quanto de vida mais saudável. (Questionário nº 32)

Por respeito aos animais. Fui ovolactovegetariano por 1 ano e meio, durante esse período percebi que a exploração vai muito além da indústria da carne. Entre perceber isso e virar vegano passou bastante tempo, sempre me deparando com notícias e relatos sobre a crueldade das indústrias do leite e do ovo, principalmente. Ao me deparar com uma situação pessoal envolvendo um criador clandestino de coelhos, contra o qual não podia fazer nada, não consegui continuar apoiando a exploração animal. (Questionário nº30)

Um dos primeiros caminhos para iniciar no veganismo é pelo trajeto das mudanças alimentares e adesão ao vegetarianismo, seja ele estrito ou ovolacto (também chamado de protovegetarianismo, modalidade em que a pessoa come ovos e leite, mas exclui carnes de suas refeições). Tornar-se vegano do dia para a noite não é uma tarefa fácil, demanda muita pesquisa, informação e disposição. Esse processo é chamado de “transição”. A transição para o veganismo pode demorar alguns meses, como pode levar alguns anos, variando de pessoa para pessoa. Além disso, ela pode ter diferentes trajetos, de continuidades e

descontinuidades, pois é importante salientar que não existe um padrão a ser seguido, uma rota linear a ser percorrida. Também é importante salientar que nem todo vegano foi ovo-lacto algum dia, e nem todo ovo-lacto atualmente se tornará vegano no futuro.

Não acho justo tirar uma vida para saciar apenas o paladar, considerando que nutricionalmente não existe necessidade de comer animais. Mas confesso que ainda não sou vegana, mas tenho cada vez optado por produtos veganos. (Questionário nº 2)

Já era ovo-lacto há quase 9 anos e tomei coragem para fazer a transição no ano passado. Sou vegana pelos animais. (Questionário nº 21)

Já era há muitos anos ovo-lacto-vegetariana e finalmente decidi deixar de ser acomodada (Questionário nº 12)

A compulsiva utilização de animais como alimentação ou matéria para produtos é algo que não é questionado. O sistema de abate sistemático e os modelos de comensalidades não passam por reflexão. Esses esquemas são dados quando nascemos, e por conseguinte crescemos sem questionar. Ao comeremos um pedaço de carne não pensamos que outrora se tratava de uma vida, mas sim no seu sabor e no seu aspecto nutricional. Para Joy (2014) o consumo de animais e toda a sua indústria de violência pode ser chamado de “carnismo”. O carnismo se trata de um sistema de ideias e crenças invisíveis aos olhos, mas presente dentro da estrutura dominante. A ideia do carnismo está arraigada nos sistemas alimentares³⁸, da mesma forma que o patriarcado está arraigado nas relações de gênero (JOY, 2014, p. 33). Dessa forma, tornar-se vegano é contrapor a lógica dominante do uso sistemático de violência contra os animais para satisfazer interesses humanos. Para que essa contraposição ocorra, a informação é uma das chaves importantes para o conhecimento.

Muitas respostas do questionário traziam a influência de documentários famosos que iam de encontro ao sistema carnista no formato de denúncia, ao relatar a violência escondida na produção alimentícia contemporânea. O contato com esse material fez, em muitos casos, brotar uma semente de empatia, e a busca de uma forma de combater essa violência.

³⁸Para conceituação de sistemas alimentares ver Oliveira e Thébaud-Mony, 1997, já citado no capítulo anterior.

Assisti os documentários A Carne é Fraca e Não Matarás. Assisti 15 minutos de Terráqueos e fiquei convencida a aderir ao Veganismo. O meu namorado era vegano já alguns meses. Ele me indicou os documentários e ajudou na minha transição. (Questionário nº 22)

Primeiramente me tornei ovo-lacto após assistir ao documentário "A Carne é Fraca", que já me chocou de imediato e decidi parar de comer carne. Até então, entendia que o consumo de leite e ovos eram prejudiciais aos animais mas em vários documentários que vi depois nenhum abordava de forma clara a exploração dos animais nessa parte. (Questionário nº 26)

Eu comecei a conhecer comunidades veganas no Orkut. Minha irmã mais velha se tornou ovo-lacto (parou com as carnes). Então eu comecei a me informar mais, assisti documentários como "Terráqueos" e aí não consegui seguir a vida sem mudar as minhas práticas. (Questionário nº 1)

Os documentários "Terráqueos" (2005)³⁹, "A carne é fraca" (2005)⁴⁰ e "Não matarás" (2005)⁴¹, foram citados como meios importantes de aquisição de informações por parte dos veganos. Todos eles abordam a indústria de abate de animais e sua extrema violência, e foram citados como formas que ajudaram e incentivaram alguns veganos que responderam ao questionário em suas respectivas transições. Canais do Youtube e grupos no Facebook são também formas de auxílio na obtenção de informações e que podem auxiliar no processo de transição ao veganismo. No Youtube, vários canais de youtubers veganos compartilham vídeos interessantes com informações sobre produtos e marcas, além de receitas veganas aos interessados. Os grupos e páginas no Facebook também podem ter esse papel de compartilhamento de vídeos, receitas ou informações sobre produtos e marcas, entretanto ele possui uma outra função que tem grande impacto na vida dos veganos e principalmente na vida de quem está a se aventurar em um processo de transição: a construção de redes de relacionamento com outros veganos ou pessoas em transição.

O que me motivou a procurar entender e adotar o veganismo foram pessoas e grupos nas redes sociais (sobretudo Youtube e Instagram). Ao descobrir os benefícios do veganismo para o planeta e para saúde, além da realidade da exploração animal percebi que o veganismo era o estilo de vida/posicionamento político/ético que fazia sentido para mim. Comecei cortando o consumo de carnes e aos poucos estou diminuindo os demais produtos de origem animal/que testam em animais. E as redes sociais são minhas principais fontes de inspiração e motivação. Antes disso tudo, eu já estava questionando outros hábitos e práticas de consumo que

³⁹"Earthlings", Direção Shaun Monson. EUA, 2005, cor, 95 min. Gênero documentário. Idioma inglês.

⁴⁰"A carne é fraca", Direção Denise Gonçalves. Brasil, 2005, cor, 54 min. Gênero documentário. Idioma português.

⁴¹"Não matarás", Direção Denise Gonçalves. Brasil, 2005, cor, 65min. Gênero documentário. Idioma Português.

eventualmente me levaram a questionar minha comida, o que me trouxe ao veganismo. (Questionário nº 34)

Uma outra citação que pode ser destacada é a estreita relação do veganismo com os intelectuais que o sustentam. Uma das respostas traz que a leitura de um texto do jurista e ativista vegano norte-americano Gary L. Francione trouxe uma reflexão moral quanto a violação dos direitos de liberdade e vida dos animais.

Li um texto do prof. Gary Francione sobre direitos dos animais e reconheci que violar o direito à vida deles é moralmente errado. (Questionário nº 26)

Uma resposta um tanto inusitada recebida em um dos questionários trazia a motivação para se tornar vegana desta pessoa era “pela relação com o veganismo” (Questionário nº 5). Num primeiro momento parece estranha esta relação, entretanto buscando mais a fundo nas teorias sobre veganismo, encontra-se a obra de Carol Adams “A política sexual da carne”, que trata justamente da relação entre o carnivorismo e o patriarcado. Para Adams (2012), a carne tem o seu potencial de virilidade, e uma estreita relação com o princípio da masculinidade, enquanto o espectro feminino estaria relacionado aos vegetais. O carnivorismo é lido enquanto uma política sexual de dominação masculina tanto sobre mulheres como animais. Desta forma, existe uma estreita relação entre o feminismo e o vegetarianismo, na qual o primeiro seria a teoria e o segundo faria parte da sua prática, e ambos seriam uma forma de rebelião ao sistema dominante atual. Adams, desta forma, funda uma nova corrente tanto dentro do vegetarianismo/veganismo quanto do feminismo, que vem a se complexificar e consolidar com o passar dos anos. Nesta visão feminista vegana, não basta defender apenas os direitos das mulheres humanas, mas sim, lutar pelos direitos de todas as fêmeas de todas as espécies que sofrem com o especismo e a exploração animal.

Dessa forma, a partir dos relatos que foram trazidos até aqui, o caminho de transição para o veganismo tem muitas rotas para se iniciar, seja por meio de leitura, influência de amigos ou familiares, dentro de um processo de mudança alimentar iniciada com um protovegetarianismo. Todavia o grande motivador para a transição ao veganismo é de cunho ético, trazendo o respeito aos animais, a inviolabilidade de seus direitos enquanto seres vivos. Questões como a preservação do meio ambiente, motivações políticas saúde/bem-estar e religiosidade/espiritualidade

(BEARDWORTH E KEIL, 1992; FOX E WARD, 2008) estão relacionadas diretamente ao processo de introdução a uma dieta vegetariana, e do ponto de vista aqui tratado e com os dados que aqui são observados, elas podem ser lidas apenas como questões adjacentes ao processo de veganização, mas não como a força motriz do mesmo. Esses quatro elementos podem iniciar um processo de mudança mais voltada para o campo alimentar, que finalizará possivelmente em um vegetarianismo de nível estrito, e não necessariamente em veganismo. É preciso lembrar das diferenças entre vegetarianismo e veganismo, sendo que o primeiro se trata de uma dieta e o segundo traz aspectos mais éticos ao seu discurso. Isso não significa que algum destes elementos, ou mesmo os quatro, também apareçam nas respostas recebidas nos questionários, entretanto, a motivação ética é o ponto central para a guinada ao estilo vegano. Dessa forma, o veganismo também pode ser lido como um vegetarianismo de cunho ético (PERROTA, 2017), que não está ligado apenas a razões e motivações de mudanças pessoais dos indivíduos, mas também e principalmente a questões de moralidade nas práticas de não consumo dos animais sua utilização para outras finalidades do interesse humano.

2.3 MODIFICAÇÕES NO COTIDIANO

2.3.1 O maravilhoso mundo dos rótulos

Mesmo que a ação de se tornar vegano seja motivada muito mais por fatores de cunho éticos do que por outros fatores, não se pode negar que todas essas ações modificarão o cotidiano, a vida no dia a dia tanto da pessoa individualmente quanto no seu círculo social familiar e de amigos. O ato de se tornar vegano inclui uma série de modificações em vários setores da vida de cada um, e também pode ocorrer mudanças no meio familiar da mesma. A primeira mudança mais visível e destacada é na alimentação e nos produtos básicos de primeira necessidade, como higiene e limpeza. Todos os tipos de carnes, mel, ovos e leites de origem animal são retirados da alimentação. Produtos que tenham em sua composição derivados de animais também são cortados, bem como marcas que testam seus produtos em animais ou adquirem a matriz de produção de empresas testadoras. Mesmo marcas que na composição de seus produtos não possuam matriz de origem animal, mas fazem parte de empresas que promovem a exploração animal em outros sentidos,

como patrocinadoras de rodeios ou outros eventos de exploração animal para entretenimento, também são deixadas de lado, e não são consideradas boas para o consumo. O objetivo traçado, dessa forma, é deixado bem claro, deixar de patrocinar, por qualquer meio, a morte e exploração de animais para a satisfação humana.

Eu me preocupo em pesquisar produtos não testados em animais e tenho me alimentado mais em casa, porque fora ainda é muito difícil achar opções veganas. Procurei conhecer termos que indicam a presença de animais nas fórmulas (Questionário nº 2)

Uma simples ida ao supermercado, para a pessoa vegana, se transforma em uma grande odisseia*. Inúmeras prateleiras recheadas de produtos das mais diversas marcas, cores, sabores e odores. A busca de um produto que se encaixe dentro dos padrões do veganismo pode ser um pouco difícil nas primeiras tentativas. A leitura do rótulo ou embalagem com os ingredientes/ composição de cada um dos produtos a serem adquiridos é uma peça fundamental. O emaranhado de termos técnicos que estão numa embalagem pode confundir a cabeça de alguém que está iniciando.

É muito importante destacar o papel da informação como um elemento-chave no veganismo. A pesquisa prévia dos produtos aptos para serem consumidos já é algo que precisa estar em mente antes de sair para as compras. Os rótulos dos produtos guardam armadilhas, pois o desconhecimento da maior parte dos nomes técnicos de vários ingredientes dificultam o reconhecimento de quais produtos possuem ou não elementos de animais em sua composição. A dúvida está agregada principalmente a dois fatores: (1) se algum dos ingredientes do produto é ou não de origem animal; (2) se o produto ou marca passou por testes em animais antes de ser colocado no mercado. A primeira dúvida pode ser superada por meio de pesquisa e de conhecimentos básicos de química. Por exemplo o *carmine* (Eng: *carmine acid, carmine, cochineal, natural red 4*) é um pigmento vermelho muito utilizado como corante alimentar, em molhos de maçãs ou na indústria cosmética, sua extração se dá por meio do esmagamento da fêmea do inseto cochonilha, e para se fazer um quilo desse pigmento é necessário o esmagamento de um milhão desses insetos⁴². Muitas vezes o desconhecimento faz com que um rótulo que apresente esse ingrediente passe despercebido para os menos atentos. Os ingredientes de origem

⁴²<http://sociedadevegan.com/alimentacao-origem-animais/> acessado em 3 de dezembro de 2018.

animal estão onde menos se espera, e consumidores veganos devem estar constantemente atentos ao que é comprado. Ler os rótulos não é tarefa fácil, e no início pode ser cansativo, mas depois de tempo e treino acaba por se tornar corriqueira, rápida e fácil.

Por vezes, basta olhares para a informação nutricional dos produtos. Se um produto listar uma percentagem de colesterol superior a 0%, então podes voltar a pô-lo logo na prateleira, pois é certo que tem algum ingrediente de origem animal (alguns vegetais contêm colesterol, mas em quantidades desprezáveis). Contudo, o inverso não é válido: o facto de um produto não ter colesterol, por si só, não permite concluir que esse produto é vegano. Para confirmares se um produto é vegano, percorre a lista de ingredientes. Verás que os ingredientes de origem animal mais óbvios saltam logo à vista: soro de leite, leite em pó, gema de ovo, caldo de carne, etc. Se não encontrares nenhum destes ingredientes, procura com mais atenção os ingredientes “escondidos”: gelatina, caseína, albumina, etc. Em caso de dúvida sobre um ingrediente, a opção mais sensata é não comprar esse produto.⁴³ (site “Muda o mundo” seção “Ingredientes de origem animal”)

Encontrei muitas respostas nos meus questionários que vão ao encontro dessas perspectivas, como por exemplo, o relato dessas pessoas:

Os grupos veganos do Facebook, além de ser um espaço de sociabilidade também acaba tendo a função de auxiliar nessa rotina difícil de leitura de rótulos e pesquisa de produtos. Um exemplo é o grupo “Vegajuda – Veganismo” que tem em seus espaços de conteúdo, compartilhamento de informações, ajuda em dúvidas e listas constantemente atualizadas com produtos adequados para o consumo de pessoas veganas. Uma ação muito importante, feita por membros e de forma informal, é a entrada em contato com SAC (serviço de atendimento ao cliente) das empresas, questionando se determinado produto tem em sua composição ingredientes de origem ou animal ou se o mesmo passou por testagem em animais. Essas informações acabam por ser disponibilizadas aos membros, acabando por facilitar às idas ao mercado. Entretanto, essas listas não são definitivas, e sempre passam por revisões quando necessário, com entrada de novos produtos que estão habilitados para o consumo ou retirada dos mesmos, que por alguma motivação, seja da prática da empresa ou de mudança de algum ingrediente na composição, passam a não ser mais sugeridos como impróprios para o consumo de veganos.

⁴³ <https://www.mudaomundo.org/como/alimentacao/ingredientes> acessado em 3 de dezembro de 2018.

Para ser vegano, não há a necessidade de ser um especialista em nutrição ou bioquímica, entretanto, o cotidiano da pesquisa, a busca de material acerca desses elementos acaba por tornar quem é leigo e está no caminho da veganização a contrair um conhecimento básico sobre estes assuntos.

2.3.2 (Re)Descobrimdo a cozinha

Uma grande descoberta que vem junto com a mudança para o veganismo é a cozinha. Não que a maioria dos veganos antes de se tornarem nunca tenha pisado na cozinha e feito suas refeições. Todavia, esse é o momento em que o ato de cozinhar tem o maior impacto na vida dos novos ou já experientes veganos. Se tornar vegano também é se tornar um cozinheiro, pois a maior parte das refeições só dependerão da própria pró-atividade do sujeito em fazê-las. E isso não se resume apenas em casa, mas na rua também, pois a falta de estabelecimentos vegetarianos, ou até mesmo de opções vegetarianas, acabam por deixar a pessoa sem lado para recorrer e ter que apelar para as “marmitas”⁴⁴.

“Tenho me alimentado mais em casa, porque fora ainda é muito difícil achar opções veganas.” (Questionário nº 2)

“Passei a cozinhar a maioria absoluta das coisas que consumo, parei de comer fora (apenas em restaurantes veganos, e mesmo assim com pouca frequência) e passei a levar meu próprio alimento para reuniões sociais e profissionais.” (Questionário nº 4)

“Aprendi a cozinhar e a plantar.” (Questionário nº 13)

Cozinhar sua própria alimentação, muitas vezes é a única forma segura de ter certeza quanto aos ingredientes que estão sendo utilizados no preparo das receitas. Mesmo pratos simples podem ter em sua composição derivados de animais e não serem percebidos, caso a pessoa vá comer em algum estabelecimento ou restaurante que não garanta a integridade vegetariana dos mesmos (ex.: feijão temperado com banha de porco). E mesmo quem já tinha um apreço pela cozinha antes de sua guinada ao veganismo, posteriormente redescobriu um novo mundo de possibilidades com as alternativas vegetarianas de pratos comuns.

⁴⁴Marmita, também chamada de vianda ou quentinha, é uma pequena porção de comida levada pelo trabalhador brasileiro em potes ou embalagens metálicas para servir de refeição no horário de intervalo para almoço.

“Sempre tive o hábito de cozinhar e levar marmitas para a faculdade/estágio. Continuo com a mesma rotina e acho até mais fácil e prático de organizar. O que mais interfere é a questão de encontrar opções veganas nos estabelecimentos comerciais.” (Questionário nº 32)

Eu, apesar de sempre ter cozinhado, me redescobri na culinária vegana, e hoje estou trabalhando com confeitaria graças a necessidade de buscar alternativas aos pratos que gostava. (Questionário nº 12)

Dedicar algumas horas exclusivas para o ato de cozinhar todas as suas refeições é necessário, e muitas vezes isso acaba por fazer com que as pessoas tenham que dispor de mais tempo para a cozinha. Outros casos, a pessoa tem que exclusivamente fazer apenas as suas refeições, pois o restante da família ou moradores com quem ela divide residência não é vegano.

Passo mais tempo na cozinha que antes, isso atrapalha um pouquinho. (Questionário nº 20)

Tenho que preparar minhas refeições separadas porque somente eu sou vegana em minha casa. Mudou meus hábitos de compra, meu modo de pensar e ver a vida. (Questionário nº 25)

No momento em que um vegano mora com outras pessoas não-veganos, o espaço social da cozinha, dentro da residência, é um espaço que necessita estar sempre em constante negociação. Abonizio (2016) coloca a possibilidade de existir “conflitos à mesa” por conta de uma “pluralidade de dietas contemporâneas e os conflitos que geram no hábito cotidiano de comensalidade” (ABONIZIO, 2016, p. 115). Falarei mais sobre os conflitos familiares e da esfera social dos veganos nos próximos tópicos.

Também é importante destacar uma questão de gênero. A cozinha, por séculos foi o espaço social da mulher na residência, e as atividades de preparar refeições estava delegado como um status feminino, para ser desempenhado, em especial, pela figura da mãe. Com as mudanças sociais da contemporaneidade, a cozinha passa a ser apropriada também por novos atores sociais, como por exemplo, os homens (BARBOSA, 2016). A necessidade de cozinhar é vital para o vegano, dessa forma, muitos homens que se tornam veganos tiveram que quebrar esse obstáculo cultural da preparação dos seus próprios alimentos, se apropriando do espaço da cozinha.

Algumas respostas me trazem também uma informação importante e interessante. Para além de utilizar a cozinha para fazer seus próprios alimentos, alguns veganos encontraram uma forma de empreendedorismo com a sua culinária.

O veganismo mexeu tanto comigo que mudei de profissão, vendi o salão e troquei as tesouras pelo fogão, vejo-me hoje contribuindo muito mais para o Universo, auxiliando as pessoas a nutrirem-se melhor. (Questionário nº 39)

Os pequenos empreendimentos veganos são uma possibilidade para quem busca aliar o seu conhecimento de alimentação vegetariana juntamente a necessidade de uma atividade remunerada. Na cidade de Santa Maria/RS, uma cidade de médio porte e universitária, por exemplo, não é difícil encontrar empreendimentos artesanais veganos. Com o auxílio de divulgação das redes sociais, a facilidade de comunicação traz novos ares aos empreendedores veganos. Em contrapartida, inversamente proporcional ao aumento do número de empreendedores sozinhos, o número de restaurantes que são estritamente vegetarianos é irrisório, num total de apenas dois estabelecimentos, além da dificuldade de encontrar opções vegetarianas em outros estabelecimentos comuns.

Os pequenos empreendimentos se apresentam muitas vezes em um status informal. Geralmente se trata de uma ou duas pessoas que participam da confecção principalmente de produtos alimentícios, mas também de itens de higiene e beleza. O Facebook se torna um grande aliado para esse tipo de atividade, já que facilita a divulgação do trabalho e a comunicação entre quem produz e quem deseja consumir. A possibilidade de divulgação por meio do espaço em grupos de Facebook também garantem uma maior abrangência, já que os mesmos facilitam a visualização de postagens de divulgação aos membros participantes.

2.3.3 Impacto nos círculos familiares e de amigos e a iminência de conflitos

A modificação dos hábitos de consumo de uma pessoa e sua adesão ao veganismo pode ter consequências não apenas para o interessado, mas também para todo um círculo social que esse indivíduo está inserido, sendo num primeiro âmbito sua família e num segundo, os amigos mais próximos e íntimos. É fato que o veganismo abala várias estruturas tanto sociais quanto emocionais por onde passa,

podendo colocar diferentes indivíduos que outrora conviviam harmoniosamente em um iminente conflito de interesses.

Muitas vezes, o fato de se ter um vegano na família ou no círculo de amigos íntimos pode ser um incentivador para uma conduta de reflexão do consumo individual de quem está a sua volta. Relatos que são trazidos aqui conferem que muitas vezes, principalmente os pais, reagiram com estranheza às mudanças, todavia logo após um tempo para digerir os fatos, os mesmos reduziram seu próprio consumo de carne, por exemplo.

Meu marido passou a se alimentar da mesma forma que eu (ao menos quando está em casa), embora não seja vegano ou vegetariano. (Questionário nº 4)

Tanto minha família quanto amigos demonstram interesse e respeito apesar de se manterem consumindo carnes e derivados. Quatro pessoas bem próximas reduziram drasticamente o consumo de carne. (Questionário nº 12)

Minha mãe reduziu bastante o consumo de produtos de origem animal. (Questionário nº 13)

Alguns relatos trazem que o fato de que por já estarem morando sozinho, a aceitação por parte da família se deu de forma mais fácil e menos tumultuada.

Moro sozinha, e sempre cozinhei ao visitar meus pais, então houve pouca mudança/impacto. (Questionário nº 21)

Muitas vezes quando se fala do impacto nos círculos íntimos dos veganos, logo se pensa na iminência de conflitos, dificuldades de relacionamento e quebra de uma harmonia de convivência que antes estava estabelecida. Entretanto, muitos relatos trazem o poder do impacto positivo. Não necessariamente pode ocorrer uma “veganização” de todos os familiares, mas não é difícil verificar que alguns pais, mães, familiares próximos e amigos foram impactados de forma positiva.

No início com estranheza. Com o tempo foram notando os benefícios e que é algo simples, que muda mais o nosso interior do que o exterior. Sobre o impacto, hoje os meus pais diminuíram drasticamente o consumo de carnes e derivados, estão mais saudáveis e conscientes, a minha irmã do meio está no caminho para o veganismo e também já ajudei vários amigos em suas transições. Além disso, consegui convencer um amigo a transformar o restaurante dele em 100% vegetariano, sem carnes ou derivados. (Questionário nº 1)

Meus pais não são veganos mas me ajudam na transição. Minha mãe, por exemplo, busca receitas na internet, e meu pai faz as compras do mercado e sempre pergunta o que comprar. Às vezes meu pai me acompanha nas refeições e acaba fazendo refeições veganas. Além disso, quando faz churrasco, sempre compra legumes para assar pensando em mim :). Já a minha mãe, por exemplo, acabou por parar de ingerir leite. (Questionário nº 32)

Por vezes, o impacto é tão grande que acaba por influenciar os membros da família a modificarem seus hábitos.

[Meus familiares] Ficaram surpresos, foram contra, teve piada. Hoje aceitam e me seguem. Dificilmente nas refeições que fazemos juntos, há animais. Meu marido aderiu e é vegano também. Quando visito minha mãe ela passa uma temporada vegana também. (Questionário nº 31)

Toda a minha família se impactou. Meus 3 filhos se tornaram veganos e meus irmãos e amigos estão se conscientizando. (Questionário nº 26)

Outras vezes, o fato de já existirem veganos (ou vegetarianos) na família, já encurta o caminho e ajuda num processo de aceitação mais fácil.

Minha família materna aceitou bem as mudanças por convivermos com uma tia de família vegana/vegetariana. Minha irmã é vegana, meus pais aceitaram bem a minha decisão também. Meus amigos aceitaram bem mas ainda ouço comentários chatos de pessoas menos íntimas. (Questionário nº 19)

Infelizmente, nem sempre há impacto positivo nos círculos mais íntimos, e algumas pessoas relatam que além dos estranhamentos iniciais, das piadas e deboches, as maiores preocupações de familiares e amigos está direcionado a como será a convivência com esse recém-vegano ou vegana e a sua participação em eventos sociais.

Acho que a maioria foram reações negativas, tanto que só consigo, logo no início, lembrar de 2 pessoas que reagiram positivamente: a mulher que eu relatei que me colocou no grupo do Vegs e Aliados, e a minha mãe. A minha mãe, apesar de ser onívora até hoje e dizer que não consegue mudar, me apoiou muito e sempre respeitou. Dos colegas de trabalho recebi bastante ironia, piadas e críticas, foi bem complicado. Dos amigos acho que um misto de estranhamento, com muitas dúvidas e receios, sobre como seria a minha alimentação dali por diante (porque num primeiro momento parece que só comida importa, as pessoas em sua maioria resumem veganismo à dieta alimentar) e também sobre a minha convivência em eventos sociais. (Questionário nº 35)

Por conta desses mal-estares, muitas vezes o afastamento de eventos sociais familiares acaba sendo uma consequência para quem adere ao veganismo.

Estamos no Estado [Rio Grande do Sul] onde existem estâncias de gado de corte criado a pasto (disso entendo bem, sou formada em zootecnia), a pressão da cultura e o hábito do churrasco dominical causou grande impacto na minha relação familiar, inicialmente eu participava dos churrascos e levava pratos veganos para compartilhar, mas não era fácil ouvir piadinhas de mal gosto, com o tempo passei a sentir-me rejeitada e também o cheiro dos assados me incomodavam, deixei de participar dos almoços de domingo em família. (Questionário nº 39)

2.4 VEGANISMO, UM ESTILO [ÉTICO] DE VIDA

Muitas vezes o veganismo é destacado por seu caráter pautado no consumo. Entretanto, é muito importante destacar que mesmo as questões alimentares sendo um dos elementos de destaque dentro do veganismo, é equivocado concebermos o veganismo enquanto na perspectiva de uma dieta. A dieta adotada dentro do veganismo é a mesma adotada pelos vegetarianos estritos, mas entre ambos, existe um abismo que se dá pelas escolhas éticas.

O veganismo está para além da dieta e consumo, se configura muito mais como um movimento de defesa dos direitos dos animais perpassando pelas questões morais e éticas dentro das escolhas relacionadas à alimentação e ao consumo em geral. O veganismo impulsiona uma luta contra a hegemonia alimentar que se baseia no consumo de carne e derivados na alimentação, e uma luta contra a hegemonia da produção e consumo baseado na exploração dos animais para a satisfação de interesses humanos. Segundo o site *The Vegan Society* o vegano “busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e de crueldade contra animais”⁴⁵. Dessa forma, o veganismo se coloca como um movimento que tem como sua bandeira a libertação animal em todas as frentes possíveis, desde a alimentação e exploração do trabalho forçado até o encarceramento para o entretenimento. Todos esses elementos devem ser constantemente verificados por quem pratica o veganismo em sua vida. O veganismo não está limitado aos interesses individuais das pessoas que o pratica,

⁴⁵ <https://www.megacurioso.com.br/animais/75382-veganos-quem-sao-o-que-comem-o-que-nao-fazem-descubra-agora-mesmo.htm>

mesmo assim ele pode ser considerado enquanto um estilo de vida pois se localiza dentro das escolhas individuais cotidianas regidas sob aspectos éticos.

Segundo Giddens (2002), estilo de vida não pode ser pensado como algo trivial, muitas vezes ligado apenas a um consumismo superficial. Para ele, o estilo de vida está ligado a modernidade e “pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da autoidentidade” (GIDDENS, 2002, p. 79). Um estilo de vida é “adotado” por um indivíduo, e não imposto. Ele está vinculado a práticas rotinizadas, se tornando rotinas incorporadas que são reflexivamente abertas à mudança.

Os estilos de vida são práticas rotinizadas, as rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir e lugares preferidos de encontrar os outros; mas as rotinas seguidas estão reflexivamente abertas à mudança à luz da natureza móvel da autoidentidade. Cada uma das pequenas decisões que uma pessoa toma todo dia — o que vestir, o que comer, como conduzir-se no trabalho, com quem se encontrar à noite — contribui para essas rotinas. E todas essas escolhas (assim como as maiores e mais importantes) são decisões não só sobre como agir mas também sobre quem ser. (GIDDENS, 2002, p. 80)

É importante destacar que o estilo de vida faz parte da construção da trajetória do indivíduo, fruto de uma constante reflexividade contínua através de uma narrativa do eu explicitada que concebe a autoidentidade de cada pessoa (GIDDENS, 2002).

Segundo Giddens (2003) “o domínio básico de estudo das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação, não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo” (GIDDENS, 2003, p. 2). Nessa tese, a continuidade das práticas sociais, segundo ele, presume a reflexividade, que está estritamente ligada a continuidade das práticas no espaço e tempo.

(...) a “reflexividade” deve ser entendida não meramente como “autoconsciência”, mas como o caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social (...) A monitoração reflexiva da ação depende da racionalização, entendida aqui mais como um processo do que como um estado, e como inerentemente envolvida na competência dos agentes. (GIDDENS, 2003, p. 3-4)

Dessa forma, podemos ver um processo de racionalização das escolhas alimentares diretamente ligada a dimensão reflexiva do processo de adesão ao veganismo. Para Giddens (2003):

A racionalização referente a “intencionalidade” como processo, e, como as outras duas dimensões, uma rotina característica da conduta humana exercida de forma reconhecida. Em circunstâncias de interação - encontros e episódios - a monitoração reflexiva da ação incorpora tipicamente, e uma vez mais rotineiramente, a monitoração do cenário onde essa interação se desenrola. (GIDDENS, 2003, p. 4)

Dessa forma, os seres humanos possuem a capacidade de desenvolver atividades com determinado grau de intencionalidade, em que possuem não apenas alguma compreensão relativa do que se está fazendo, mas também dotado das razões de o porquê se está fazendo. Essa razão não pode ser explicada como uma autoconsciência, mas em termos do monitoramento reflexivo da ação. Para Giddens a reflexividade na modernidade é tida como o processo em que os agentes sociais constantemente examinam e reformulam suas as práticas sociais e cotidianas a partir de cada nova informação sobre essas mesmas práticas.

O estilo de vida também está vinculado às noções de *habitus*. Para Bourdieu (1985) o *habitus* seria:

(...) um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983b, p. 65)

O *habitus* está relacionado a classe social que o indivíduo ocupa, não apenas na sua qualidade de capital econômico, mas também a partir do capital social e do capital cultural de seus indivíduos, assim:

(...) o *habitus* está ligado a classe ou posição social ocupada pelo indivíduo, no entanto, a classe social para ele é um conceito mais abrangente que a perspectiva tradicional. A classe social não seria resultante apenas do capital econômico, pelo contrário, mas também do capital social e do capital cultural, sendo assim, o que determina uma classe ou o *habitus* de uma classe não seria apenas o seu poder econômico, mas sim o resultante entre o capital econômico, capital social e também o capital cultural. (SILVA, 1995 APUD DENDASCK E LOPES, 2016)

Podemos perceber pelas informações em amostra obtidas nos questionários que boa parte das pessoas veganas (ou em transição ao veganismo) possuem um grau de escolaridade elevado (44% possui ensino superior completo, 20% está com o ensino superior em andamento e 15% tem ou está em algum nível de pós-graduação – especialização, mestrado ou doutorado). É perceptível que dentro do veganismo, a maioria possui um elevado grau de capital cultural, principalmente pela maior facilidade de acesso à informação, um componente importante para compreensão por exemplo dos termos técnicos presentes em rótulos ou na busca de mais referências quanto a marcas e produtos. Além disso, o fato deste grupo possuir muitas vezes uma condição financeira mais elevada, facilitando muitas vezes a compra de produtos mais baratos do mercado, mas dos mais adequados para o veganismo. Isto não significa que não existam pessoas veganas que tenham menos condições financeiras e poder aquisitivo. Existem até mesmo páginas e grupos nas redes sociais digitais como por exemplo “Vegana pobre” e “Veganismo popular” que buscam desmistificar o veganismo enquanto algo caro e inacessível e ao mesmo tempo demonstram como é possível ser vegano com poucos recursos financeiros.

Desta forma, busca-se concluir o capítulo II nos aspectos de estilo de vida presentes no cotidiano de quem almeja o veganismo enquanto um processo de mudança ética para sua vida pessoal.

3 VEGANISMO E ATIVISMO POLÍTICO

A questão principal que trarei neste capítulo é observar o veganismo enquanto um “novo” movimento social baseado no engajamento político individual e problematizar *“afinal de contas, o que querem os vegano?”*.

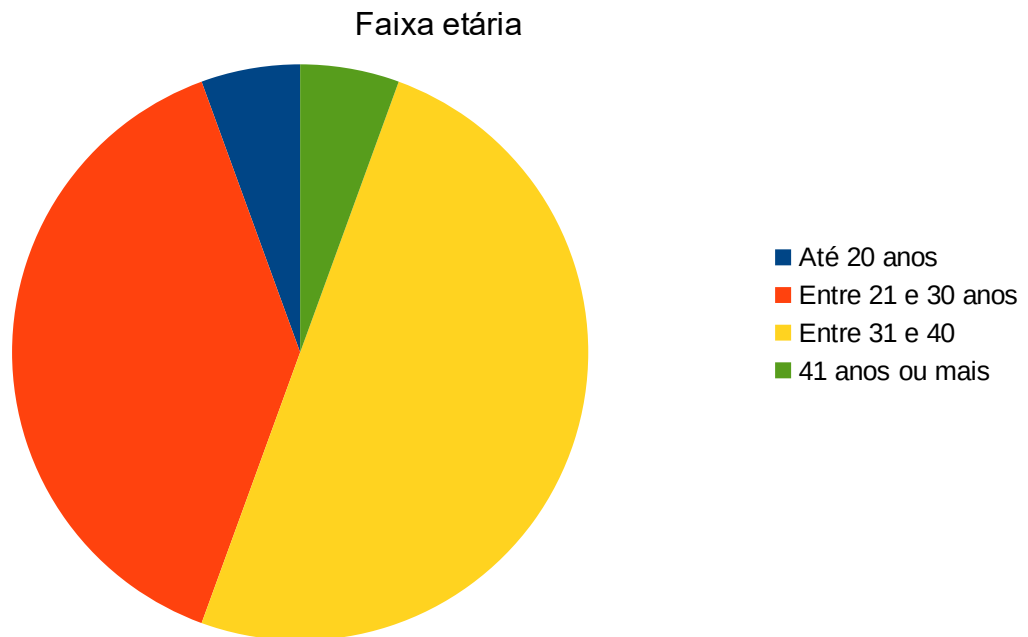
Desta forma, trabalharei com os dados coletados a partir do questionário feito na segunda pesquisa online. Este capítulo será dividido em três partes. Na primeira parte serão apresentadas algumas informações referentes ao segundo questionário que tratava do veganismo na perspectiva de um ativismo político e de consumo politizado. Na segunda parte trarei algumas falas dos veganos que responderam aos questionamentos referentes a sua prática de ativismo em defesa dos direitos dos animais e veganismo. Na terceira parte, trarei uma reflexão referente a possibilidade de se reconhecer o movimento vegano enquanto um movimento social.

3.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Um questionário contendo treze questões foi criado pela plataforma “google formulários” e disponibilizado nos dois mesmos grupos que o questionário anterior (descrito no capítulo II), cujo alvo são pessoas que veganas ou em transição para o veganismo: “Vegs e aliados Santa Maria”, “Vegajuda – veganismo, e mais três grupos novos: “Veganismo”, “Veganismo Social – Discussões Interseccionais” e “Veganismo e Liberdade Animal”. O questionário ficou aberto durante dezoito dias e conseguiu ao todo 18 respostas, um pouco aquém do esperado, (visto que o questionário anterior atingiu um número maior em bem menos tempo). Mesmo assim, ele conseguiu obter boas respostas, mesmo sendo um questionário longo e com praticamente todas as questões de espaço aberto para respostas de forma escrita. Optou-se por elaborar dois questionários diferentes para concentrar em cada um deles o que se desejava observar. No primeiro questionário, busca-se compreender o veganismo dentro da perspectiva de um estilo de vida, e no segundo questionário, o veganismo enquanto uma prática de ativismo engajado. Se os questionários fossem juntos, eles acabariam por ser longos demais, o que poderia diminuir o interesse do público-alvo em respondê-los.

Na primeira sessão do questionário havia uma breve apresentação dos objetivos e justificativas da pesquisa por parte da pesquisadora, juntamente a uma questão que solicitava a marcação do aceite em participar da pesquisa. Marcando “sim”, a pessoa ia para a parte das perguntas de identificação pessoal. As idades dos participantes foram bastante variadas, conforme pode ser visualizado no Gráfico 4, sendo o mais novo com 19 anos e o mais velho com 42 anos: até 20 anos houve apenas uma resposta; sete participantes tem idade entre 21 até 30 anos; nove participantes tem idade entre 31 até 40 anos; um participante tinha idade de 41 ou mais.

Gráfico 4:

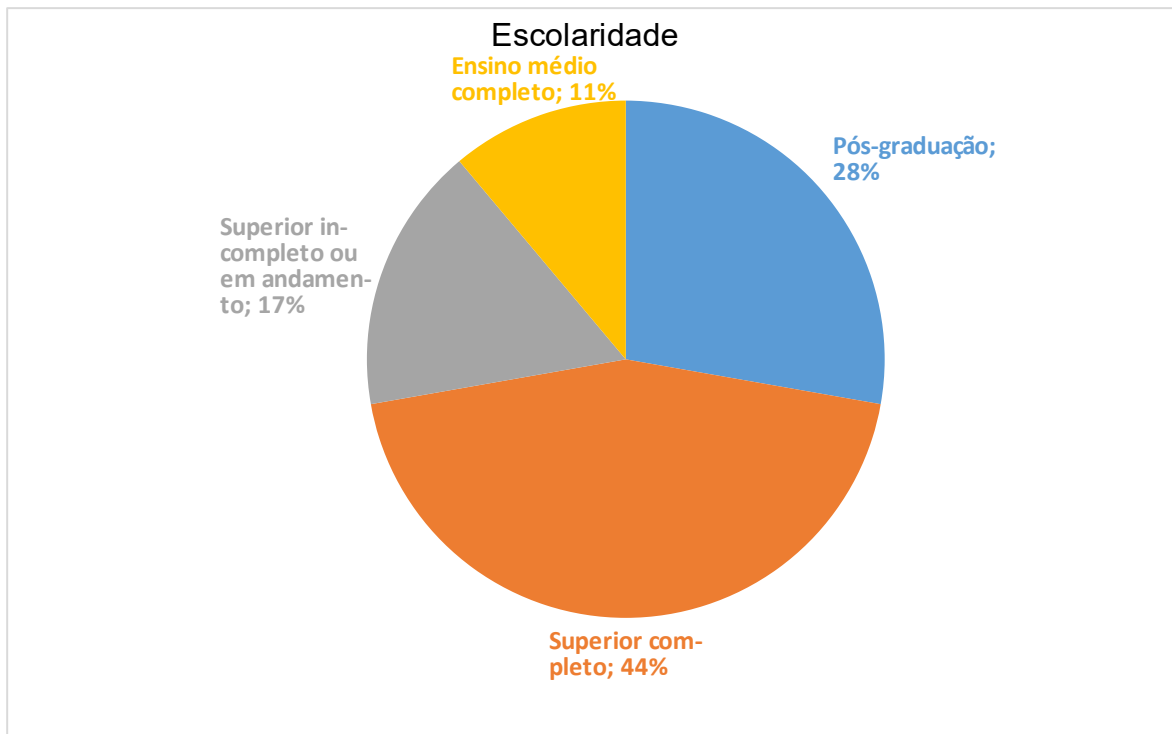


Fonte: Autora

O grau de escolaridade dos participantes (como pode ser observado no gráfico 5) era principalmente ensino superior completo, com oito respostas. Curso superior cursando/incompleto teve três respostas. Pós-graduação completa ou cursando teve, ao todo, cinco respostas. Já ensino médio teve duas respostas. Basicamente, observando a escolaridade, pode-se observar novamente com estes dados, igualmente foi observado com os dados do questionário anterior, que o veganismo está ligado às camadas médias da população, que possuem ensino superior ou estão cursando o mesmo, principalmente. E a partir da observação da

faixa etária, percebe-se que em sua maioria se trata de pessoas jovens e jovens adultas.

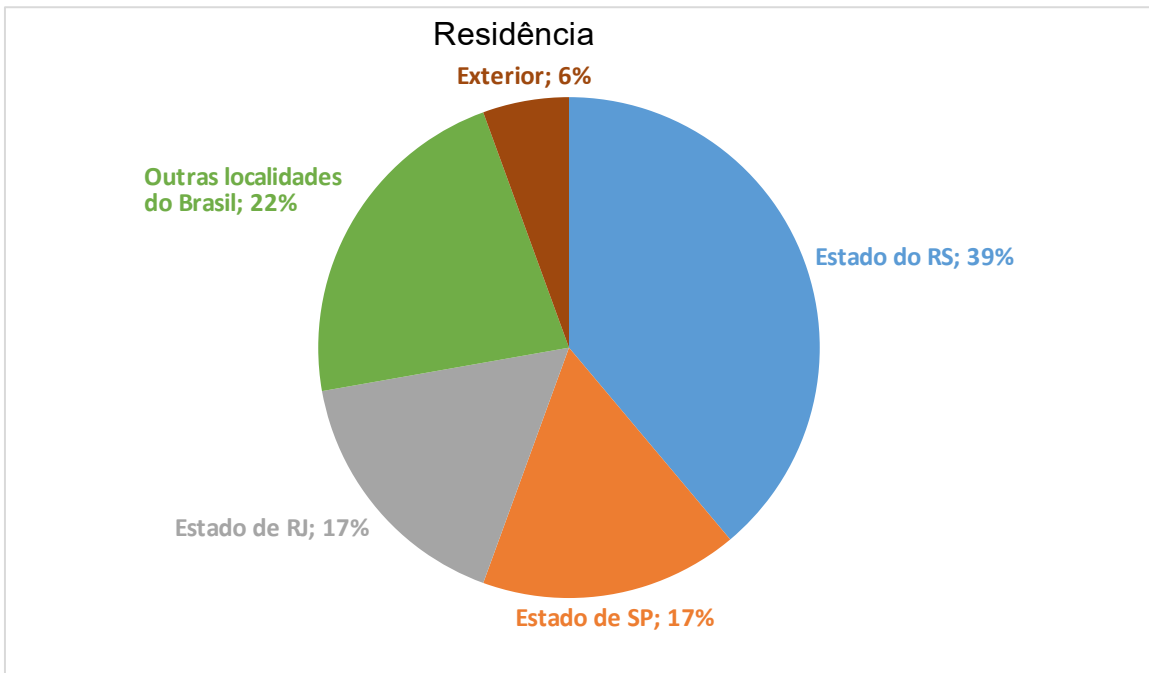
Gráfico 5:



Fonte: Autora

Mesmo com parte significativa de respostas pessoas que residem em Santa Maria/RS, o questionário também teve respostas de várias outras localidades do Brasil, e uma resposta do exterior, conforme o gráfico 6 nos mostra.

Gráfico 6:



Fonte: Autora

Como havia dito anteriormente, o primeiro questionário abordava questões de cunho pessoal e do veganismo enquanto um estilo de vida, já este segundo questionário trazia questões referentes ao veganismo enquanto um ativismo social e na perspectiva e possibilidade ser lido enquanto um movimento social. Desta forma, as questões buscavam trazer o cotidiano de militância e ativismo das pessoas adeptas ao veganismo enquanto movimento antiespecista e abolicionista.

3.2 VEGANISMO: DA MESA PARA O ATIVISMO

3.2.1 Veganismo enquanto um “novo” movimento social

No capítulo anterior já foi levantada questão referente do veganismo estar ligado a um estilo de vida e uma alternativa de consumo. Entretanto, mesmo ambos elementos estarem ligados ao veganismo, precisamos pensar que o mesmo está, antes de tudo, ligado ao ativismo de cunho ético e político amplo em busca dos direitos dos animais. Isso não quer dizer que todos os veganos tenham participação ativa em ONGs (Organizações Não-Governamentais) ou projetos e protestos contra os usos e abusos contra a liberdade e vida dos animais.

O ativismo vegano, para além de lutar pelos direitos dos animais, é de carácter antiespecista. A conceituação de especismo foi tratado no capítulo I (SINGER, 2008; FRANCIONE, 2009;), mas vale ressaltar novamente o carácter antiespecista eletivo (FELIPE, 2014) que o movimento vegano traz, colocando que a vida de TODOS os animais é importante, e não elegendo apenas alguns para o cuidado e defesa (caso de alguns grupos de defensores que só se importam com os maus tratos de alguns animais domésticos – cachorros, gatos, cavalos – e animais selvagens).

O ativismo vegano também traz em seu cerne a luta pelo abolicionismo animal (REGAN, 2006; FRANCIONE, 2009), como bem mostrado no capítulo I também, buscando a libertação de todo o sofrimento e escravidão em que os animais são submetidos aos interesses dos humanos. Diferente de outros modos de ativismos sociais baseados principalmente em enfrentamentos e embates públicos, através de manifestações nas ruas, por exemplo, o ativismo vegano se dá de formas mais sutis. Um dos primeiros espaços de formação se dá via redes sociais, através de grupos e páginas que militam pelos direitos dos animais com viés abolicionista e antiespecista.

É muito importante destacar que um dos princípios norteadores do veganismo está relacionado às questões alimentares, entretanto, não se pode configurar o veganismo dentro da perspectiva de uma simples dieta. Vale recordar que a dieta vegana é o vegetarianismo estrito, entretanto, nem todo vegetariano estrito segue os preceitos do veganismo. Novamente uso a referência que o veganismo está para além disso, e se configura muito mais como um movimento de defesa dos direitos dos animais não humanos perpassando pelas questões morais e éticas dentro da alimentação e consumo no geral e que impulsiona uma luta contra a hegemonia alimentar baseada no consumo de carne e derivados e na exploração de seres vivos. Dessa forma, pode-se fazer uma leitura do movimento vegano enquanto um “novo movimento social” (MELUCCI, 2001; TOURAINE, 2003).

O sociólogo italiano Alberto Melucci é um dos autores contemporâneos que, em vista das inúmeras modificações sociais, busca compreender os “novos” movimentos que se mostram em ascensão no cenário contemporâneo. Para ele, é necessária a utilização de uma nova conceituação para a categoria “movimento”, pois a teoria clássica já não consegue dar conta do mesmo, devido as mudanças profundas que vem a ocorrer na sociedade.

O mesmo conceito de 'movimento' nascido para indicar atores históricos que interferem sobre aspectos político-estatais, revela-se inadequado para descrever a realidade dos fenômenos coletivos organizados em rede e difusos. Os 'movimentos' contemporâneos se apresentam com fortes conotações culturais e, precisamente estas características os diferenciam sempre mais claramente dos atores políticos ou das organizações formais. (MELUCCI, 2001, pp. 22-23)

Para Melucci (2001), um “novo” movimento, para ser compreendido conceitualmente enquanto um, necessitaria de algumas características para sua definição, seriam esses princípios que dariam a coesão à ação coletiva. Para ele:

Um movimento social é a mobilização de um ator coletivo, definido por um uma solidariedade específica que luta contra um adversário para a apropriação e o controle de recursos valorizados por ambos. A ação coletiva de um movimento se manifesta através da ruptura dos limites de compatibilidade do sistema dentro do qual a ação mesma se situa. (Ibidem, 2001, p. 35)

Assim, para que um fenômeno coletivo seja reconhecido como um movimento social, é necessário que existam essas três condições centrais, que são elas: (1) solidariedade; (2) conflito e (3) ruptura dos limites de compatibilidade. Nesse momento, o foco será mantido nos dois primeiros itens, sendo que o terceiro ficará para a última parte do texto.

O primeiro elemento que Melucci nos traz é a solidariedade. Para ele, a solidariedade seria a expressão e a capacidade de cada ator dentro do movimento social de reconhecer-se e de reconhecer o outro como membro de uma mesma unidade do corpus social. Dentro do movimento vegano, todas os adeptos ao veganismo se reconhecem enquanto atores dentro de uma mesma ação coletiva, e também reconhecem os outros adeptos da mesma forma. Essa solidariedade é muito importante, pois busca uma unidade e uma coesão e possibilita a construção de uma identidade coletiva para o grupo.

Diferente do modelo clássico de movimento social vinculado muitas vezes ao partido ou sindicato e numa perspectiva de luta econômica dentro do campo das relações de trabalho e na perspectiva de luta de classes marxista (GOHN, 2007; ALONSO, 2009), atualmente os novos movimentos são vistos como “redes submersas de grupos, de pontos de encontro, de circuitos de solidariedade que diferem profundamente da imagem do ator coletivo politicamente organizado” (MELUCCI, 2001, 97). Melucci (1996 apud ALONSO, 2009) chama a nossa sociedade contemporânea de “sociedade da informação”.

A “sociedade da informação” se configuraria um novo padrão de dominação, baseado na produção e controle de informação e na intervenção nas relações sociais, e exercido por meio da ciência e da tecnocracia. A distinção entre as esferas pública e privada teria se extinguido, transformando as relações interpessoais (consumo, lazer, relação com a natureza), sexuais e a identidade biológica (nascimento, morte, doença, envelhecimento) em novas zonas de conflito. (ALONSO, 2009, p. 63,64)

Elementos que até então estavam dentro da esfera privada, como por exemplo as escolhas alimentação e de consumo, agora são o foco da vez, se situando como novas zonas de conflito. O veganismo é um exemplo de como escolhas de consumo hegemônicas que até estavam mais direcionada ao campo particular e pessoal são trazidas para o debate público, podendo assim serem questionadas a partir de uma perspectiva ética.

Neste mesmo viés, Castells (1996) traz a perspectiva de “sociedade de rede”, uma vez que “as identidades coletivas e a própria globalização se tornariam os principais focos de mobilização, levada a cabo por meio de redes de comunicação baseadas na mídia e em novas tecnologias.” (ALONSO, 2009, p. 75). Dessa forma, observar as redes sociais é uma tarefa muito importante para compreender essas novas formas de manifestações sociais. Ao final da parte três, trarei alguns elementos para pensar as redes sociais e sua importância.

3.2.2 Solidariedade e ativismo formal

Segundo Melucci (2001) “os espaços sociais dos movimentos se constituem como arena distinta do sistema e não coincide mais com as formas tradicionais da organização social da solidariedade e de representação política (MELUCCI, 2001, p, 22). Então é importante observarmos as diferentes formas de organização que tanto os grupos de orientação vegana quanto os veganos individualmente apresentam as ações organizadas de sua militância ou engajamento. Melucci também destaca que na contemporaneidade, os movimentos estão organizados na forma de redes, pois os mesmos são difusos, tem uma estrutura segmentada, reticular e policéfala, possuindo uma descentralização de suas formas organizativas e tendo suas ações de uma forma muito mais diluída.

É possível perceber bem isso que Melucci nos mostra a partir dos dados presentes a partir das respostas que foram coletadas nos questionários. Uma das perguntas feita no segundo questionário era se a pessoa participava de algum movimento, grupo ou coletivo de defesa dos direitos dos animais que tenha como bandeira o veganismo. Diferente do que era esperado, a maioria das respostas dessa questão traziam a informação de que essas pessoas não participavam de nenhum grupo organizado. Das dezoito respostas recebidas, apenas cinco relatavam a participação em algum movimento com bandeira vegana e ativismo ativo pelos com ações concretas de defesa dos direitos dos animais:

Sim. Eu participo como ativista da ONG Animal Ethics (Ética Animal), que tem "como bandeira o antiespecismo. Ela atua no Brasil e em outros países promovendo palestras sobre veganismo, entregando materiais como folders e participando de eventos. Também atuo individualmente ajudando estabelecimentos a modificarem os cardápios para que possam criar opções ao público vegano. (Questionário VII)

Também houve relato de uma atividade organizada de protesto:

Fui a São Paulo para participar do Veddas. Em São Carlos, fiz protesto junto com o Veddas e outros contra o Leilão de animais. Tenho contato com os ativistas do Veddas por Facebook e o ZAP. (Questionário IV)

Uma característica é o ativismo independente, que mesmo integrando algumas ações de grupos já organizados e conhecidos, se autodenomina como independente destes grupos.

Sou ativista independente; integro algumas ações do Veddas quando as considero alinhadas com o que acredito. Participei, por exemplo, da ação em Santos em que caminhões foram parados para que registrássemos as condições dos garrotes a serem embarcados em navio para serem abatidos no exterior e da intervenção, com cartazes, durante palestra [de um famoso médico brasileiro]^{46} financiada [por uma famosa empresa de laticínios brasileira do interior de São Paulo]*, em que eram exaltadas supostas benfeitorias causadas pelo leite ao organismo humano (Questionário XI)*

Um elemento interessante a ser levado em conta é que o engajamento vegano não passa apenas por ações e protestos de embate, mas também por meio de ações organizadas que apresentam e informam sobre o veganismo enquanto uma possibilidade ética de consumo para a vida. Um exemplo que pode ser visto de atividade cotidiana engajada são as inúmeras feiras veganas que se apresentam

^{46*}Por questões de segurança e ética, nomes de marcas e de pessoas não serão citadas no corpo textual.

espalhadas pelo país em diferentes centros urbanos. As feiras de maior expressão, e também com maior regularidade, se localizam principalmente nas capitais. Na cidade de Santa Maria, localizada na região central do Rio Grande do Sul, um espaço de feira vegana tem sido implementada ainda de forma tímida, mas com bastante procura e circulação de pessoas interessadas nos diferentes produtos expostos para vendas⁴⁷. Ao todo, no ano de 2018, ocorreram três edições, possibilitando ao grande público o contato com comidas e produtos veganos. Segundo a idealizadora da Feira Vegana de Santa Maria:

(...) o objetivo é divulgar e difundir o veganismo promovendo contato direto entre produtores veganos locais e consumidores finais. Tem sido muito gratificante, pois há o público vegano já estabelecido e também os curiosos que têm na feira seu primeiro contato direto com o universo vegano. As conversas são muito proveitosas entre expositores e o público, bem como entre expositores, é uma oportunidade de trocar ideias e buscar informações, bem como a experimentação de alimentos, cosméticos, vestuário. Tenho planos de ver esta feira crescer cada vez mais e contribuir efetivamente para o crescimento do veganismo dentro da cidade. (Questionário nº XVIII)

Mesmo que nem todos vão às ruas e suas ações não estejam ligadas apenas ao embate político direto através de ações centralizadas de maior visibilidade, todas estas pessoas comungam de uma mesma orientação ética, de uma mesma perspectiva social, e de um engajamento que pode ser lido a partir de diferentes graus de envolvimento. Todos estes elementos acabam por mudar tanto a vida e as práticas individuais e familiares, quanto vida de pequenos grupos que estes indivíduos veganos estão inseridos

Podemos perceber, como Melucci fala, a construção de laços de solidariedade dentro destes grupos veganos (tanto no espaço dos grupos de Facebook quanto nas ONGs), e dentro destes espaços podem criar ações que sejam relevantes ao veganismo, ao antiespecismo e pela luta abolicionista. Todas essas redes sociais que se formam, sejam elas online ou não, fortalecem uma solidariedade criando assim uma identidade vegana que todos os seus membros se identificam.

3.2.3 Como se luta: ações e boicotes

⁴⁷ Nas três edições que ocorreram da Feira Vegana em Santa Maria/ RS, estiveram presentes de seis a oito *stands*, principalmente com produtos alimentícios; também teve um stand com produtos de higiene e beleza, além de um stand com artesanato. Estima-se que tenham circulado em torno de 200 pessoas no espaço de mostra em cada uma das edições.

Uma das formas mais características de ativismo engajado do veganismo que pode ser percebido são as chamadas para boicotes. Os boicotes operam como informativos reguladores de empresas, de marcas e de produtos que possuem seu consumo liberado ou considerado impróprio para veganos. Como já foi falado, existe uma circulação de listas que são constantemente atualizadas em sites e grupos, que ajudam a orientar o consumo dos interessados.

Uma das perguntas presentes no segundo questionário questionava quais ações engajadas os participantes que estavam respondendo já haviam participado. A ação de boicote foi citada com maior frequência pela maioria das pessoas, dada a sua forte importância no meio vegano como uma ação política engajada.

Pratico boicote às empresas envolvidas com testes em animais, com rodeios e com o uso de animais para transporte de animais. (Questionário V)

O que faço hoje é somente não comprar de nenhuma marca que financie exploração animal (Questionário VI)

Boicote as marcas que utilizam mão de obra escrava e fazem testes em animais. (Questionário XII)

Sendo vegana, boicoto todos os dias empresas que exploram animais. (Questionário XIII)

Ações através da assinatura de petições ou denúncias contra abuso de animais. (Questionário XIV)

Já assinei inúmeras petições e deixei de consumir marcas de produtos que se utilizam de testes em animais, apoiam rodeios; pessoalmente não participei de nenhuma ação. (Questionário XVII)

As práticas de boicote e *buycott*⁴⁸ são as primeiras ações políticas diretas que qualquer pessoa que tem sua orientação voltada para o veganismo participa, pois está diretamente ligado ao campo particular, ao não consumo de algum produto e a denúncia de práticas que estão em desacordo com a ética vegana. Segundo as respostas dos questionários, as motivações estão para além de o produto conter ingredientes de origem animal em sua composição, mas também está relacionado de acordo com a conduta ética que a empresa ou marca possui. O boicote está

⁴⁸O neologismo da língua inglesa *buycott* (Stolle et al, 2005) tem sido utilizado enquanto um contraponto do boicote no campo das disputas políticas de consumo. Enquanto o boicote compreende o não consumo de determinados produtos que não se adequam enquanto éticos ou politicamente e ambientalmente adequados, o *buycott* está relacionado ao consumo consciente de produtos que sejam opções adequadamente sustentáveis e socialmente responsáveis (PORTILHO E CASTANEDA, 2009; CASTANEDA, 2012). Para maiores informações sobre práticas de *buycott*, procurar Stolle et al 2005.

ligado ao consumo de produtos que não tenham exploração animal de forma alguma, isto pode ser a partir de produtos que não são testados em animais ou de marcas e empresas que não tenham participação e patrocinem rodeios.

O uso político do consumo não constitui uma novidade, mas essas táticas tornam-se específicas e predominantes nas sociedades contemporâneas: são mais individuais do que coletivas (Stolle et al, 2005); refletem a defesa e escolha de um modo de vida (Portilho, 2005; Portilho; Castañeda, 2009); e podem remeter a uma reinvenção da política, de seus temas e atores e do próprio campo político (Alexander, 1995; Giddens, 1996; Beck, 1997; Portilho, 2009). (CASTAÑEDA, 2012, p. 147, 148)

Esta é uma marca registrada do ativismo veganismo. As orientações de o que se deve boicotar ou não aparentemente parecem ser um fato dado. Entretanto, buscando mais a fundo nas discussões nos grupos das redes sociais, observa-se que não é tão simples assim. Recentemente uma grande discussão tomou conta dos grupos veganos quanto ao tema boicote. Uma famosa multinacional britânica-neerlandesa decidiu começar a produzir uma versão vegana de uma das marcas de maionese mais famosa do mundo. A multinacional é um conglomerado de diferentes marcas e produtos, tanto do ramo da alimentação quanto de limpeza, higiene e beleza. Na maioria de seus produtos, existem ingredientes de origem animal além da maioria ser testado em animais. Fora estes casos, ela está envolvida em outras polêmicas sociais e ambientais, como utilização de matéria-prima oriunda de trabalho análogo à escravidão e degradação ambiental, respectivamente, por exemplo.

Com o lançamento desta maionese nos parâmetros veganos (sem ingredientes de origem animal na sua composição e sem testagem em animais), a grande questão que surge no meio dos grupos é: o consumo da mesma é adequada aos veganos ou se deve continuar a prática de boicote? Dentro dos espaços de discussão dos grupos e páginas adeptas ao veganismo nas redes sociais, a discussão quanto a este produto foi (e continua sendo) bastante intensa. Do lado dos defensores do boicote, os argumentos trazidos eram de que mesma a maionese sendo de fato vegana em sua composição, o seu contexto não era vegano, dado o fato de que se trata de um produto produzido por uma empresa que tem em seu currículo inúmeras atividades que iriam de encontro à perspectiva ética do veganismo. Geralmente este grupo de veganos que pensa dessa forma possui uma perspectiva mais anticapitalista em seus discursos, entendendo que a exploração e sofrimento animal são pilares que sustentam a lógica do sistema capitalista. Já o

outro grupo acredita que este tipo de ação de grandes empresas é importante para dar visibilidade ao veganismo e uma possível popularização do mesmo, acreditando que em um processo mais longo, poderá ocorrer a “veganização” de outros produtos bem como da própria empresa, e com uma argumentação teleológica, mais cedo ou mais tarde, o sistema como um todo se tornará vegano. Dessa forma, consumir, e não boicotar este tipo produto, é uma forma de incentivar as empresas a continuarem produzindo opções veganas, dando a entender que o movimento vegano está muito mais ligado a um nicho de mercado em expansão. Este segundo grupo também usa como argumento as posições apresentadas pelo *The Vegan Society* (mais antigo grupo defensor do veganismo no mundo), do jurista e um dos mais famosos defensores do veganismo Gary L. Francione, além de um selo de certificação que está presente neste produto, em específico, e que foi emitido pela Sociedade Brasileira Vegetariana (SBV)⁴⁹.

Os argumentos de ambos os grupos têm seu teor de validade, e demonstram o quanto os movimentos também podem ter seus conflitos internos, suas contradições, seus limites e suas disputas internas para calcar um discurso determinado discurso como o discurso hegemônico deste grupo.

Melucci (2001) nos fala que um movimento social não é unívoco, podendo assim ocorrer disputas internas entre seus membros. Desta forma, o que pode ser visualizado quanto a este caso é que são dois diferentes grupos com diferentes visões que buscam demarcar, afinal de contas, o que é o veganismo. Desta forma, estes dois grupos disputam entre si o verdadeiro significado do veganismo e quais seriam seus princípios. Isto não quer dizer que um ou outro grupo é mais ou menos vegano, mas que as contradições, debates e disputas existem, e que infelizmente, muitas vezes os movimentos gastam muito mais energia no debate e na disputa entre seus pares do que nas ações para fora, propriamente ditas.

3.3 CONTRA QUEM O VEGANISMO LUTA?

O segundo elemento que Melucci nos traz como condição para a existência de um movimento é a existência de um conflito central. O conflito, segundo o autor, seria a relação de luta e oposição entre dois contrários. No caso do movimento

⁴⁹<https://www.vista-se.com.br/svb-certifica-produto-da-unilever-e-reacende-debate-boicotar-empresas-que-testam-faz-sentido/>

vegano, os adeptos ao veganismo se encontram em uma luta antiespecista e abolicionista, no tocante a defesa dos direitos dos animais, em clara oposição ao uso e exploração dos animais. Joy (2014) chama essa lógica de exploração animal de “carnismo”, que se trata de um “sistema de crenças invisível” hegemônico em nossa sociedade e que orienta o processo de abate e consumo de animais de forma a “naturalizar” o mesmo. O carnismo é tão dominante e está tão bem difundido e arraigado no cerne do consumo de nossa sociedade, que muitas vezes é encarado como um “valor universal” impossibilitando de ser questionado, afinal de contas “sempre foi assim”.

Melucci (2001) coloca que as bases dos conflitos dos movimentos contemporâneos muitas vezes “não são apenas políticos, pois eles afetam o sistema como um todo”. No momento em que ativistas veganos levantam suas bandeiras antiespecistas e abolicionistas, está se levantando uma bandeira não apenas no campo político, mas em toda a estrutura de consumo hegemônico que culturalmente arraigado nos pilares de nossa sociedade. Desta forma, “a ação coletiva não é realizada apenas a fim de trocar bens num mercado político e nem todo objetivo pode ser calculado.” (Ibidem, 2001)

A ação coletiva deve ser considerada como uma interação de objetivos e obstáculos, como uma orientação intencional que é estabelecida dentro de um sistema de oportunidade e coerções. Os movimentos são sistemas de ação que operam num campo sistêmico de possibilidade e limites. É nesse sentido que a organização se torna um campo crítico de observação, um nível analítico que não pode ser ignorada (Melucci, 2001, p. 52)

No tocante a este tema, serão trazidos os relatos de dois casos muito emblemáticos que demonstram a ação de conflito do movimento vegano contra a exploração dos animais que se dá de forma hegemônica nos pilares sociais. O primeiro é o caso do assassinato brutal contra um cachorro em um hipermercado de renome na cidade de Osasco-SP, que surtiu repercussão nacional e o outro é o caso dos bois que estavam sendo enviados para a Turquia como carga viva no porto de Santos.

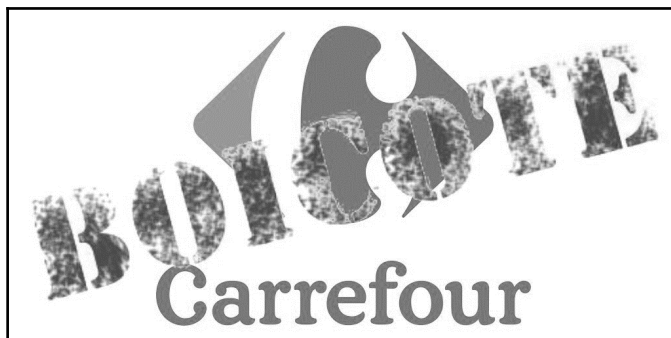
3.3.1 Ativismo vegano e pelos animais? O caso do cachorrinho morto pelo segurança de uma grande rede de hipermercados francesa em Osasco - SP

Durante o período de escrita desta dissertação, um caso de assassinato brutal repercutiu nos noticiários e grupos de Facebook. No dia 30 de novembro de

2018, na cidade de Osasco, em São Paulo, um cachorro foi brutalmente assassinado pelo segurança de uma famosa rede de hipermercados francesa. Com pauladas e uma suspeita de envenenamento prévia, o cachorro foi barbaramente espancado em frente ao estabelecimento pelo segurança da loja local, sendo que toda a ação de violência gravada por câmeras de segurança do estabelecimento. O cachorro, que tinha o nome de Manchinha, foi resgatado pelo Departamento de Fauna e Bem Estar Animal da Cidade (que corresponde ao Centro de Controle de Zoonose - CCZ), que havia sido acionado por populares logo após o ocorrido de violência. Manchinha chegou a ter atendimento médico-veterinário especializado, mas em virtudes da gravidade de seu estado, veio a falecer logo em seguida.

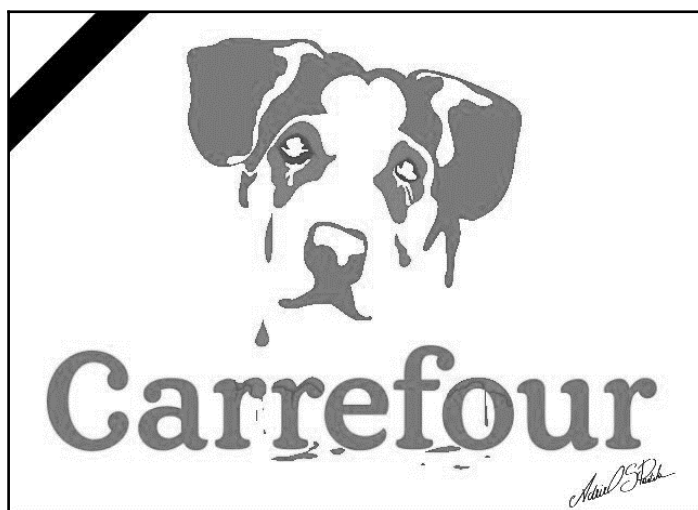
Esse caso ilustrativo relatado acima, chamou a atenção de todo o país, chocando tanto ativistas dos direitos dos animais, antiespecista ou não, quanto a população em geral. Os ativistas pelos direitos dos animais e ativistas veganos divulgaram em massa informações sobre a crueldade do assassinato, e puxaram a estratégia política de boicote à rede, orientando todos os interessados a deixarem de fazer suas compras na rede de hipermercados, conforme as figuras 1 e 2. Nas redes sociais, Facebook e Instagram, postagens com mensagens de indignação e pedidos de justiça foram feitas tanto por pessoas anônimas quanto por artistas e famosos que se sensibilizaram pelo fato. No Twitter, pelo monitoramento de *Trending Topics* (TT's) com as hashtags mais utilizadas, o primeiro dia que apareceu menção ao caso foi no dia 3 de dezembro, com a única menção ao nome do estabelecimento comercial, que ficou com 22º lugar com 9h05min de tempo. Neste dia não apareceu nenhuma *hashtag* sobre boicote. Já no dia 4 de dezembro de 2018, a menção ao nome do hipermercado ficou em 11º lugar por 9h35min de tempo, além do aparecimento das *hahtags* com chamada para o boicote, como também a marcação de uma petição pedindo justiça e cobrando posicionamento da rede quanto ao ocorrido. O ápice da discussão foi no dia 5 de dezembro, em que o estabelecimento se encontrava ainda nos TT's, em 8º lugar, com 11h50min.. Posteriormente, as menções em TT's e as *hashtags* começaram pouco a pouco a caírem no ostracismo.

Ilustração 1 – Boicote ao Carrefour



(Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/1070067721235132416>. Acessado em 7 de dezembro de 2018)

Ilustração 2 – Boicote Carrefour 2



(Fonte: <https://twitter.com/Estadao/status/1070067721235132416>. Acessado em 7 de dezembro de 2018)

No dia 8 de dezembro de 2018⁵⁰, um ato público foi convocado por ativistas em frente ao estabelecimento comercial com a finalidade de denunciar a ação de violência e de cobrar das autoridades investigação e punição dos envolvidos no caso⁵¹⁵².

⁵⁰<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/ciencia/2018/12/08/ato-contramorte-de-cao-faz-carrefour-osasco-fechar-as-portas.htm>

⁵¹ O hipermercado, em pronunciamento oficial, disse que iria reavaliar a política de animais, além de afirmar que tomaria as medidas cabíveis com relação aos envolvidos no ato criminoso e estar a disposição da justiça para dar suporte à investigação além de eventuais averiguações. Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/apos-protesto-carrefour-diz-que-vai-revisar-politica-animais/> acessado em 10 de dezembro de 2018.

⁵² Como resultado das manifestações públicas de ONGs e ativistas, o Senado Federal aprovou

O caso de violência chocou não apenas ativistas veganos, mas também ativistas defensores dos animais que não tem orientação vegana e até mesmo muitas pessoas comuns que não possuem nenhum vínculo ativista. Todos colocaram que tamanha violência e crueldade contra o animal deveria receber punições exemplares e não deveria ser esquecido. Entretanto este tipo de manifestação é bastante interessante, pois retrata uma contradição muito frequente da maioria das pessoas. A violência contra o cachorro é vergonhosa, mas a violência do abate de animais para consumo ou do espetáculo de vaquejadas⁵³ podem ser tolerados?

Por conta disto, vários grupos de ativismo veganos, paralelamente ao caso da morte do cachorro, teceram a crítica com relação à lógica do “carnismo” presente na sociedade. Ao mesmo tempo que se buscava justiça pelo homicídio de um cachorro, a violência e o homicídio de vários outros animais, tanto para abate quanto em – estavam sendo ignoradas. No tocante a isto, estava-se visualizando o que se chama de “especismo eletivo”⁵⁴, quando alguns animais são eleitos para serem cuidados e preservados e outros são considerados para abate. Desta forma, em processo de dupla crítica, os movimentos constituídos por veganos denunciaram tanto a violência no caso específico do hipermercado tanto quanto a violência do abate de animais para consumo que é muitas vezes é invisível no contexto social como um todo. As charges abaixo mostram como alguns veganos trouxeram está contradição em forma de embate ao epicentro do problema. Na figura número 3 se vê uma crítica ao boicote de pessoas, defensores dos animais, entretanto não veganas, que por conta da violência contra o cachorro decidiram fazer suas comprar em outras redes de supermercados, ignorando a violência especista que orienta o consumo “carnista”. Na figura de número 4, o que se vê é uma encenação de uma assembleia em que se denuncia a negligência por parte das pessoas, que criminalizam os atos de

projeto de lei do senador Randolfe Rodrigues (REDE-AP) que aumenta a pena e endurece a punição do crime de maus tratos contra os animais. Fonte: <https://oglobo.globo.com/sociedade/senado-aprova-aumento-da-pena-de-maus-tratos-aos-animais-23298327> acessado em 15 de dezembro de 2018.

⁵³ A vaquejada é uma atividade cultural do Nordeste brasileiro na qual dois vaqueiros montados a cavalo têm de derrubar um boi, puxando-o pelo rabo, entre duas faixas de cal do parque de vaquejada. (FEITOSA, 1988 apud Wikipédia “Vaquejada”, acessado em 26 de janeiro de 2019). Muito popular na segunda metade do século XX, passou a ser questionada a partir da década de 2010 por ativistas dos direitos dos animais em virtude dos possíveis maus-tratos aos bois. (Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/01/23/paraiba-reconhece-vaquejada-como-esporte-e-e-alvo-de-criticas.htm> acessado em 26 de janeiro de 2019)

⁵⁴ No capítulo I existe um aprofundamento maior sobre o conceito de “especismo eletivo” segundo Felipe (2014).

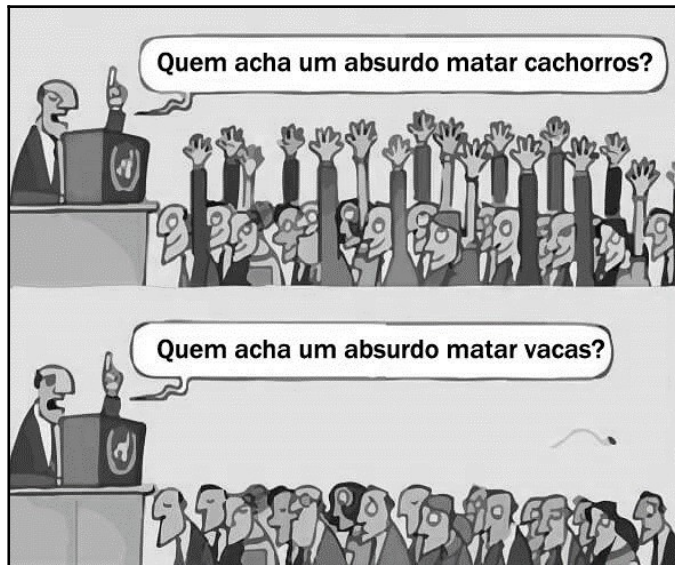
violência contra determinados animais domésticos, mas, ao mesmo tempo, normatizam os padrões de consumo e não se pronunciam quanto a violência imposta aos demais animais.

Ilustração 3 – Charge crítica o boicote à partir de uma visão vegana



Fonte: <https://twitter.com/search?q=CARREFOUR%20de%20Osasco%20-%20Assine>. (Acessado em 7 de dezembro de 2018).

Ilustração 4 - Charge crítica o boicote à partir de uma visão vegana 2



Fonte: Página de Facebook Veganismo Ácido
<https://www.facebook.com/VeganismoAcido/photos/a.135601566953997/521484775032339/?type=3&theater>. (Acessado em 7 de dezembro de 2018).

3.3.2 O caso do embarque dos bois no Porto de Santos

Um outro caso especialmente emblemático que chamou bastante a atenção da mídia e que foi bastante difundido nas redes de grupos de ativistas veganos e defensores dos direitos dos animais, foi o caso do transporte de uma carga viva de bovinos que seriam enviados até a Turquia⁵⁵, no navio denominado NADA⁵⁶, a partir do Porto de Santos, no litoral de São Paulo, num processo que se iniciou em 26 de janeiro de 2018. Ativistas alegavam que os 27.800⁵⁷ bois que estavam prestes a embarcarem em uma viagem com duração de quase um mês sofriam maus tratos. Segundo parecer feito pela ANDA (Agência de Notícias de Direitos dos Animais) a partir de um embarque também de carga viva que foi feito anteriormente em dezembro de 2017, no Porto de Santos também.

⁵⁵ O envio de cargas vivas não é comum no Brasil. O motivo de envio desta carga em específico seria necessário para dar conta de um abate seguindo as tradições religiosas turcas. “Segundo tradição religiosa turca, a morte do animal só é admitida a partir do momento em que o segundo dente definitivo do animal eclode - momento a partir do qual é permitido ultrajar o animal (neste caso, o garrote). Antes disso, o animal é considerado juvenil e, portanto, não passível de agressão” conforme descrito na página 3 do Relato Técnico da 25ª Vara Cível Federal de São Paulo.

⁵⁶ Navio de bandeira panamenha a serviço da empresa Minerva Foods S.A, conforme Relatório Técnico da 25ª Vara Cível Federal de São Paulo.

⁵⁷ Existe uma certa discordância em relação qual o número correto de bois que estavam alojados no navio. Utilizarei como referência a quantidade presente no Relatório Técnico da 25ª Vara Cível Federal de São Paulo feito pela médica veterinária Magda Regina (CRMV-7583), que relata a quantidade de 27.800 bois presentes na embarcação.

As implicações ambientais de um navio carregado com animais é que esse navio gera efluentes, como sangue, fezes, urina, cadáveres, descarte de seringa, plásticos, coisas que você vai usar no trato com animais [...] Em relação aos maus-tratos [...] o transporte realizado em ambientes insalubres, escorregadios, cobertos por fezes e urina, além do uso de picanas elétricas e a presença de animais feridos. (ANDA, 31/01/2018)⁵⁸

Ativistas começaram a pressionar a Justiça Federal, e no dia 31 de janeiro de 2018, uma liminar provisória decidiu pela suspensão da saída do navio e de qualquer outro embarque do mesmo tipo. Também foi ordenada uma vistoria nas instalações da embarcação por um médico veterinário na qual foi relatado, por meio de parecer técnico, que “são abundantes os indicativos que comprovam maus tratos e violação explícita da dignidade animal, além de ultrapassar critérios de razoabilidade elementar as cinco liberdades garantidoras do bem-estar animal.” (25a Vara Cível Federal de São Paulo, Relato de Inspeção Técnica, p. 7-8, 2018)⁵⁹

Por conta desta situação, ativistas começaram a puxar protestos no cais do Porto de Santos, além de petições correram pela internet, buscando força para que o navio não saísse. As redes sociais se tornaram o maior espaço de informação, busca e concentração de ativistas para protestarem contra a situação de descaso com o bem-estar dos animais, como pode ser visto nas imagens abaixo.

Ilustração 5 - Chamada de ato no Porto de Santos

⁵⁸https://www.anda.jor.br/2018/01/acao-judicial-da-anda-suspende-embarques-animais-porto-de-santos/?fbclid=IwAR2sRSDWE14NOw49c3LbNjOIZIa7YMQISFPTWR87HJbf-x46N_bWCalqvY4 acessado em 30 de janeiro de 2019.

⁵⁹Relato de Inspeção Técnica requisitado pela Justiça Federal com vistas a oferecer subsídios para análise da Ação Civil Pública No 5000325-94.2017.4.03.6135 em tramitação na 25a Vara Cível Federal de São Paulo. Assunto: Exportação de Carga Viva por via marítima, a saber, 27.800 bois originários do interior do Estado São Paulo, tendo embarque no Porto de Santos/SP (Brasil) e destino final, Turquia. Fonte: https://drive.google.com/file/d/1FGhV_Xxw-FbEovxDu35FIEfjAFCSK-Nk/view acessado em 30 de janeiro de 2019.

Juntos somos mais fortes! Esses últimos dias diversos ativistas, ONGs, advogados etc lutaram para barrar o embarque de 27 mil bovinos no porto de Santos no navio da morte NADA!
Neste domingo, junte-se a esse grande ato, não pode ir? compartilhe!
Pelos animais!



GRANDE ATO PELO FIM DA EXPORTAÇÃO DE ANIMAIS VIVOS

4 DE FEV DE 2018, DOM

Grande Ato Pelo Fim da Exportação de Animais Vivos

★ Tenho interesse

Fonte: Grupos de Facebook “Veg-Ajuda” e “Veganismo e Free vegans”. Publicado dia 2 de fevereiro de 2018 nos grupos (Acessado em 1º de fevereiro de 2019).

Ilustração 6 - Chamada de ato publicada dia 2 de fevereiro de 2018

No dia 03/12, domingo, às 14h, acontecerá o evento "Manifestação pelos bovinos no navio do porto de Santos", em SP. Compareça se puder e ajude a divulgar: <https://www.facebook.com/events/310340192801149/>.

Petição: há também em vigor uma petição pedindo para que o governo brasileiro proíba a exportação de animais vivos. Assine e compartilhe: <https://www.animalsinternational.org/.../live-export-glob.../pt...>

O Brasil não pode compactuar com tamanha falta de compaixão! Saiba mais nesta matéria do Escolha Veg a seguir: <http://www.escolhaveg.com.br/27-mil-bois-embarcando-turquia>.

#exportacaodeanimaisvivos #animaisvivos #crueldadecomanimais #respeitoaosanimais #naoexportacaodecargaviva



3 DE DEZ DE 2017, DOM

Manifestação Pelos Bovinos No Navio Do Porto De Santos

★ Tenho interesse

Fonte: Grupo do Facebook “Veg-Ajuda “ e “Veganismo e Veganismo e Libertação Animal”. (Acessado em 1º de fevereiro de 2019)

O navio ficou parado durante oito dias, entretanto, na tarde de domingo, dia 4 de fevereiro, a partir de uma articulação entre governo federal e bancada ruralista⁶⁰, os responsáveis pelo navio conseguiram um novo recurso para retomar seu percurso através da AGU (Advocacia Geral da União); o recurso saiu no início da noite de domingo mesmo, e o navio zarpuou poucas horas depois com a positiva, frustrando centenas de ativistas que estavam presentes no porto e milhares que estavam acompanhando a situação pela internet e redes sociais. A argumentação utilizada para a continuidade da viagem era de que “os riscos do desembarque seriam maiores do que a continuidade da viagem”.

Observando este caso do embarque de carga viva no Porto de Santos, é possível observar como a realidade dos animais, principalmente bois e vacas, acabam por ser distorcidos dentro das lógicas “carnistas” da sociedade. Joy (2014) elabora que existe um “trio cognitivo” que possibilita a invisibilização dos animais, e faz com que nós os percebemos apenas como abstrações. Para a autora, o trio cognitivo seria a objetivação, desindividualização e dicotomização. Segundo ela, a objetivação “é o processo de encarar um ser vivo de maneira como um objeto inanimado, uma coisa”, já a desindividualização “é o processo de encarar os indivíduos apenas em termos de sua identidade de grupo”, e por último a dicotomização seria o “processo de encaixar mentalmente os outros em categorias, frequentemente em oposição, com base em nossas crenças acerca deles” (Ibidem, 2014, p. 113, 114, 118). Podemos observar que neste caso do porto, a relação que estava sendo construída com os bois era a partir destas categorias. A leitura que estava sendo feita era que estes animais da embarcação eram apenas “bovinos” (não havia individualidade, todos os mais de vinte e cinco mil bois eram lidos no coletivo”, categorizados enquanto “gado de corte” (essa era sua função, viajar do Brasil até a Turquia para serem mortos em frigoríficos), ou seja, eram tratados enquanto objetos de interesse econômico, em conjunto, sem individualidade e categorizados enquanto animais para consumo humano.

Diferente do caso do cachorro assassinado, que foi relatado anteriormente, o caso dos bois do Porto de Santos não teve tanta repercussão fora das redes de proteção dos defensores dos direitos dos animais (sejam estes bem estaristas ou

60 Na política nacional, a bancada ruralista se constituiu enquanto uma frente parlamentar que atua em defesa dos interesses dos proprietários rurais, esse termo refira-se normalmente à frente parlamentar do Congresso Nacional do Brasil — a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA).

abolicionistas). Não houve uma massificação de circulação de informações, filtros de fotos do Facebook ou imagens emblemáticas circulando como no caso anterior. Além disso, nos protestos, a maior participação foi por parte destes mesmos grupos defensores da causa animal, contando com um grande desinteresse por parte da população em geral. Isto só reafirma o especismo eletivo existente na sociedade e vai ao encontro das críticas que determinados grupos veganos chamaram a atenção e que já foram observados nas figuras 3 e 4 acima. Alguns animais devem ser cuidados e preservados, já outros, normatizou-se seus usos na alimentação e exploração.

3.4 FORMAS DE MOBILIZAÇÃO: AS REDES SOCIAIS

Um das formas mais vistas de organização dos movimentos veganos são as redes sociais. É surpreendente o número de páginas e grupos que defendem este viés ético e político. Um exemplo visível é o Facebook, em que o número de páginas e de grupos que possibilitam a interação entre membros que levantam a bandeira do veganismo, do antiespecismo e do abolicionismo animal é bastante grande. Numa busca rápida, podemos encontrar tanto grupos que são mais gerais e que buscam abarcar pessoas de todo o Brasil quanto grupos que tem sua atuação mais local, direcionada a regiões ou cidades específicas. Ao observar estes grupos, pode-se observar que o foco dos mesmos se divide em três direções: (1) divulgação; (2) informação e (3) interação.

O primeiro foco destes grupos e páginas é a divulgação do veganismo, se utilizando do grande alcance que as redes sociais têm, é possível divulgar a existência do veganismo, seus princípios e preceitos, além da possibilidade de se fazer um chamamento para novos integrantes que procuram saber o que é o veganismo, participar do grupo e buscar formas para iniciar sua transição, por exemplo. O segundo item é que estes grupos e páginas se tornam um espaço de trocas de informação entre seus membros. Para facilitar o garimpo por produtos que sejam adequados, alguns membros, de forma voluntária, se dispõem a entrar em contato com os SACs das empresas, assim, nestes espaços é possível localizar listas constantemente atualizadas de produtos e marcas adequadas ao consumo vegano, além de informações para facilitar a leitura de rótulos, e ajuda na decodificação dos ingredientes presentes na composição dos produtos. E por último,

estes grupos e páginas possuem o seu espaço para debate e discussão através das postagens. Os membros dos grupos podem abrir tópicos de discussões e outros membros podem responder, tornando os grupos e páginas espaços de interação entre diferentes perspectivas e pontos de vistas.

No questionário que foi feito para a presente pesquisa, uma das perguntas era sobre a importância das redes sociais, e todas as respostas foram unânimes: as redes sociais são ferramenta básica de conexão entre pessoas de diferentes partes do Brasil e do mundo e que buscam vivenciar em seu cotidiano o veganismo.

[Os grupos nas redes sociais] Servem para tirar dúvidas de iniciantes e interessados. Serve para não se sentir só na causa animal. Serve para aprimorar a prática vegana no dia a dia. Serve para debates inclusive políticos em prol dos animais. Etc. É uma atividade ampla, incluindo troca de receitas culinárias e comércio. (Questionário II)

Nos grupos das redes sociais geralmente são compartilhadas receitas, notícias, dicas de produtos e estabelecimentos veganos e são discutidas questões envolvendo veganismo. Acredito que as redes sociais são importantes para propagar o veganismo para um maior número de pessoas, de diferentes "tribos" de forma simples e acessível. É uma forma de apoio àqueles que não possuem outras pessoas do seu círculo social que sejam veganas ou, pelo menos, tenham interesse no assunto. Fora das redes sociais, é possível um aprofundamento maior da discussão e a união em grupos pode fortalecer o movimento em comunidades e círculos sociais. (Questionário nº XIV)

Logicamente para além das interações, as redes têm o seu papel de espaço de denúncia e mobilização, como observou-se nos casos do assassinato do cachorro e do protesto no Porto de Santos. Outros casos são denunciados constantemente, buscando mobilização das pessoas que estejam mais próximas do ocorrido.

[Os grupos das redes sociais] funcionam muito bem quando há uma denúncia relacionada a maus-tratos pontuais (por exemplo, exposição de coelhos durante a páscoa com interação estressante com humanos, de corujas no universo de [um famoso filme britânico] promovido pelo shopping [situado na zona Oeste de São Paulo Capital] e outras explorações desse tipo), porque caem as avaliações das páginas dessas empresas e providências são tomadas imediatamente para evitar uma imagem negativa. (Questionário XIV)

Para Scherer-Warren (2006) as sociedades atualmente são globalizadas, multiculturais e complexas. Desta forma, estes grupos são espaços profícuos de ações e interações, redes de solidariedade e construção de identidades. Segundo Castells (2013) “quanto mais interativa e autoconfigurável é a comunicação, menos hierárquica é a organização e mais participativo é o movimento. É por isso que os movimentos sociais em rede da era digital representam uma nova espécie em seu gênero.” (CASTELLS, 2013, p.25). Desta forma, segundo o autor as interações que existem nas redes sociais online permitem uma maior rapidez na comunicação, maior autônoma, divulgação e informação para a construção de mobilizações.

3.5 “AFINAL O QUE QUEREM OS VEGANOS?”

Segundo Melucci (2001), além da solidariedade e do conflito, existe um terceiro elemento que contribui para a constituição de um movimento, que seria a ruptura dos limites de compatibilidade, é o último elemento de análise; segundo Melucci, a ruptura do “sistema de relações sociais em que a ação coletiva se coloca” (Idem, p. 37) e por consequência, a modificação da estrutura social vigente. No caso do veganismo, a partir de uma visão antiespecista das relações estabelecidas com os animais, isto se daria a partir do rompimento com a lógica do uso e exploração dos animais pela sociedade, que ao mesmo tempo, culminaria na construção de uma nova estrutura social baseada no chamado “abolicionismo animal”, conceito que diz respeito a erradicação dos usos e exploração dos animais por parte dos humanos.

Em uma das questões levantadas no questionário, perguntava-se o que o participante explicaria sobre o veganismo para alguém que desconhece o assunto. Nas respostas, é possível observar que todos os participantes colocam o veganismo como um estilo de vida que tem como base preceitos éticos de respeito a vida dos animais:

O veganismo é um estilo de vida que tentamos viver na medida do possível evitando a exploração animal. Respeitar todo tipo de vida é importante para mim. ” (Questionário IV);

Veganismo é não utilizar nada, em nenhum âmbito da vida, que tenha exploração animal. É respeitar os animais. Não é necessário alimentar-se de animais para se viver bem e saudável. Não há nada de lúdico em ser vegano, é uma questão básica de ética. (Questionário VI).

Veganismo é uma filosofia de vida onde se procura excluir dentro do possível e praticável qualquer exploração animal. Pode-se viver perfeitamente sendo vegano, a qualidade de vida melhora, menos animais morrem e sofrem, o planeta também é poupado, além de ter a consciência tranquila por não fazer parte de tal e exploração. (Questionário IX)

Os termos “estilo de vida”, “filosofia de vida”, “posicionamento ético e político” são bastante recorrentes para explicitar o que é o movimento vegano na visão dos próprios veganos. Todas elas se baseiam em mudanças do cotidiano do indivíduo além de uma busca de uma “superação espiritual” e “construção de uma harmonia entre os seres vivos”.

Para Trigueiro (2013), essas mudanças sociais e esse novo modo de se viver em sociedade se daria necessariamente por dois pontos:

a) pela revisão dos princípios éticos que marcam o pertencimento à comunidade de direitos; e b) pelas novas formas de controle de si, ou seja, uma dieta corporal com base nas interdições alimentares e no rígido controle do consumo de produtos originados do sofrimento animal. (TRIGUEIRO, 2013, p. 254)

Assim, é possível visualizar um projeto de mudança na sociedade, que busca na alteração de diversas práticas sociais dentre elas (a) práticas alimentares e de consumo (no não consumo de carne, derivados e produtos com ingredientes de origem animal), (b) práticas de entretenimento e comércio (no não financiamento da exploração de animais em espetáculos ou outras formas de violência, como reprodução de animais com o intuito de lucro), (c) práticas científicas (no não uso de animais enquanto cobaias de experiências e de testes de produtos, buscando formas alternativas sem uso de violência especista).

O veganismo busca alterar determinados valores na sociedade contemporânea para chegar a esse projeto de novo padrão civilizatório de respeito e convivência pacífica com os animais. Nesse sentido, buscasse superar o desafio do especismo, que faz com que seres humanos concebam os animais que não pertencem a sua espécie enquanto objetos, sem individualidade e dentro de categorias (JOY, 2014). Desta forma, a busca pela empatia e a compaixão pelos animais, nobres sentimentos, impera como a visão de superação. Acreditar na sentiência destes seres vivos, na sua capacidade de sentir dor e possuir sentimentos, na busca em respeitar as individualidades de cada animal e ao mesmo tempo desconstruir a existência dos mesmos a serviço dos humanos.

Desta forma, o veganismo preconiza um novo projeto de sociedade, um novo padrão civilizatório, que busca um estado ideal de harmonia entre os seres humanos e não humanos, se baseando na libertação dos animais não humanos, e que contrapõe com as atuais lógicas “carnistas” da sociedade atual de exploração hierárquica de outros seres vivos sencientes.

Quando olhamos para trás e observamos os hábitos e costumes do passado, muitas vezes sentimos repulsa e um certo estranhamento. Desta mesma forma, é possível que, em um futuro de média proximidade, os hábitos de nossa sociedade tão comuns e naturalizados de exploração e consumo de animais também possam ser vistos com estranhamento, repulsa e vergonha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente texto podemos observar que, primeiramente, veganismo, mesmo não sendo um movimento focado exclusivamente sobre alimentação, tem na comida a sua maior referência. O veganismo não pode ser tratado enquanto uma simples escolha dietética; ele se dá como uma orientação de que as escolhas da alimentação estão relacionadas a uma perspectiva do campo moral, ético e político, por isso é também chamado de vegetarianismo ético. O movimento vegano se coloca enquanto profundo questionador do discurso hegemônico alimentar, no qual coloca a carne e alimentos derivados de animais como essenciais para a manutenção da vida e saúde.

O veganismo é um movimento que possuem em seu cerne os elementos da luta pelos direitos dos animais contra qualquer uso, violência e crueldade. Desta forma, o movimento se apresenta com a bandeira do antiespecismo, que diz respeito ao preconceito, superioridade e hierarquia que seres humanos possuem em relação aos seres das diferentes espécies animais, e com a bandeira do abolicionismo animal, no que diz respeito a abolição de todas formas de escravidão animal imposta pelos humanos na busca de seus próprios interesses e satisfação de suas necessidades.

Contemporaneamente, a alimentação e o consumo possuem uma característica de serem reflexivos e não se restringem mais apenas aos espaços do privado. Desta forma, o consumo não tem mais relação apenas com interesses de apenas saciar alguma necessidade, mas também possui uma orientação política e ética. Nesta perspectiva, entra em jogo a ética do veganismo, uma ética animalista, que orienta as práticas consumo a partir da exclusão de produtos e marcas que trazem na sua composição o sofrimento e a exploração de animais.

Podemos perceber no veganismo duas perspectivas que se cruzam e se entrelaçam, e que possibilitam o compreender de forma mais plena. A primeira é perceber o veganismo enquanto um estilo de vida, o que pode ser observado no capítulo II, e a segunda é o veganismo enquanto um movimento, um ativismo, um engajamento social, que pode ser observado no capítulo III.

Dentro do que foi possível observar, a partir dos dados coletados por meio questionários *online*, a partir das observações feitas nas redes sociais digitais e em alguns eventos veganos, podemos considerar que não é possível separar o estilo de

vida do ativismo vegano. O que se percebe é que tanto o estilo de vida individual é extensão do engajamento, enquanto o engajamento acaba por ser extensão do estilo de vida. Não há a necessidade de procurar qual destes vem primeiro, mas é como se ambos lados germinassem juntos a partir das modificações de vida do indivíduo que faz a busca e opção pelo veganismo.

No capítulo II, três elementos são trazidos como importantes para compreender as mudanças que o veganismo influenciará na vida da pessoa: leitura e decodificação de rótulos, uso da cozinha e impactos nos círculos familiares e de amigos. A leitura dos rótulos é uma das estratégias mais básicas de sobrevivência do vegano. Encontrar produtos que são adequados ao consumo nos mercados, por vezes, é tarefa árdua. Por conta disso, uma grande rede de informações no meio digital se prolifera ajudando e orientando veganos. Listas com produtos adequados são constantemente atualizadas conforme os produtos ou marcas vão modificando seus ingredientes, suas práticas de produção ou seus modos de publicização. A cozinha e o ato de cozinhar também se torna um grande aliado no processo de “veganização”. Para ser vegano, não basta procurar por alimentos que não contenham sofrimento animal em sua composição, mas também deve-se saber como cozinhar tais alimentos. A independência na cozinha é um fator determinante para uma alimentação adequada. Muitos veganos relataram que ao se tornarem veganos, tiveram a necessidade de aprender a cozinhar para conseguir se alimentarem, seja pelo fato de estarem dividindo a casa com pessoas não veganas, ou pelo fato de precisarem carregar sua própria comida, tendo em vista a falta de opção veganas para consumo fora de casa. O último elemento listado é o impacto em círculos de amigos e familiares. É inegável que quando algum membro da família ou amigo muito próximo se torna vegano, este fato afeta diretamente todas as pessoas no entorno. Ser vegano é estar alinhado a uma ética que fará alterar vários setores da vida pessoal e que terá impacto em várias tomadas de decisões. Isto pode gerar tanto impacto positivo, em que pessoas próximas são convidadas a questionar e até mesmo mudar seus próprios hábitos “carnistas”, como também um impacto negativo, no qual o veganismo será o epicentro de uma infinidade de conflitos entre pessoas do círculo íntimo que além de se negam a aceitar ou refletir acerca de suas práticas cotidianas, além da possibilidade de uma convivência conflituosa entre ambas as partes. Muitos veganos comentam que sofreram resistência por parte de seus familiares em relação ao veganismo, tornando a

convivência dura e cheia de enfrentamentos; já outros veganos relatam que num primeiro momento houve certo estranhamento, mas que as práticas veganas pouco a pouco foram assimiladas pelos mais próximos, fazendo com que outras pessoas próximas se sentissem interessadas em aderir ao veganismo também. Como conluo neste capítulo, isto faz parte do processo de reflexividade presente no estilo de vida vegano e que proporciona infindáveis mudanças de hábitos cotidianos de cada pessoa.

O capítulo III trata das questões vinculadas do veganismo enquanto um movimento de engajamento político, ético e social. Através de ações de boicotes e *buycotts* com os relatos de duas ações engajadas de grupos de defesa dos direitos dos animais é possível perceber as formas que o veganismo se organiza para lutar contra um sistema hegemônico “carnista” de exploração, uso e consumo de animais. Trazendo os conceitos de Melucci, é possível observar o movimento vegano dentro da perspectiva de um “novo” movimento social de caráter antiespecista que luta pelos direitos dos animais e pelo abolicionismo animal e que busca romper com esta lógica “carnista”. Este processo de ruptura, que Melucci observa como uma das três referências para compreender a dinâmica de um movimento social, concebe uma nova forma de buscar saídas para um contexto de violência e exploração contra a vida dos animais.

BIBLIOGRAFIA

- ABDALA, M.C. **Do tabuleiro aos self-services**. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v.13, n.16, p 97-118, 2005.
- ABONIZIO, Juliana. **Conflitos à mesa: Vegetarianos, consumo e identidade**. Rev. Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 31, n. 90, p. 115-136, Feb. 2016.
- AGUIRRE, Sonia; GONZÁLEZ, Rolf. **Identidades en tensión: devenir de una etno y gastropolítica en Isla de Pascua**, 2012.
- ALONSO, Angela. **As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. *Lua Nova*, São Paulo, 76: 49-86, 2009.
- APPADURAI, Arjun. Gastro-politics in Hindu South Asia. **American Ethnologist**, vol. 8, n.3, Symbolism and Cognition, 1981. p. 494-511.
- BARBOSA, L. **Tendências da alimentação contemporânea**. In: PINTO, M. L. & PACHECO, J. K. (orgs.). **Juventude, consumo e educação 2**. Porto Alegre: ESPM, 2009, pp. 15-64.
- BARBOSA, L. **A ética e a estética na alimentação contemporânea**. In: Cruz, F. T. da; Matte, A. e Schneider, S. (Orgs.). **Produção, consumo e abastecimento de alimentos**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016, p. 95-123.
- BEARDSWORTH, A. & KEIL, T. (1992), **The vegetarian option: varieties, conversion, motives and careers**. *The Sociological Review*, 40 (2): 253-293.
- BECK, Ulrich. **Risk Society: Towards a New Modernity**. London: Sage, 1992. (cadê a referência no texto?)
- _____. **World risk society**. Cambridge: Polity Press, 1999.
- _____. **Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BECKER, Howard. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Organização: Renato Ortiz)

_____. **O poder simbólico**. São Paulo, Ática, 1989.

_____. **O ofício de sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CALDEIRA, Teresa. **"A presença do autor e a pós-modernidade"**. **Novos Estudos Cebrap**, n. 21, julho de 1988. p. 116-132.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. São Paulo: Zahar, 2013.

CASTANEDA, Marcelo. **Ambientalização e politização do consumo nas práticas de compra de orgânicos**. **Cad. CRH**, Salvador, v. 25, n. 64, p. 147-160, Apr. 2012.

CORRÊA, Carolina Pimentel et alli. *De Pareto a Borges: realidade e ficção na construção do conhecimento em sociologia*. **Áskesis**. São Carlos/ SP: UFSCar. Vol.1, nº 3, Janeiro-Junho/ 2014, p. 202-233.

COLOMÉ, Felipe da Luz. **Consumo, política e engajamento: Uma análise sociológica do consumo contestatório vegano no Brasil e Canadá**. Tese de Doutorado/ PPGS/ UFRGS. Porto Alegre, 2018.

DAMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter *anthropological blues***. Boletim do Museu Nacional nº 27, Rio de Janeiro, 1978.

DENDASCK, Carla Viana; LOPES, Gileade Ferreira. **Conceito de Habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do conhecimento. Vol.3, Ano 1. Maio de 2016. P. 1-10

DIAS-MÉNDEZ, Cecilia; GARCÍA-ESPEJO, Isabel. **O potencial da sociologia da alimentação para estudar os efeitos da globalização alimentar**. In: Cruz, F. T.

da; Matte, A. e Schneider, S. (Orgs.). **Produção, consumo e abastecimento de alimentos**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016, pp. 25-51.

FELIPE, Sônia T. **Ética na alimentação: O fim da inocência**. Palestra proferida no Encontro Temático da SVB-Brasília, 16 e 17 de agosto de 2008.

_____. **Ética animalista**. 2013. <http://olharanimal.org/etica-animalista/> acessado em 20 de fevereiro de 2019.

_____. **A perspectiva ecoanimalista feminista antiespecista**. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014.

FERRIGNO, M.V. **Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico**. Dissertação de mestrado/ PPGAS – Unicamp; Campinas, 2012.

FLANDRIN, J.-L.; MONTANARI, M. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: **Revista Brasileiro de Educação**. No. 10, Jan 1999, pg. 58-78.

FOX, N. & WARD, K. **Health: ethics and environment: a qualitative study of vegetarian motivations**. *Appetite*, 50: 422-429, 2008.

FRANCIONE, Gary. [Mission Statement](http://www.abolitionistapproach.com/about/mission-statement/), *Animal Rights: The Abolitionist Approach*, July 2009. <http://www.abolitionistapproach.com/about/mission-statement/>

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, A.; LASH, S.; BECK, U. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

GUIMARÃES JR. Mario J. L. **De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social *on-line***. Revista Horizontes Antropológicos vol.10 nº 21 Porto Alegre Janeiro/Junho de 2004.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 2007. 2ª ed.

HARRIS, Marvin. **Vacas, porcos, guerras e bruxas: Os enigmas da cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.

LACERDA, Gabriela; VARELA, Thiago. **Vivisseccção: Crueldade ou ciência necessária?** Relatório PIBIC: PUC-Rio, 2003.
http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2013/relatorios_pdf/ccs/DIR/DIR-Gabriela%20Lacerda.pdf acessado em 17 de dezembro de 2017.

LAFER, Celso. "Bobbio: razão, paz e democracia". In: Lafer, C. **Ensaio Liberais**. São Paulo: Siciliano, 1991, pp. 47-60.

LEWGOY, Bernardo. **A invenção da (ciber)cultura: Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço**. Revista Civitas, Porto Alegre, v. 9, n.2, p. 185-196. Maio-agosto de 2009.

MALASSIS, L. **Économie agro-alimentaire: économie de la consommation et de la production agro-alimentaire**. Paris: Cujas, 1973. t. 1.

_____. **Histoire de l'agriculture, histoire de l'alimentation, histoire générale**. Econ. Rurale, 184/185/186:192-8, 1988.

_____. **Nourrir les hommes**. Paris, Flammarion, 1994.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 30, n. 2, 2004, p. 289-300.

MÁXIMO, Maria Elisa. **O eu encena, o eu em rede: Um estudo etnográficos nos blogs**. Revista Civitas, Porto Alegre, v. 7, n.2, p. 25-47. Julho-dezembro de 2009.

MELUCCI, Alberto. *A Invenção do presente*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 2003.

MAGALHÃES, Katharinne de Sousa Marques. **Vegetarianos, internet e ativismo: As novas formas de se tornas e ser vegano**. Dissertação de mestrado. PPGCISH/UERN, 2015.

MICHELLETTI, M. **Political virtue and shopping: individuals, consumerism, and collective action**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

OLIVEIRA, Silvana P. *THEBAUD-MONY, Annie*. **Estudo do consumo alimentar: em busca de uma abordagem multidisciplinar**. Rev. Saúde Pública [online]. 1997, vol.31, n.2, pp.201-208.

PERROTA, Ana Paula. **Vegetarianismo ético e posições carnívoras: questões além do sabor e dos nutrientes**. Estudos Sociedade e Agricultura, junho de 2017, vol. 25, n. 2, p. 327-352.

POULAIN, J.P. **O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares**. Rev. Nutr., Campinas, 16(3):245-256, jul./set., 2003.

PORTILHO, Fátima. Consumidores de alimentos orgânicos: discursos, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, n. 26, 2010.

PORTILHO, Fátima; CASTANEDA, Marcelo e CASTRO, Inês Rugani Ribeiro de. A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. Revista Ciência e Saúde Coletiva. 2011, vol.16, n.1, pp. 99-106.

PORTILHO, Fátima; CASTAÑEDA, Marcelo. Consumo e Política: Neo-modernismo e reflexividade social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 16, 2009, Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: 2009.

REGAN, Tom. **Jaulas vazias**. Porto Alegre, Lugano 2006.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SASSATELLI, Roberta. *Virtue, responsibility and consumer choice*. In: TRENTMANN, F; BREWER, J. **Consuming cultures global perspectives historical trajectories**. Oxford, Berg, 2006.

_____. **Contestação e consumo alternativo: a moralidade política da comida**. Tessituras, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 10-34, jul./dez. 2015.

SAWINCKI, F. SIMEANT, J. **Inventário da sociologia do engajamento militante. Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses**. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 28, set./dez. 2011, p. 200-255.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Soc. estado.**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, Apr. 2006.

SEIDL, Ernesto. **Engajamento e militância associativa em Sergipe**. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26ª, Porto Seguro, 2008a. Disponível em <http://www.aba.org.br/>

_____. **Disposições a militar e lógica de investimentos militantes**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 21-39, maio/ago. 2009

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. n. 20, p. 60-70, 2002.

SILVA, Gilda Olinto do Valle Silva. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. v. 1, n. 2, p. 24-36, 1995.

SILVA, Illeize L.F. **O problema da objetividade e da subjetividade nas teorias sociais clássicas e contemporâneas: Um debate necessário**. Revista Mediações, Londrina, v.1 n.2, jul-dez 1996.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 21, p. 187-226, dez. 2016.

SILVA, Marilu Albano. **Cozinha: espaço de relações sociais**. Iluminuras, v.10, n. 23, 2009.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Porto: Via optima, 2008.

TRAJANO, Tagore. **Direito animal e hermenêutica jurídica da mudança: a inserção da linguagem dos movimentos sociais em um novo significado jurídico**. Palestra UFBA, 2008.

TRIGUEIRO, Aline. **Consumo, ética e natureza: o veganismo e as interfaces de uma política de vida**. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan./jun. 2013, p. 237-260.

TRINDADE, Gabriel Garmendia. **Animais como pessoas: A abordagem abolicionista de Gary L. Francione**. Jundiá: Paco, 2014.

VILELA, Diego Breno Leal. **Ativismo vegano em Natal (RN): Uma etnografia sobre mobilização política, alimentação ética e identidades**. Dissertação de Mestrado/ PPGAS/ UFRN. Natal, 2013.

VILELA, Diego Breno Leal. **Consumo político e ativismo vegano: dilemas da politização do consumo na vida cotidiana**. Estudos Sociedade e Agricultura, junho de 2017, vol. 25, n. 2, p. 353-377.

ANEXO – ROTEIROS DE QUESTIONÁRIO

ROTEIRO QUESTIONÁRIO I - Pesquisa sobre Veganismo enquanto estilo de vida e ativismo político (Parte 1)

Quanto tempo faz que você é vegano? (Se você estiver em transição, ponha essa informação)

Por que você se tornou vegano? Cite alguma situação ou motivação que fez você adotar o veganismo. Comente um pouco o processo até chegar ao veganismo.

Como seu organismo reagiu a essas mudanças? Você percebeu alguma diferença?

Como essa adesão ao veganismo modificou os hábitos do seu dia-a-dia, do seu cotidiano? Quais os impactos do veganismo na sua vida?

Como sua família e círculo de amigos reagiram a essa mudança? Eles foram impactados por essas mudanças?

Você sentiu alguma dificuldade, sofreu algum tipo de violência (verbal, simbólica ou até mesmo física) por conta do veganismo? Poderia compartilhar seu relato?

Como foi a mudança do seu padrão de consumo após o veganismo? Você teve ou ainda tem alguma dificuldade para manter padrões de consumo orientados pelo veganismo?

Você poderia descrever um pouco sobre a sua alimentação no dia-a-dia? Da escolha dos ingredientes, passando pelo preparo até chegar ao prato final.

Você passou a frequentar lugares diferentes após adotar o veganismo? Restaurantes, cafés, lugares públicos...

Para finalizar: o que significa ser vegano para você?

ROTEIRO QUESTIONÁRIO II - Pesquisa sobre Veganismo enquanto estilo de vida e ativismo político (Parte 2)

Você faz parte de algum movimento/grupo/coletivo (fora das redes sociais) que tenha como bandeira a defesa do veganismo? Se sim, comente um pouco sobre o que o grupo defende, quais ações ele tem, como ele se organiza...

Você participa de grupos sobre veganismo nas redes sociais? Quais?

Qual a importância dos grupos fora e dentro das redes sociais para o veganismo? Quais as atividades realizadas nos ou por meio destes grupos?

Qual a importância das redes sociais para a disseminação de informações sobre o veganismo?

Já participou de alguma ação de protesto ou boicote em defesa dos animais ou contra alguma prática condenável? Se possível, relate qual/quais, como foi realizado e o que objetivava.

Você passou a se interessar por questões de interesse público após virar vegano (ecologia, política, feminismo, etc) ou você já tinha interesse nesses assuntos antes da mudança?

Se você tivesse que explicar para alguém o que é veganismo e quais benefícios ele traz no campo ético, o que você diria?

Você costuma buscar informações sobre o veganismo? Estudar mais profundamente quanto a aspectos filosóficos, jurídicos, etc? Cite alguns exemplos.

Quais motivos que levaram você a aderir ao veganismo?

- () Saúde
- () Questão ambiental
- () Religião ou espiritualidade
- () Ética

Política

Outros

Que estratégias você acredita que sejam melhores para que as pessoas que não são veganas se tornem veganas?

Para você o veganismo é um(a):

Movimento social

Causa social

Filosofia de vida

Cena

Estilo de vida

Moda

Ativismo político

Rede

Outros

Você poderia justificar sua resposta anterior?

Você teria mais alguma coisa para falar sobre a experiência de ser vegano?